

*Me seu.*

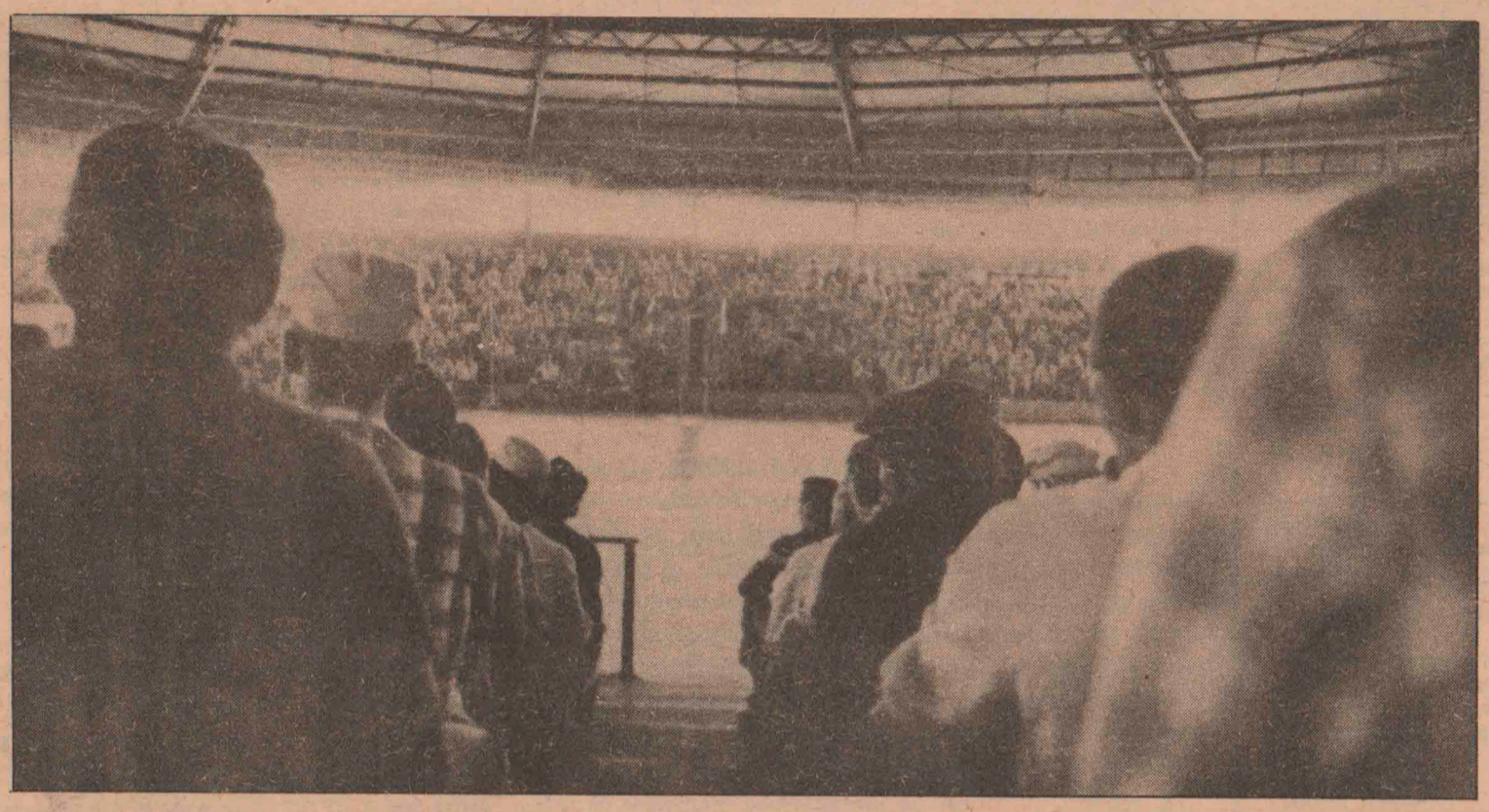


# COTRIJORNAL

ANO 10

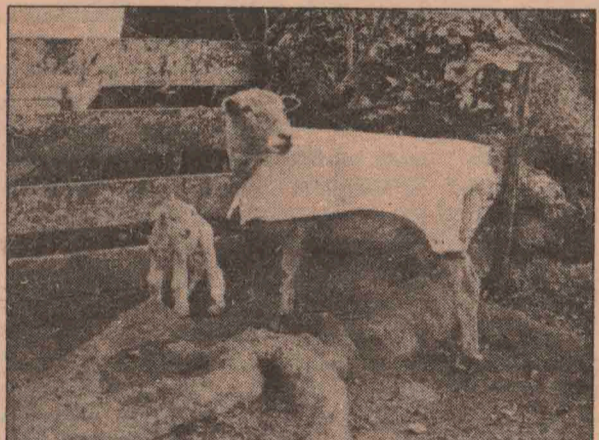
- IJUÍ, AGOSTO DE 1982 -

Nº 97



## O PROTESTO AMPLIADO

Página 4



**Esquila**

**A OVELHA QUE  
DÁ LÃ E CRIA  
FORA DE ÉPOCA**

Página 8



**25 anos**

**UM ANIVERSÁRIO  
DE MUITO DEBATE  
E POUCA FESTA**

Página 12



**Defensivos**

**O QUE ADIANTA  
PROIBIR  
APENAS O USO?**

Última página



**COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA.**



Rua das Chácaras, 1513  
Caixa Postal 111 - Ijuí, RS  
Fone: PABX - (055) 332-2400  
Telex: 0552199

CGC ICM 065/0007700  
Inscr. INCRA N° 248/73  
CGC MF 90.726.506/0001-75

**ADMINISTRAÇÃO**

**Diretoria Executiva**

Presidente:

Ruben Ilgenfritz da Silva

Vice-presidente:

Arnaldo Oscar Drews

Superintendente:

Clóvis Adriano Farina

**Diretores Contratados:**

Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues Borges, Oswaldo Olmiro Meotti, Valdir Zardin, Rui Polidoro Pinto, Bruno Eisele, Renato Borges de Medeiros.

**Conselheiros (Efetivos)**

Waldemar Michael, Walter Luiz Driemeyer, Arnaldo Hermann, Telmo Rovero Roos, Joaquim Librelotto Stefanello, Reinholdo Luiz Kommers.

**Conselheiros (Suplentes)**

Rodolfo Gonçalves Terra, Euclides Marino Gabbi, Constantino José Goi, Vicente Casarin, Ido Marx Weiller, Erni Schünemann.

**Conselho Fiscal (Efetivos)**

Antonio Bandeira, Rui Adelino Raguzzani, João Telló.

**Conselho Fiscal (Suplentes)**

José Carlos Vione, Antoninho Boiarski Lopes, Mário Hendges.

**Capacidade em Armazenagem:**

LOCAL	INSTALADA
Ijuí	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto - Sede	77.000 t
Sto. Augusto - Esq. Umbú	50.000 t
Ten. Portela	60.800 t
Jóia	67.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	45.000 t
Maracajú - Sede	65.000 t
Maracajú - Vista Alegre	17.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brilhante	29.000 t
Dourados - Sede	82.000 t
Itaum (Dourados)	26.000 t
Indápolis (Dourados)	17.000 t
Douradina	17.000 t
Caarapó	17.000 t
Ponta Porã - Posto Guaíba	42.000 t
Itaporã - Montese	17.000 t
Campo Grande - Anhanduí	17.000 t
Aral Moreira - Tagi	17.000 t
Bonito	17.000 t



**COTRIJORNAL**

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 18.500 exemplares

Associado da ABERJE



Associado da



Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob número 9.

Certificado de marca de propriedade industrial M/C11 número 022.775 de 13.11.73 e figurativa M/C11 número 022.776, de 13.11.73.

**REDAÇÃO**

Christina Brentano de Moraes  
Dária C. Lemos de Brum Lucchese  
Moisés dos Santos Mendes

Composto no Jornal da Manhã, em Ijuí, e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

**Ao leitor**

O Rio Grande do Sul, e ainda alguns municípios do Mato Grosso, quase reprisaram os acontecimentos de março de 1980. A exemplo do que aconteceu no caso do confisco, os produtores fizeram concentrações e desfiles para exigir o atendimento, por parte do Governo, de algumas reivindicações. A semelhança do confisco, entretanto, fica apenas aí. O movimento já nasceu de forma diferente, mais como uma decisão tomada por lideranças do que propriamente como resultado de um amplo trabalho de base. Este foi começar depois, quando o protesto já estava definido.

Isto explica também porque, apesar do apoio recebido inclusive das entidades sindicais que reúnem os pequenos produtores, muitas reivindicações foram sendo incluídas apenas no desenrolar do movimento. Algumas soluções já foram obtidas, mas o movimento ainda não é considerado vitorioso, já que as conquistas ainda são parciais.

A decisão, daqui para a frente, é continuar com o movimento, como foi definido num encontro entre as lideranças das cooperativas e Comissão Estadual que manteve os contatos com as autoridades de Brasília. Veja na página 4.

Os 25 anos da Cotrijuí, completados no dia 20 de julho, foram marcados mais por debates e reflexão sobre os futuros passos da Cooperativa, do que por festas que comemorassem o aniversário. A programação teve seu ponto alto numa feira de produtos coloniais montada junto à sede, em Ijuí. Ali, organizados pelos núcleos, os produtores comercializaram mel, vinho, mandioca, queijo, salames e trabalhos manuais, mostrando que a mesa dos colonos é bastante diversificada. Em várias unidades aconteceram reuniões para debater os rumos da Cooperativa e analisar os seus serviços, além de torneios esportivos organizados pelas Associações de Funcionários. De festa mesmo, só um baile promovido pela Afucotri de Ijuí, enquanto a unidade de Coronel Bicaco aproveitava a data de

20 de julho para inaugurar as ampliações da sua loja e supermercado. Os momentos dos 25 anos são mostrados na matéria da página central.

As águas do Guaíba, em Porto Alegre, apareceram contaminadas com pesticidas clorados e provocaram uma das mais extensas polêmicas sobre os defensivos agrícolas que se viu nos últimos anos. Nem um decreto do governador do Estado, proibindo o uso de defensivos clorados na agricultura, conseguiu colocar um ponto final em toda discussão. E também nem poderia ser diferente. Proibir o uso e penalizar os agricultores que empregarem estes produtos na sua lavoura não vai resolver o problema de utilização inadequada dos pesticidas, e nem tampouco eliminar os casos de intoxicação humana. O problema vai mais longe, envolvendo a fabricação e comercialização destes produtos, o que é regulamentado por leis federais. Veja na última página.

A desburocratização do crédito, decretada em junho deste ano, somente agora começa a ser melhor entendida. Uma série de alterações na circular que introduziu o crédito sem exigências foram realizadas nos últimos dois meses, enquanto sérias críticas à medida continuaram aparecendo. O assunto é abordado na matéria que está na página 3.

Uma experiência que vem sendo posta em prática em Dom Pedrito já começa a mostrar seus primeiros resultados. É a tosquia das ovelhas durante o período de outono e inverno, uma época radicalmente oposta à usualmente adotada. A intenção é conseguir uma redução no índice de lã manchada e de capacho, que perdem valor comercial, e também permitir melhores condições de sobrevivência para as crias. E, ao que tudo indica, a experiência provará sua validade. Na página 8.

**Do leitor**

**OS QUE CULTIVAM A TERRA**

Tomei conhecimento através de dirigentes de sindicatos, há algum tempo, sobre publicações de vosso prestigioso veículo de comunicação, o "Cotrijornal", com excelentes referências ao seu conteúdo como meio de orientação aos que cultivam a terra.

Como a entidade que represento, o Sindicato de Trabalhadores Rurais de Bento Gonçalves, tem por fim, entre seus objetivos, o de bem informar-se e divulgar o que de mais interessante acontece em outras regiões, e de útil para o homem do campo, venho solicitar, se possível, a remessa periódica do informativo, o que virá a contribuir para o desenvolvimento rural.

Mário Gabardo

Presidente do STR

Bento Gonçalves - RS

**O PRIMEIRO JORNAL**

Temos o imenso prazer de lhes comunicar que no dia 2 de agosto de 1982 recebemos o primeiro jornal, que é o do mês de abril.

A alegria foi tanta que cada um queria ler primeiro.

Felicitemos por intermédio do Cotrijornal a direção e funcionários da Cotrijuí pelos 25 anos desta maravilhosa empresa.

Arlindo Kommers e família  
Boa Vista - RO

**A NOSSA REALIDADE**

Através desta, solicito enviar-me este jornal, pois sou estudante da Fidene, tomei conhecimento deste jornal que traz

muitas informações atuais e que condiz com a nossa realidade. A minha escola tem uma biblioteca precária, e ao menos os alunos poderão fazer alguma pesquisa através deste jornal.

Doralina Signor

Escola Floriano Peixoto - Engenho Velho - Constantina - RS

Recebemos e agradecemos os cumprimentos pela passagem do 25º aniversário da Cotrijuí e 9º aniversário do Cotrijornal, no dia 20 de julho, enviados por:

Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas; MPM Propaganda; Representação do Estado do Rio Grande do Sul em São Paulo; Companhia Rio-grandense de Telecomunicações; Murillo Macedo, ministro do Trabalho; Superintendência Regional da RFFSA; Epatur; Mário Bernardo Sesta, procurador-geral do Estado; Secretaria da Justiça do Estado do Rio Grande do Sul; Superintendência Regional do INAMPS; Caixa Econômica Federal; Fundação Sul rio-grandense de Assistência; Capão Novo Empreendimentos Imobiliários; Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul; deputado Alberto Hoffmann; deputado Victor Facioni; Empresa Brasileira de Notícias; Delegacia Federal de Agricultura no Rio Grande do Sul; Rádio Publicidade Ltda; deputado Cláudio Strassburger; Weco; Banco do Brasil - agência de Ijuí; Gimic Publicidade e Propaganda; Irineu Licks e Cia. Ltda.; José Caminha Coelho Leal, prefeito de Dom Pedrito; Pohl e Cia. Ltda. e Representações Pohl; Banco do Brasil - agência Centro - Porto Alegre; Guaibacar; Shell Química S/A; Petrobrás/

Distribuidora; senador Pedro Simon; Bamerindus - agência de Ijuí; Metalúrgica Saur; Miguel Guerra; Ádria Produtos Alimentícios Ltda.; Indústrias Luschinger Madorin - Adubos Trevo; Metalúrgica Matarazzo; Sindicato da Indústria de Óleos Vegetais no Estado do Rio Grande do Sul; Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo-Sul; ICI do Brasil; Cooperativa Regional Tritícola Santo Ângelo - Cotrisa; Divisão Técnica Ceasa/RS; Manah S/A; Banco Sulbrasileiro S/A - agência de Ijuí; Amaral de Souza, governador do Estado do Rio Grande do Sul; Unifertil; Tintas Louçalin; Usina Colombina; Alberto Penno; Trilhotero Indústria de Máquinas Agrícolas Ltda.; Banco Habitasul; Guilherme Seidler e Cia. Ltda.; Cooperativa Tritícola Panambi Ltda.; CNPTrigo/Passo Fundo; Fecolan; Presidência da CESA/RS; Cia. de Seguros Minas-Brasil; Solorrco S/A; Aços Laminados Panatlântica S/A; Irgovel - Indústria Rio-grandense de Óleos Vegetais; D.F.Fiorenzano e Cia Ltda.; Bank of London and South America Limited; Senar/MTB-RS; Distribuidora de Produtos de Petróleo Ipiranga S/A; Drexel Burnham Lambert do Brasil; Cotrícia; Sobrasil; Gastão Wallauer e Rafale Peres Borges; IAP Sul Fertilizantes Ltda.; Metasa S/A; Curipel S/A; Associação Rio-grandense de Imprensa; Grupo Zamprogna; Emater - gerência municipal de Ijuí; Serviço Social da Indústria - delegacia regional; Rotary Club de Ijuí; Companhia União de Seguros Gerais; Associação Comercial e Industrial de Ijuí; Fidene; Multi Sul Silos Armazéns e Agromecanismos Ltda.





# O DIFÍCIL CRÉDITO SEM BUROCRACIA

Todas as medidas anunciadas para a desburocratização do crédito rural nem chegaram a ser postas em prática de forma como foram estabelecidas pelas instruções aprovadas pelo Conselho Monetário Nacional no dia 16 de junho passado (veja o Cotrijornal de julho). Primeiro que as instruções não ficaram bem claras. Além disso algumas das medidas se mostraram impraticáveis — como a exigência de fiscalização para liberação de parcelas de financiamento — ou então receberam críticas veementemente — como a que dispensou o uso de insumos para a formação das lavouras.

No espaço de dois meses, a circular 706, que estabeleceu esta pretendida desburocratização, recebeu nada menos do que três alterações bastante significativas. Uma delas veio através da carta-circular 784, que modificou o percentual das parcelas liberadas por conta dos financiamentos de custeio. Pela 706, o produtor receberia 40 por cento do custeio no ato da contratação do financiamento; 30 dias após receberia outros 30 por cento; e 120 dias após poderia dispor dos outros 30 por cento. A carta-circular 784 elevou o percentual da primeira parcela, estabelecendo proporções diferentes para cada cultura (veja na tabela ao lado).

## PARCELA MAIOR

Esta medida atendeu melhor, assim, as reivindicações principalmente de médios e grandes produtores, que não conseguiriam iniciar sua lavoura apenas com 40 por cento do valor do seu financiamento. E isto é fácil de entender: os grandes recebem 50 por cento e os médios produtores 70 por cento do VBC (Valor Básico de Custeio), e portanto 40 por cento na primeira parcela, no caso dos grandes produtores, na verdade representaria apenas 20 por cento do valor calculado pelo próprio governo para a formação da lavoura.

## FISCALIZAÇÃO

Outra alteração veio com a carta-circular 791, eliminando a exigência de fiscalização sobre a aplicação da primeira parcela para só então permitir a liberação da segunda parte do financiamento. Isto se mostrava impraticável, pois seria preciso um número muito grande de fiscais para acompanhar de perto a efetiva aplicação dos recursos por

parte dos produtores. Agora, de acordo com a nova carta-circular, já é admitido que a fiscalização seja realizada até antes da liberação da terceira parcela dos financiamentos entre 100 e 500 MVR (Maior Valor de Referência), ou seja, entre Cr\$. . . 776.820,00 e Cr\$ 3.884.100,00. Para os financiamentos de até 100 MVR a fiscalização será feita por amostragem, como já aconteceu nos casos de Proagro de anos anteriores. As propriedades "sorteadas" serão visitadas pelo menos uma vez pelos fiscais até a época da colheita.

## OS PRAZOS

Outra mudança introduzida pela carta-circular 791 fala dos prazos para o pagamento das dívidas de mini e pequenos produtores. Pela circular 706, que introduziu a desburocratização, este pagamento poderia ser feito em até quatro vezes: a primeira 30 dias após a colheita, correspondendo a 20 por cento do débito; a segunda 60 dias depois da colheita, referente a 30 por cento; a terceira em 90 dias, correspondendo a 25 por cento; e a última a 120 dias, com os restantes 25 por cento. Agora, no caso de mini e pequenos produtores a dívida poderá ser efetuada em apenas duas parcelas, de igual valor, vencíveis 90 e 120 dias após o fim da colheita. Só que comercializando sua safra antes deste prazo, o produtor fica obrigado a saldar parte ou a totalidade da dívida. Para quem tomar financiamento maior do que 100 MVRs, o pagamento segue de acordo com as primeiras instruções.

## INSUMOS À VISTA

Uma terceira carta-circular, a de número 790, trata especificamente da comercialização de insumos pelas cooperativas. Ela determina que as cooperativas exijam o pagamento à vista do insumo entregue aos associados que tomaram empréstimo, em qualquer instituição financeira (tanto em bancos oficiais como particulares), para custeio total ou parcial da lavoura. Os médios e grandes produtores associados das Cooperativas que não tenham obtido empréstimo para o custeio, devem pagar à vista pelo menos de 30 a 50 por cento do valor do insumo. O saldo deve ser quitado num prazo máximo de 30 dias após a colheita.

## Um novo estágio para ser assimilado

Quem primeiro deixou de aplicar as medidas da desburocratização foram as próprias agências do Banco do Brasil, que responde por 60 a 70 por cento do crédito rural distribuído no País. "E não aplicamos porque entendíamos que a redação da circular 706 deveria sofrer algumas modificações", como esclarece Jorge Solidônio Serpa, gerente da agência de Ijuí. Foi por isto que os orçamentos analíticos, a obrigatoriedade de aplicar no mínimo 15 por cento em insumos, foram exigências que não deixaram de existir nas agências do Banco do Brasil.

É Serpa quem conta que o Banco, como um todo, resolveu aguardar mais alguns dias pelas novas definições do sistema de crédito rural. E fez mais:

— O Banco do Brasil é que tem a vivência do crédito rural. É esta sua experiência

que permitiu submeter ao Banco Central a sua ótica, propondo modificações na circular 706. Não foi um ato de rebeldia, mas sim uma tentativa de evitar algumas distorções no sistema. As mudanças que agora virão serão para ficar, evitando outras alterações futuras.

## O PESO DA RESPONSABILIDADE

Segundo o gerente da agência de Ijuí, as medidas de desburocratização podem ser entendidas como "uma transferência, em última análise do peso da responsabilidade do banco para os seus clientes. Aconteceram já algumas alterações, mas este novo estágio do crédito rural, sem a ingerência do banco, precisa ser bem assimilado".

Um ponto que Serpa alerta os produtores é o de suas novas responsabilidades ao assinar, junto com o contrato, uma carta de compromisso. É que

mesmo não existindo a obrigatoriedade de uso de insumos na formação da lavoura, o produtor perde o direito de Proagro — e mesmo de futuros financiamentos — se for comprovado pela fiscalização que ele não empregou tecnologia adequada na lavoura. Ou seja, quem não plantar com semente certificada ou fiscalizada, adubos, defensivos, etc, corre o risco de sofrer severas penalidades ao decidir, por conta própria, como aplicar os recursos do crédito rural.

O Banco, a partir de agora, não exigirá mais os orçamentos ou o uso de insumos para liberar o crédito. E nem tampouco providenciará no pagamento dos insumos aos fornecedores. Isto fica sendo de responsabilidade exclusiva do produtor, que deve, por sinal, guardar todos os comprovantes para apresentar à fiscalização.



## LIBERAÇÃO DOS RECURSOS

Cultura	1ª parcela	2ª parcela	3ª parcela
Soja	65% Julho	25% Novembro	25% Fevereiro
Milho	50% Julho	25% Outubro	25% Fevereiro
Sorgo	60% Julho	30% Setembro	10% Janeiro
Arroz irrigado	40% Julho	50% Outubro	10% Fevereiro
Arroz sequeiro	35% Julho	15% Outubro	50% Fevereiro
Feijão	50% Julho	30% Agosto	20% Outubro

Obs: As datas de liberação das parcelas indicam os meses em que elas podem começar a ocorrer, dependendo da época de contratação dos financiamentos.

## A crítica dos agrônomos

Uma das mais veementes críticas às medidas de desburocratização do crédito partiu da Sociedade de Agronomia do Rio Grande do Sul. A SARGS ouviu seus núcleos regionais e divulgou suas críticas a vários itens da circular 706, considerando-a, inclusive, "ineficaz até mesmo na consecução do seu propósito básico de desburocratização".

De acordo com a SARGS "a liberação dos recursos em três parcelas, as duas fiscalizações (item modificado por outra circular, como se mostra na matéria ao lado), o reembolso em quatro parcelas, representam interrupções na continuidade das tarefas agrícolas e acarretam ao beneficiário custos adicionais em viagens, permanências e alimentação, bem como sobrecarregam o agente financeiro com outras tantas formalidades e exigências".

A dispensa da utilização de sementes e insumos de alta produtividade, da apresentação de propostas, planos, projetos e orçamentos, além de dificultar a realização de perícias, provocará outro problema, segundo a SARGS: "o produtor ficou exposto ao risco de não obter este benefício (o Proagro) e o próprio programa se torna passível de desvirtuamento".

## LEGISLAÇÃO

A Sociedade de Agrôno-

mia ainda alertou que a circular 706 não leva em consideração a regulamentação do Crédito Rural, definida por um decreto de 1966, e também a legislação que regulamenta o exercício profissional dos agrônomos. "Toda uma estrutura profissional de serviços agrônômicos, desde a pesquisa, a extensão, ensino, assistência técnica pública e privada, produção de sementes melhoradas, laboratórios de solos, será praticamente desativada, gerando ociosidade e estímulo aos recursos humanos disponíveis".

Outros pontos criticados diziam respeito a liberação de recursos e pagamento das dívidas, medidas que algumas sofreram alterações depois de divulgado o manifesto. Nele a SARGS ainda afirmava:

— Enquanto a Circular 706 representa uma espécie de reconhecimento da maioridade do produto brasileiro, transfere sobre seus ombros uma responsabilidade imensa. Este, ao assumi-la adquire igual direito às condições básicas para o pleno exercício desta responsabilidade: exigir um modelo político aberto e transparente para todos os cidadãos deste país. Os agrônomos deste Estado, solidários com o produtor, neste momento de tantas incertezas, juntam-se a sua luta pela harmoniosa integração da agricultura na economia nacional brasileira.



A luta dos produtores rurais por uma política agrícola que realmente atenda os interesses de quem produz, enfrentou mais um episódio significativo a partir do mês de julho. Os agricultores se mobilizaram em todo Rio Grande do Sul — e também em alguns municípios do Mato Grosso do Sul — num movimento organizado pela Fecotrijo (Federação das Cooperativas de Trigo e Soja do Rio Grande do Sul). Houve a publicação de uma Carta Aberta ao presidente da República, um dia de protesto, e reuniões com autoridades federais. Algumas das reivindicações foram atendidas. Mas como há muitas esperando solução, foi tomada a decisão de manter uma mobilização permanente, esclarecer a opinião pública de tudo o que aconteceu, e continuar a luta para que as demais mudanças reivindicadas venham efetivamente a se concretizar.



A concentração em Santa Rosa reuniu 3.000 produtores e ampliou as reivindicações

## A LUTA CONTINUA COM OUTRAS REIVINDICAÇÕES

# RISSI



## Calçando os pézinhos sensíveis da nova geração

A linha de calçados Rissi também está nas Lojas Cotrijuí

Todo este movimento nasceu numa Assembléia da Fecotrijo realizada no final da segunda quinzena de julho (veja Cotrijornal nº 96). No dia 16 do mês passado foi publicada em toda imprensa uma Carta Aberta assinada por várias Federações de Cooperativas, mais a Farsul e Fetag, onde basicamente eram reivindicados uma revisão nos Valores Básicos de Custeio para as próximas safras de verão; liberação imediata de recursos da EGFs (Empréstimos do Governo Federal), para as cooperativas prosseguirem a comercialização das safras; financiamento integral de custeio para os médios e grandes produtores (que só têm direito a 70 e 50 por cento do VBC, respectivamente) e prorrogação dos débitos dos financiamentos que não puderam ser pagos na data de vencimento por falta de recursos para comercialização. De interesse mais imediato de pequenos produtores estava a reivindicação de reduzir os juros agrícolas de 45 para 35 por cento.

As lideranças marcaram para a data de 27 de julho a realização de um Dia de Protesto, onde os produtores fariam concentrações, passeatas, poriam as máquinas nas ruas, etc., em cada município gaúcho. E o dia do protesto efetivamente aconteceu, em alguns casos fazendo concentrações regionais. Foi assim, por exemplo, na chamada Região 6 da Fecotrijo, da qual faz parte a Cotrijuí (além de 12 outras cooperativas da região de Santo Ângelo e Santa Rosa), que optaram por uma única concentração na cidade de Santa Rosa. Ali, com a participação de 3.000 produtores, aproximadamente, as rei-

vindicações que constavam da Carta Aberta foram bastante ampliadas, pois havia o consenso de que os reais problemas principalmente do pequeno produtor — a maioria nesta região — iam muito além daqueles relacionados pelas lideranças das cooperativas.

### REIVINDICAÇÕES AMPLIADAS

O problema do crédito, por exemplo, um tanto perdia seu sentido num momento em que estes produtores se voltam mais para o processo de diversificação de culturas e enfrentam sérias crises na pecuária leiteira, na suinocultura, etc. A própria Cotrijuí manifestara na fase de preparação do dia do Protesto, que as reivindicações específicas da Carta Aberta não reproduziam exatamente os problemas mais sentidos na sua região. Posição semelhante era adotada pela Cotrisa, de Santo Ângelo, e Cotrimaio, de Três de Maio. Nem por isto, entretanto, deixariam de apoiar e participar do movimento. E foi isto que se viu no dia do Protesto, em Santa Rosa. As questões da Previdência Social Rural, do leite, do enquadramento sindical, da terra, dos custos de produção, dominaram as declarações de quem falou. A manifestação, inclusive, foi encarada como o início de um processo de uma luta mais ampla para a efetiva modificação da política adotada para com o setor rural brasileiro.

### A POSIÇÃO DOS SINDICATOS

Até o dia do Protesto algumas das reivindicações já haviam sido atendidas (veja matéria ao lado), mas os problemas





Os rumos do movimento foram discutidos em reuniões regionais, como esta em Santo Ângelo

considerados mais importantes ainda não tinham recebido uma solução. A mobilização foi avaliada em reuniões realizadas na maioria das cooperativas e também pelos Sindicatos de Trabalhadores Rurais. Estas entidades, por sinal (e principalmente nas regiões tradicionais de soja, onde estão concentrados a maioria dos pequenos produtores gaúchos), foram as maiores responsáveis pela inclusão de uma série de outras reivindicações nas manifestações do protesto. A condução do movimento, ao contrário do que aconteceu no caso do confisco da soja — em março de 1980 — não ficou com o movimento sindical, que já vem há mais tempo lutando por uma nova política agrícola.

Numa reunião de quatro regionais da Fetag — Santo Ângelo, Três Passos, Santa Rosa e Ijuí — que aconteceu nos dias 10 e 11 de agosto, os dirigentes sindicais interpretaram que, de concreto, o movimento não trouxera nenhum resultado para a luta que o movimento sindical vem enfrentando. Por isto a sua posição foi mais a de apoiar o movimento das cooperativas, sem uma participação mais ativa, mesmo discordando da forma como o protesto foi organizado. Segundo eles, faltou consulta à base na hora de

deflagrar o movimento, o que explicaria as razões de nem todos os problemas estarem relacionados.

Esta questão voltou a ser discutida numa reunião preparatória a um encontro geral marcado para o dia 17 de agosto, — o prazo dado para o Governo atender as reivindicações — onde se procurava definir as formas de dar continuidade ao movimento. Adelar Cunha, assessor da Fecotrig, explicou aos dirigentes sindicais presentes à sede da Cotrisa, em Santo Ângelo, que o movimento foi relâmpago porque as condições assim o exigiam. Os VBCs foram divulgados perto da época de formação das lavouras, os EGFs não vinham sendo liberados, e a urgência de chegar a uma definição impediu “que os bombeiros (no caso as bases), fossem chamados”.

#### CONTATOS EM BRASÍLIA

Quando da reunião do dia 17 realizada na sede da Fecotrig, em Porto Alegre, algumas das reivindicações já estavam atendidas. Na semana anterior uma comissão formada por líderes de cooperativas e representantes da Fetag e Farsul estivera em Brasília mantendo contatos com várias autoridades. A comissão conversou



Dirigentes sindicais analisaram o movimento das cooperativas

com os ministros Leitão de Abreu, da Casa Civil da Presidência da República; Ernane Galvéas, da Fazenda; Amaury Stábile, da Agricultura; e Antonio Delfim Netto, do Planejamento. Nem tudo o que era reivindicado — a estas alturas já complementado com outras questões levantadas no dia do Protesto — foi conseguido neste primeiro encontro. Mas outras reuniões já foram marcadas para o final do mês (veja no quadro abaixo) e a expectativa é que outras soluções venham atender às necessidades dos produtores rurais.

Na reunião do dia 17 foram avaliadas as conquistas obtidas até o momento — consideradas insatisfatórias, porque são parciais — e definidos os rumos do movimento daqui para a frente. A decisão foi que os produtores permanecerão mobilizados, já ficando marcada uma nova reunião para o dia 16 de setembro. Além disso foi aprovada uma ampla campanha de esclarecimento à opinião pública sobre as dificuldades enfrentadas pelos produtores, que continuarão a luta pelo atendimento de suas reivindicações.

Outra decisão governamental estabeleceu que os médios e grandes produtores poderão complementar seus financiamentos com empréstimos tomados junto à rede bancária particular, com correção monetária pós-fixada e juros de 12 por cento ao ano. Desta forma, os produtores podem contar com uma fonte alternativa de recursos na complementação de seus custeios, o que antes da reunião em Brasília não estava garantido. E mesmo que a correção monetária seja pós-fixada, (isto é, se pega o empréstimo sem saber ao certo qual será seu custo financeiro) existe a certeza de que suas taxas serão inferiores às de mercado, que hoje oscilam em torno de 130 por cento ao ano. Nos cálculos feitos pela Fecotrig, se esta complementação for utilizada pelo período de seis meses, representará um custo de 70,4 por cento ao ano para o grande produtor e de 60,2 por cento para o médio produtor.

Ficou marcada para o dia 25 de agosto uma nova reunião em Brasília, para tratar das demais reivindicações que não chegaram a ser atendidas nesta primeira fase. Na pauta dos encontros estão a eliminação do frete do segundo percurso para o leite e a redução dos juros para os pequenos produtores.

## O que será levado adiante

Exatamente 35 problemas foram relacionados como reivindicações que serão levadas adiante pelos produtores. Alguns deles terão sua luta encaminhada através da Fetag (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul), como o caso da Previdência Rural, leite, enquadramento sindical. Outros são de competência da Fearroz (Federação das Cooperativas de Arroz), como a importação de produtos, e os restantes serão acompanhados de perto por todo sistema cooperativista integrado à Fecotrig.

Estes problemas foram levantados nas reuniões regionais que antecederam a assembléia do dia 17 de agosto, onde foram definidos os passos futuros do movimento iniciado com a Carta Aberta. São eles:

- Previdência Social Rural, com a reivindicação de equiparação nos direitos e benefícios à previdência urbana;
- Assistência Social (médica, hospitalar e acidentes do trabalho);
- Crédito Fundiário;
- Revisão do Proagro e implantação de um efetivo seguro agrícola;
- Política Agrícola definida;
- Crédito para a conservação do solo;
- Contenção dos preços dos insumos;
- Redução dos elevados custos financeiros;
- Enquadramento sindical;
- Execução do Estatuto da Terra;
- Proibição da importação de produtos quando houver disponibilidade interna ou em épocas de comercialização das safras;
- Solução para os produtores rurais desalojados das áreas das barragens;
- Crédito para eletrificação rural;
- Revisão da classificação dos produtores rurais;
- Estabelecimento de preços mínimos justos, de forma que os AGFs (Aquisição do Governo Federal) remunerem o trabalho do produtor;
- Eliminação do segundo percurso do leite e outras medidas para viabilizar o setor;
- Crédito para investimentos;
- Condições para comercialização de produtos originários da diversificação;
- Maior controle dos lucros auferidos pela intermediação;
- Não alteração das taxas de juros após o vencimento das operações de custeio, quando não houver dolo por parte do produtor;
- Educação rural e maiores verbas para os colégios agrícolas;
- Crédito para habitação rural;
- Eliminação da capitalização semestral dos encargos financeiros;
- Reaplicação dos tributos pagos pela atividade agrícola na própria atividade agrícola, inclusive Imposto Territorial Rural;
- Melhor orientação da aplicação dos recursos do crédito rural;
- Proibição da fabricação de agrotóxicos;
- Desenvolvimento da pesquisa, principalmente na diversificação;
- Assistência Técnica — melhor entrosamento entre Emater e departamentos técnicos das cooperativas;
- Revisão do VBC para a próxima safra;
- Liberação maior de recursos para a atividade rural;
- Preço mínimo para o pêssego e proibição de importação do produto;
- Sistemática para comercialização de bovinos (classificação e tipificação de carcaças) e retorno dos Serviços de Fiscalização Federal a todos os abatedouros, inclusive com intensificação sobre os abatedouros clandestinos. Redução do ICM da carne;
- Deferimento de EGFs adequados à comercialização das safras.

## O que se conseguiu

Algumas das reivindicações que constavam da Carta Aberta foram atendidas antes mesmo da realização do Dia do Protesto. Assim aconteceu com a liberação de recursos para a comercialização das safras, com a destinação de Cr\$ 23 bilhões em EGFs (Empréstimos do Governo Federal), e com a suspensão da cobrança de juros e correção monetária nos empréstimos não liquidados pelos produtores de soja.

Depois da série de audiências em Brasília, os problemas mais urgentes também encontraram uma solução. Os empréstimos de custeio de arroz que não puderam ser pagos, também se beneficiaram com a suspensão da cobrança de juros de mora e correção monetária. As autoridades também aprovaram a complementação de recursos para o crédito rural na ordem de Cr\$ 350 bilhões. Esta medida será posta em prática através da obrigatoriedade dos bancos privados ampliarem de 25 para 30 por cento sobre o montante de seus depósitos à vista, sua aplicação em crédito rural. Além disso, os bancos de desenvolvimento e investimento, que até agora não participavam desta faixa de crédito, passam a ter obrigação de aplicar cinco por cento de suas operações nos financiamentos ao setor agrícola.



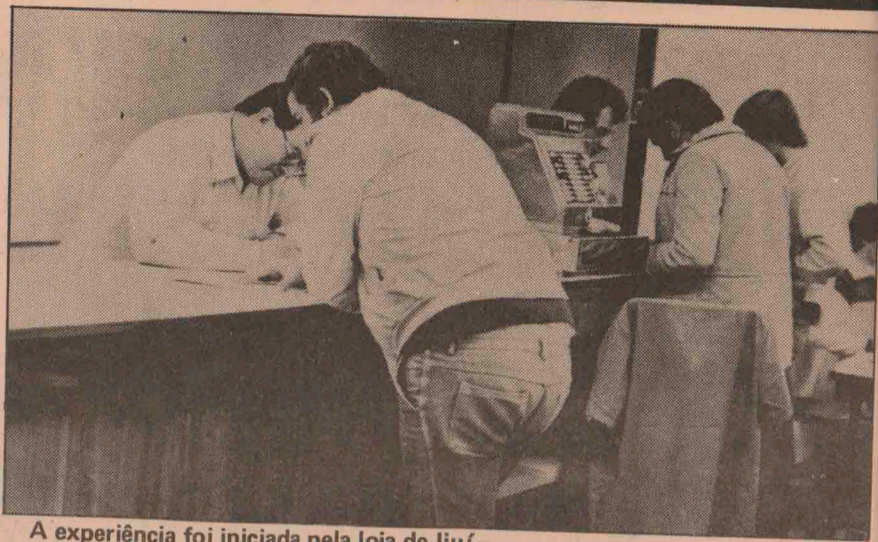
# NOVIDADE NO CONSUMO: O CREDIÁRIO

A mais recente novidade da área de consumo da Cotrijuí, na unidade de Ijuí, é a implantação do sistema de crediário com pagamento através de carnês a associados e funcionários, que está em funcionamento desde o dia 2 de agosto. "A implantação do sistema de crediário, a exemplo das demais empresas da cidade", explica o gerente da Unidade, Clóvis Rorato de Jesus, "é uma antiga reivindicação dos associados da Região, e que vinha sendo estudada pela direção". O Santo Desordi, Coordenador da área de Vendas de Ijuí, diz ainda que o crediário não se insere apenas no aumento de vendas, mas busca fundamentalmente melhorar a prestação de serviços na área de consumo. "Também se justifica pelo simples fato de ser o crediário o sistema mercadológico mais usado no momento, quando nem todas as camadas possuem recursos para adquirir os bens de consumo numa operação à vista".

## ESTRUTURA PRONTA

A Cotrijuí, segundo o Clóvis de Jesus, já dispunha de uma estrutura pronta para a implantação do sistema de crediário, "faltava apenas um estudo mais minucioso sobre o assunto". As primeiras idéias começaram a surgir a partir do desencadeamento do processo de diversificação na área de ação da Cooperativa. "Hoje grande parte dos associados não dependem apenas das safras de soja ou trigo. Eles também fazem entregas, todos os meses, de produtos como o leite, hortigranjeiros, ovos, o que possibilita rendimentos mensais". Através desse novo tipo de prestação de serviço, o rendimento poderá retornar ao associado de forma indireta, através de bens de consumo.

A Cotrijuí não é a primeira a implantar o sistema de crediário. Outras cooperativas já vêm trabalhando com esse sistema há algum tempo.



A experiência foi iniciada pela loja de Ijuí



Clóvis de Jesus: antiga reivindicação

### SÓ EM IJUÍ

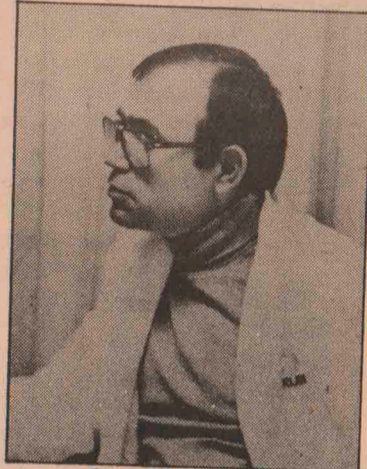
Por enquanto o sistema de crediário está sendo testado apenas na loja de Ijuí, mas isso não quer dizer que o projeto não seja implantado, futuramente, em outras Unidades, "sempre obedecendo algumas prioridades, como maior volume de vendas", comenta o Santo Desordi.

A implantação do crediário implicou numa série de fatores, que foram desde a mudança de comportamento na área de consumo até motivos legais, já que necessariamente a Cooperativa teve de se filiar ao Serviço de Proteção ao Crédito - SPC - e ao Conselho de Diretores Lojistas - CDL -. "São exigências legais que tivemos de cumprir, e mesmo sendo uma Cooperativa, a Cotrijuí antes de liberar qualquer crediário, deverá obrigatoriamente consultar o SPC para saber se o cliente possui crédito na cidade", como explica o Clóvis de Jesus. Todo o sistema vai funcionar normalmente como o de qualquer outra empresa.

### AS PRESTAÇÕES

O primeiro passo para um associado ou funcionário participar do sistema de compras à prazo é fazer seu cadastramento junto à seção de crediário. "O crédito a ser liberado", explica o Rosinei Augustini, encarregado do Setor de Crediário, "será determinado pelo rendimento declarado no cadastro".

Na hora das compras, o funcionário ou associado conta com duas opções de vendas bem distintas: no setor de "li-



Santo Desordi: melhorar o serviço

nha mole" - vestuário, roupas de cama, mesa e banho e calçados - ou "bens de consumo duráveis", que são os eletrodomésticos, ferragens, peças em geral, bazar e material de construção.

As compras feitas na opção "linha mole" poderão ser pagas em dois pagamentos, sem entrada e sem acréscimo; em três pagamentos sem entrada e sem acréscimo; em quatro pagamentos sem entrada e com 10 por cento de acréscimo; em cinco pagamentos sem entrada, mas com 15 por cento de acréscimo; e em seis pagamentos com 15 por cento de acréscimo, sendo a primeira prestação de entrada.

Na compra de bens duráveis (geladeiras, fogões, ferragens...) o pagamento poderá ser feito em até 12 prestações, com juro variando entre 5,8 a 6,2 por cento ao mês. Na Feirinha, poderão ser usados os sistemas de dois pagamentos, com cinco por cento de acréscimo; três pagamentos, com ou sem entrada, e 10 por cento de acréscimo; em quatro pagamentos e 15 por cento de acréscimo; em cinco pagamentos e 20 por cento de acréscimo e seis pagamentos e mais 25 por cento de acréscimo.

O Rosinei Augustini explica porque existe diferença entre as modalidades de pagamentos da loja para a Feira:

- Todo o artigo colocado à venda na Feirinha já é calculado com menos 10 por cento no preço. Além disso, a Feira funciona com um caixa que também recebe à vista, e como funciona como um sistema de



Rosinei Augustini: com cadastro

auto-serviço, toda a mercadoria ali exposta não é codificada.

### O PAGAMENTO

Mesmo com a implantação do novo sistema, continuarão as vendas no cartão de crédito, tanto na loja como no supermercado. Para os funcionários ainda continua válido o sistema de conta-corrente, tanto para o mercado como para a loja, com pagamento feito através de cheque emitido pela própria Cooperativa, e que é descontado em folha no final do mês. Mas as compras no crediário não poderão ser descontadas da conta-corrente do associado, e nem o funcionário poderá transferir as prestações para a folha de pagamento.

Os carnês de compras deverão ser descontados nas lojas da Cotrijuí. Um associado ou mesmo funcionário de outra Unidade poderá fazer também compras em Ijuí, quitando a prestação na loja de sua Unidade. Por exemplo, quem pertence à Unidade de Santo Augusto, poderá tranquilamente reter seu pagamento através da loja da sua unidade.

"Por enquanto, alerta o Clóvis de Jesus, "não estamos recebendo pagamentos por bancos". Em caso de atrasos de pagamento, o cliente terá cinco dias de perdão. A partir do sexto dia, sua prestação sofrerá um pequeno acréscimo. "Esse valor financeiro cobrado dos acréscimos nas prestações e as pequenas multas de atrasos", como explica o Clóvis de Jesus, "são para recuperar o capital. Não é nenhum lucro, e as taxas cobradas são inferiores às de outras empresas que trabalham com crediário".

**PRIMEXTRA**  
A maior invenção depois da enxada.

Com uma só aplicação de Primextra, o mato nem aparece. Enquanto você descansa, o milho cresce, cresce, cresce...

**PRIMEXTRA**  
O herbicida para milho.

**CIBA-GEIGY**



# PREÇO DOS PRODUTOS COM UM BÁSICO 90% MAIOR

Os novos preços básicos para as principais culturas de verão, liberados recentemente pelo Conselho Monetário Nacional, tiveram um aumento médio de 90,5 por cento em relação aos preços estipulados no ano passado. Como já era de se esperar, a correção dos preços básicos pelo INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor) deverá ser mantida.

Os reajustes, em torno de 90 por cento, foram estipulados, isso de acordo com a Comissão de Financiamento da Produção - CFP -, levando em conta os custos de produção, as necessidades de manutenção do estímulo à lavoura agrícola e as perspectivas dos mercados interno e externo de cada um dos produtos.

O preço básico estipulado para o arroz, para uma saca de 50 quilos, ficou em Cr\$ 1.900,00. No Rio Grande do Sul isto equivale a quase Cr\$ 2.165,00, pois aqui o preço do arroz tem um ágio de 11,16 por cento por diferença de padrão, e mais 2,5 por cento por diferença de tipificação em relação ao arroz produzido nos demais estados.

A saca de 60 quilos de feijão passou a valer Cr\$ 5.985,00. O reajuste em relação ao preço do ano passado foi de 90 por cento. O do sorgo passou para Cr\$ 1.183,00, com um reajuste de 92,4 por cento; o do milho ficou em Cr\$ 1.392,00, com reajuste de 89,4 por cento e o do soja passou para Cr\$ 1.800,00 ficando o aumento em 90,5 por cento.

## AINDA FORA DA REALIDADE

Embora os reajustes dado pelo Governo aos preços básicos possam ser considerados até certo ponto satisfatórios, o produtor continua insistindo no fato de que nada adianta preços relativamente bons, se ainda não cobrem os custos da lavoura. "O problema todo", garante o João Valmir Cezimbra Lopes, do Departamento de Estudos Econômicos da Gerência de Planejamento e Projetos da Cotrijuí, "está no simples fato de que os preços básicos estipulados no ano passado foram baixos demais. Então, embora o reajuste aplicado este ano seja considerado altamente satisfatório, os preços ainda continuam fora da realidade".

Está mais do que visto que embora o Governo esteja tentando compensar a falta de crédito com aumentos razoáveis nos preços básicos, o problema ainda não fica de todo resolvido, e certamente não serão os preços básicos que irão influenciar na hora do plantio. É quase certo que nem assim o produtor vai se sentir incentivado para aumentar sua área de plantio, já que esbarra num problema bem mais grave que é o alto custo da lavoura.

Dados do Departamento de Estudos Econômicos da Gerência de Planejamento e

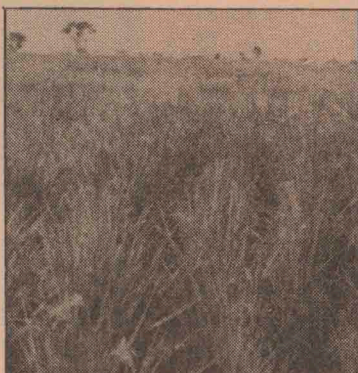
Projetos revelam, por exemplo, que para cobrir os custos de uma lavoura de soja (colocando em cima os 30 por cento de lucratividade a que faz jus todo o produtor, conforme o Estatuto da Terra) o preço não poderia ser inferior a Cr\$ 4.713,03. "Isso se a produtividade média ficar em torno de 30 sacos por hectare", salienta o Lopes. Para cobrir os custos da lavoura de milho, levando-se em conta que a produtividade por hectare fique em torno de 55 sacas, o produtor teria de ganhar Cr\$ 2.670,49 por cada saca produzido. Com o feijão também acontece a mesma coisa. Considerando uma produtividade média de 1.000 quilos por hectare, para cobrir os custos da lavoura, o produtor teria de vender um saca de feijão por Cr\$ 14.398,17. Esses dados, segundo o Lopes, mostram claramente o quanto os preços continuam defasados em relação ao custo da lavoura.

## OS REAJUSTES

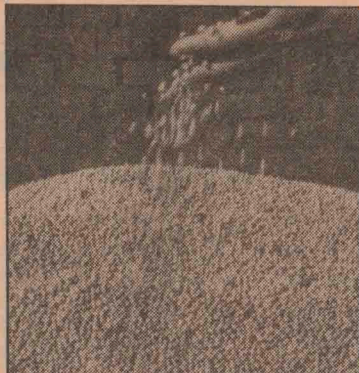
De qualquer forma, o Governo continua mantendo o sistema de correções mensais dos preços básicos, através do INPC, até às vésperas da colheita, a exemplo do que aconteceu no ano passado. O feijão é o único produto que tem correção de apenas três meses, de julho até outubro (veja tabela dos novos preços básicos ao lado). Os demais produtos como soja, sorgo, milho e arroz tem correção de seis meses, que vai acumulando de julho até janeiro de 83. Provavelmente, para o feijão, o reajuste acumulado nos meses de agosto, setembro e outubro fique entre 18 a 20 por cento. Lá por novembro, o preço do feijão de Cr\$ 5.985,00 poderá passar para Cr\$ 7.060,00 ou Cr\$ 7.180,00 a saca.

Para os demais produtos, o reajuste acumulado durante os seis meses poderá ficar por volta de 40 por cento. "Se o aumento acumulado alcançar este percentual, calcula o Lopes, o produtor de soja terá uma garantia para a comercialização de seu produto em torno de Cr\$ 2.520,00 a saca". O preço do milho, em fevereiro, poderá alcançar, de acordo, com os cálculos do Departamento, um preço de Cr\$ 1.948,80; o do arroz Cr\$ 2.660,00; e o do sorgo Cr\$ 1.656,20.

"Não restam dúvidas", considera o Lopes, "que de nada adiantaria grandes volumes de crédito, se no final das contas, não houvesse bons preços e garantia de comercialização".



Arroz: Cr\$ 1.900,00



Soja: Cr\$ 1.800,00



Milho: Cr\$ 1.392,00

## PREÇOS BÁSICOS

Produto	Unidade	Preço-Base	Início Operação	Fator de Correção
Algodão em caroço	15 kg	1.330,00	fevereiro	INPC de julho/82 a janeiro/83
Amendoim em casca	25 kg	1.222,00	dezembro	INPC de julho/82 a novembro/82
Arroz em casca	50 kg	1.900,00	fevereiro	INPC de julho/82 a janeiro/83
Feijão	60 kg	5.985,00	novembro	INPC de julho/82 a outubro/82
Milho	60 kg	1.392,00	fevereiro	INPC de julho/82 a janeiro/83
Soja	60 kg	1.800,00	fevereiro	INPC de julho/82 a janeiro/83
Sorgo	60 kg	1.183,00	fevereiro	INPC de julho/82 a janeiro/83
Girassol	40 kg	1.130,00	dezembro	INPC de julho/82 a novembro/82



## BLADEX

### Controla as ervas daninhas de folhas largas sem deixar resíduos no solo

BLADEX é o herbicida mais eficiente no controle de ervas daninhas de folhas largas que atacam as culturas de algodão, milho e soja. BLADEX tem como princípio ativo a Cyanazina, inibidor da fotossíntese, não deixa vestígios nem efeitos residuais, pois é biodegradado. BLADEX pode ser combinado com qualquer graminicida, bastando seguir as recomendações do fabricante.



BLADEX



Shell Química

técnica e pesquisa a serviço de um mundo melhor



# A ESQUILA DE OUTONO E INVERNO



Na mudança de época uma inovação: ovelha com capa

A regional da Cotrijuí em Dom Pedrito está começando a avaliar, com dados tabulados pelo computador, novas alternativas de manejo e tosquia de ovinos no município. As opções, que representam alterações principalmente no sistema tradicional de tosquia e de nascimento de cordeiros, com mudanças de épocas para os dois casos, estão sendo testadas a nível de propriedade há uns quatro anos, e a partir do ano passado vêm sendo avaliadas. Esse trabalho, que pode significar uma revisão em muita coisa que até agora era tida como absolutamente correta na criação de ovinos da zona da Campanha, está, porém, em seu início. Mas já apresenta resultados positivos, e algumas conclusões que, aos poucos, serão aprofundadas.

As inovações, quanto às épocas de tosquia e nascimento de cordeiros, alteram fundamentalmente a tradição de que os ovinos só devem ser esquilados no final da primavera, e de que no inverno é que as ovelhas devem dar cria. Hoje já são aproximadamente 15 os produtores do município que põem em prática as novas alternativas, com o incentivo e o acompanhamento da Cotrijuí. Apesar do reduzido número de criadores, o volume de lã entregue por eles à Cooperativa é expressivo, ou seja, representa em torno de 15 por cento do total, com uns 210 mil quilos.

O agrônomo Paulo Pedroso, funcionário da Secretaria da Agricultura do Estado e cedido à Cotrijuí, onde atua como coordenador técnico em Dom

Pedrito, vem orientando essas mudanças, e coordena agora a avaliação dos primeiros dados disponíveis, com o assessoramento do técnico agropecuário Luiz Gustavo Timm Rufino. Pedroso ressalta que as novas épocas para tosquia e nascimento de cordeiros, que passam a ocorrer em outras estações do ano (veja ao lado), não chegam a representar uma novidade na zona da pecuária, mas estão despertando, cada vez mais, o interesse dos criadores.

## REVISANDO CONCEITOS

Os dados iniciais, que são baseados na lã entregue à Cooperativa, mostram que, em comparação com a tosquia do final da primavera, a esquila realizada em outros períodos apresenta já algumas vantagens. Para chegar a esta conclusão, são levados em conta uma série de fatores que sempre foram considerados decisivos para que a esquila acontecesse no período tradicional. É assim, por exemplo, que as novas alternativas testadas vão provando que, se bem cuidada, a ovelha tosquiada não morre de frio no inverno. Também já se sabe que, ao contrário do que muita gente pensa, a ovelha com lã, no inverno, não protege tanto o cordeiro. Na verdade, o animal tosquiado é que dá mais garantia de sobrevivência ao filhote, nos meses mais frios.

O próprio produtor faz estas constatações, e agora as vantagens das inovações, que vêm sendo experimentadas há mais tempo principalmente em Uruguai-

na, vão sendo complementadas. Os dados fornecidos pelo setor de lã, com base no que foi entregue no ano passado, reforçam os benefícios que o criador já nota a nível de campo. Esses números da safra 80/81 revelam os percentuais de capacho e lã manchada registrados pela Cooperativa, para que se façam comparações. O capacho é a lã que cresce formando uma teia, pois os fios ficam entrelaçados, e o produto acaba recebendo um menor preço. A lã manchada ou "amarelo" é a que fica toda amarelada mesmo depois de lavada.

## CLIMA É QUE MANDA

Pedroso lembra que estes dois defeitos foram escolhidos, para que se façam as comparações, pois são significativos. O capacho é provocado por deficiência alimentar, já que no inverno a ovelha não dispõe de muito pasto. A lã manchada é causada por fungos e bactérias, mas ainda não se sabe ao certo o que determina o surgimento da doença. Há quem diga que o "amarelo" ataca as ovelhas quando dá muito calor e umidade, mas esta hipótese ainda não foi comprovada. O certo, contudo, como ressalta o agrônomo, é que um animal bem alimentado no inverno apresenta muito menos lã manchada.

As alternativas praticadas pelos criadores levam em conta estes aspectos, que são a tosquia e o nascimento de cordeiros nas épocas mais favoráveis para o animal, considerando em primeiro lugar que o clima é que vai determinar variações no estado do rebanho. Assim é que

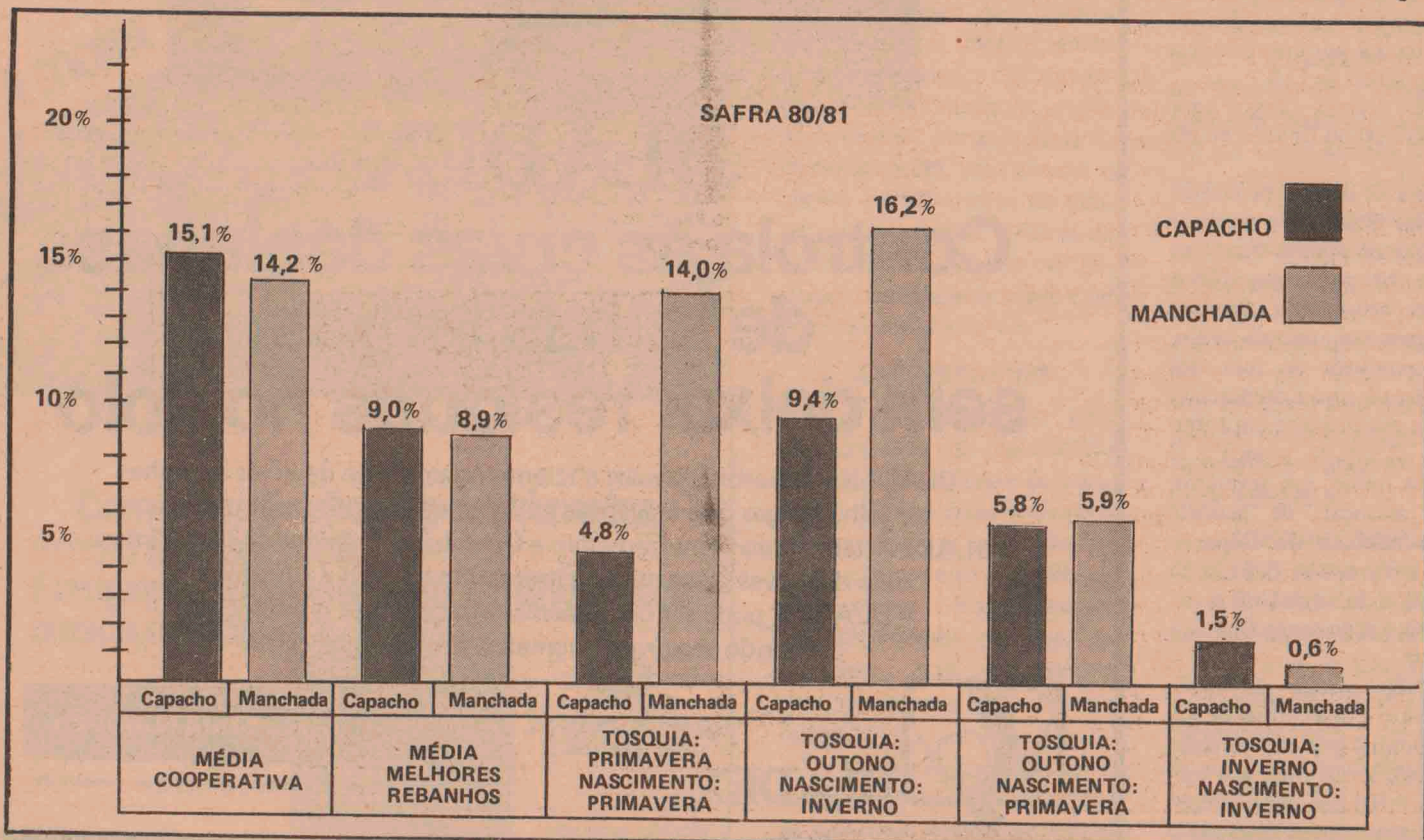
os produtores estão tosquiando na primavera e programando o nascimento para logo depois, na mesma estação; tosquiando no outono, com nascimento no inverno; e no outono com nascimento na primavera. Há também o caso de um criador que realiza a tosquia no inverno, e programa o nascimento dos cordeiros para dias depois.

Os dados apurados na safra 80/81 (veja o gráfico) revelam que, na média geral de toda a lã entregue na Cooperativa, 15,11 por cento tinham capacho, e 14,2 eram manchadas. Os melhores rebanhos do município, considerando-se aqui os que realizam tosquia tradicional, apresentaram 9,0 por cento de capacho e 8,9 por cento de "amarelo". Nas quatro alternativas em prática, os resultados oscilam bastante de uma para outra, mas sempre com redução na incidência de "capacho". Entre estas, fica fácil perceber que a tosquia no outono (ali por março ou abril), com nascimento dos cordeiros na primavera, apresentou os mais baixos percentuais com estes defeitos, sem levar em conta a última opção, executada até agora apenas por um produtor.

## SEM PESQUISA

Pedroso faz questão de lembrar que, nesses casos, é importante que se consiga nivelar ao máximo possível a incidência dos dois defeitos, pois pouco resolve reduzir o capacho, sem que aconteça o mesmo com o "amarelo". Ele observa também que ainda há outra alternativa, até agora não colocada em prática, com tosquia no inverno e nascimento dos cordeiros na primavera. De qualquer forma, a avaliação está recém sendo iniciada, e suas conclusões, assim como a implantação de outras mudanças, dependem de uma análise mais profunda, que acontecerá com o decorrer do tempo. Afinal, há muito o que se fazer na área de ovinos, que não tem merecido muita atenção da pesquisa.

"O que se sabe, por enquanto, é que a tosquia tradicional do final de primavera não deve ser a melhor para o rebanho", diz Pedroso, que espera os dados da safra deste ano, para que possa contar com novos números e aperfeiçoar as comparações. Ele já notou, contudo, com base em dados preliminares, que a atual safra, quanto à incidência de capacho e "amarelo", confirma as mesmas tendências registradas no ano passado para cada alternativa. Mas só daqui a alguns anos é que este trabalho poderá comprovar todos os benefícios dessas inovações, e possivelmente alterar o sistema de criação de ovinos na Campanha.





# A hora de trocar o calor pelo frio

A tradição da Campanha manda que o rebanho seja esquilado no final da primavera (novembro e até dezembro), porque nessa época o animal não sentirá frio. Quando a esquila acontece, a ovelha geralmente amamenta um cordeiro de três a quatro meses, segundo o técnico agropecuário Luiz Rufino, que acompanha as inovações em teste em Dom Pedrito. O medo que o criador tem do frio é, na verdade, provocado pelas consequências que a chuva causa ao rebanho, após a tosquia, e não exatamente pelas baixas temperaturas.

Acontece que a ovelha esquilada se põe a correr, quando a chuva começa, na tentativa de aquecer o corpo e, se possível, procurar abrigo. Terminada sua resistência, ela pára, e aí vem o pior: o animal sofre um choque térmico, provocado pela chuva fria, e acaba morrendo de pneumonia. Por isso, ainda hoje não são poucos os criadores que, diante de uma ameaça de chuva, recolhem as ovelhas a galpões ou poteiros, para evitar que o rebanho se movimente muito e acabe morrendo.

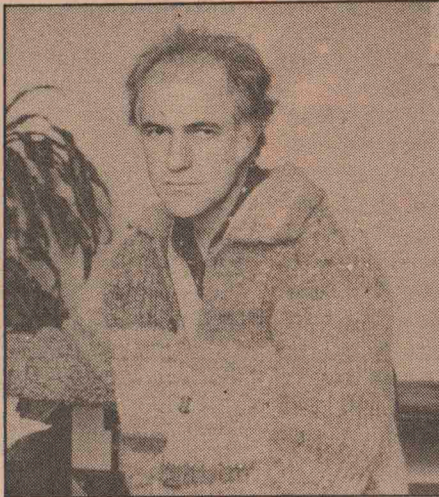
Para os criadores tradicionais, se a ovelha morre de frio no verão, após uma chuva, pior será no inverno. Mas Pedroso e Rufino estão certos de que as experiências realizadas aniquilam este argumento, e muitos produtores sabem disso. A morte por pneumonia é provocada pela chuva — ressaltam eles — e não pelo frio, ou seja, o choque térmico, logo após a tosquia, é que deve ser evitado. Por isso, a mortandade de ovelhas pode ocorrer tanto no inverno como no verão. Às vezes, em dias de temperaturas altas, uma chuva pode inclusive provocar maiores prejuízos.

## CUIDADOS

O medo da tosa no outono ou no inverno já pode ser deixado de lado, segundo eles, e os próprios resultados dessa prática poderão convencer muita gente de seus benefícios. A tosquia no outono, com nascimento dos cordeiros no inverno, que mostrou a maior redução na incidência de capacho e "amarelo", não tem segredo, e suas vantagens são muitas. A primeira providência, para quem pretende recorrer a esta inovação, é a utilização de capas de plástico, que protegerão os animais logo após a tosquia.

As capas podem ser feitas com sacos de adubo, ou compradas de uma empresa uruguaia a um preço que, no início de agosto, andava ao redor de Cr\$ . . . . 120,00. Elas cobrem todo o dorso do animal, e evitam que o impacto da chuva provoque o choque térmico. As capas podem ser utilizadas até 20 dias após a tosquia, já que depois, mesmo que ocorram novas chuvas, o animal fica praticamente imunizado contra as mudanças repentinas de temperatura. O rebanho que estiver encapado fica solto no campo, sem que o criador tenha que se preocupar com o frio.

Outra saída, para quem não pretende utilizar as capas, no caso da esquila de outono e inverno, é dar um banho na ovelha (em banheiro ou com mangueira), logo após a tosquia. Este banho faz com que o animal tenha o primeiro contato com a água fria quando ainda está na encerra. Assim, ele não levará o choque térmico quando estiver no campo, e o rebanho só será solto no dia seguinte. É preciso, no entanto, que as ovelhas fiquem por perto, para que sejam recolhidas a um po-



Pedroso: menos defeitos e mais peso



Luiz Rufino: o frio não é problema

teiro ou galpão, se ocorrer chuva. Mas este cuidado deve ser tomado apenas na primeira semana.

## VANTAGENS

Segundo Pedroso, a tosquia de outono ou inverno aumenta o peso e melhora a qualidade da lã, reduz os defeitos como capacho e "amarelo", também diminui a mortandade de cordeiros, e favorece a comercialização da carne na entressafra, quando há escassez do produto. Uma ovelha tosquiada no outono, e que dê cria na primavera, cuidará apenas dela no inverno, sem ter que amamentar um cordeiro, e seu rendimento em lã é melhorado. Com a tosquia tradicional da primavera, e nascimento no inverno, acontece o contrário: há pouco pasto, e a ovelha precisa garantir ainda a alimentação do filho.

Pedroso lembra ainda que a ovelha que dá cria, logo após a tosquia, procura se proteger do frio, em abrigos naturais, e leva consigo o cordeiro. Nesse caso, também o filho é abrigado, e a amamentação facilitada: como a ovelha está tosquiada, ele irá mamar direto no teto, e não na lã. Outro aspecto salientado é o de que o animal tosquiado fornece mais calor ao cordeiro, pelo contato direto com seu corpo. A ovelha com lã no inverno, geralmente está molhada, e não protege o filho.

Pedroso e Rufino ressaltam, então, que o importante, para que sejam propostas mudanças nas épocas de tosquia e nascimento de cordeiros, é que aconteça a escolha dos meses adequados, considerando-se os períodos em que o rebanho pode oferecer maiores rendimentos em lã e, ao mesmo tempo, um produto de qualidade. E isso só será conseguido se o criador observar todo o ciclo de produção, para que as épocas de esquila e nascimento não ocorram nos meses em que as ovelhas estejam em piores condições.

# A curiosidade de ver as ovelhas encapadas

No ano passado, os curiosos não se contentavam em parar à beira da estrada e até cruzavam a cerca, entrando no campo, para ver de perto as tais ovelhas encapadas. Isso acontecia em Ponche Verde, na propriedade do seu Mário Riet Machado, o criador que tem o melhor rebanho ovino de Dom Pedrito, e um dos inovadores no manejo com as ovelhas. Foi em 81 que ele inventou de tosar no inverno, e este ano repetiu a experiência. A vizinhança e os que passam perto da fazenda estão mais acostumados, mas ainda há muita gente que duvida que isso dê certo. Seu Mário, que tem 1.020 hectares e 500 cabeças de ovinos, garante que dá.

A tosquia de inverno passou pelo seu grande teste no ano passado, deixando meio alarmados os esquiladores e o pessoal que trabalha para seu Mário. "O tempo estava ameaçando chuva, e um esquilador me perguntou: mas o senhor vai mesmo soltar as ovelhas? Os animais foram soltos e veio mesmo uma chuvarada. Eu fiquei tranqüilo, mas no outro dia todos queriam saber como estava o rebanho", conta o criador, lembrando que não morreu uma só ovelha.

Seu Mário é o único produtor do município a realizar a tosa no inverno, programando o nascimento dos cordeiros (que têm ciclo de gestação de cinco meses), para dias depois da tosquia. A vantagem disso está, em primeiro lugar, no fato de que o animal, na época da esquila, não tem cordeiro para cuidar e apresenta suas melhores condições. A produção de lã é maior e de melhor qualidade, e agora o criador espera apenas, depois de conhecer os resultados da tosquia deste ano (realizada entre o final de julho e o início de agosto), para saber se há mesmo uma redução na incidência do

capacho e do "amarelo". Ele acredita que isso deve realmente acontecer, já que experiências anteriores comprovam esses resultados.

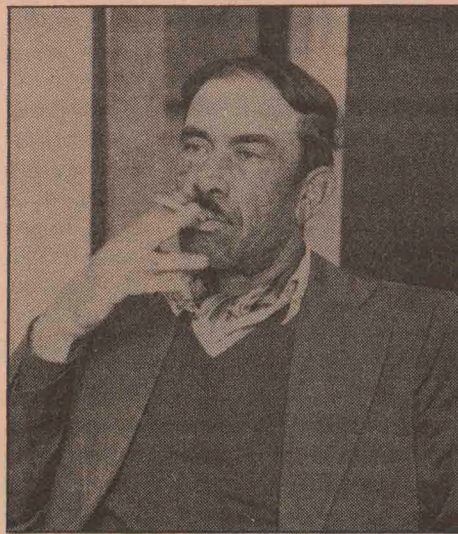
Com dois peões, em dois dias, ele garante que as capas para os animais ficam prontas. Elas são feitas com sacos de adubo, e são bem mais práticas que as fabricadas no Uruguai: têm uma abertura para a cabeça da ovelha, e lacinhos feitos de câmara de pneu, que prendem nas pernas traseiras do animal, afastados da virilha. Seu Mário decidiu inovar, depois de observar essas novidades em rebanhos de Uruguaiana. Com as mudanças, ele deverá aumentar a média de produção de lã, que no ano passado ficou em 5.700 quilos por ovelha, contra os 3.600 quilos da média geral do município.

## DÚVIDAS

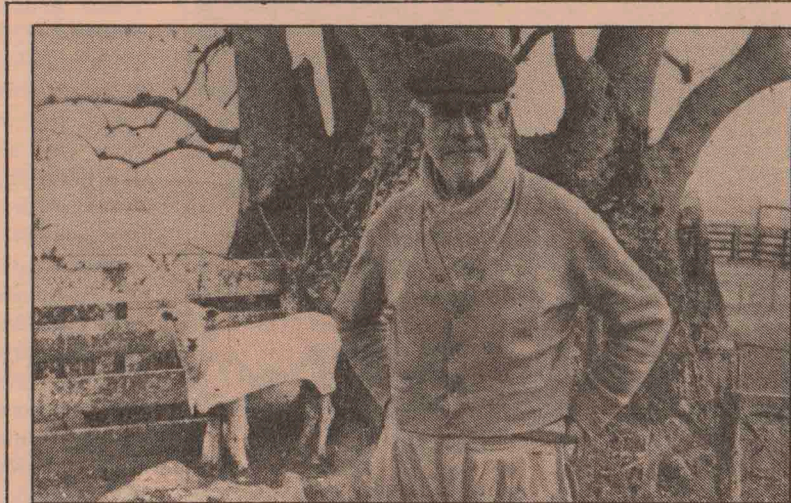
Seu Mário assegura que as ovelhas não se assustam com a capa, e que ficam até pastando, sem nenhuma correria, na hora da chuva. Mas outro criador, o seu Loy Delfino Rosa Machado, que tem 150 ovinos e 44 hectares em Bolicho da Pedra e Ponche Verde, ainda guarda algumas dúvidas. Ele acha que a capa pode proteger da chuva, mas prejudicar o animal em dia de sol. "O nylon sua muito com o calor, e a ovelha pode se desesperar quando começar a esquentar", diz seu Loy, que é criador tradicional. Suas ovelhas são tosquiadas no fim da primavera (novembro ou dezembro), e dão cria no inverno, ali por julho ou agosto.

Mas o problema não é só a capa, segundo seu Loy. Para ele, a tosquia no inverno exige boa pastagem para que o rebanho se recupere e possa enfrentar o frio, ou pelo menos mato de eucalipto ou galpões, onde possa se proteger da chuva. "Em campo nativo, e com rebanho rústico, é meio arriscado", diz o criador, que só se aventuraria a tosar no outono, em março, "porque ainda não tem muito frio, e depois vem o verãozinho de maio".

Seu Loy acha que, "no dia em que estiver preparado, com mato de eucalipto e um galpão", poderá realizar até duas tosas por ano. Uma esquila aconteceria em março e a outra em setembro, segundo ele. Mas o criador entende que, para mudar, precisa de recursos, que possibilitem inclusive uma melhoria na qualidade do rebanho. "Só que estamos sem capital de giro, e os juros são muito altos", diz seu Loy, para quem seria melhor até aplicar o dinheiro na poupança. "A situação está tão ruim, que dá vontade de cruzar os braços, ficar tomando mate, e de seis em seis meses ir retirar o rendimento da poupança".



Loy Delfino Machado: exige boa pastagem



Mário Riet Machado: nenhuma ovelha morreu



# TUDO SOBRE O POMAR

A redução na produção de frutos da região vem preocupando bastante, tanto os técnicos ligados à área de fruticultura da Cotrijuí como os próprios produtores. Foi com essa preocupação que o pessoal técnico organizou a "1a. Semana Especial de Fruticultura". Produtores de Ijuí, Jóia, Ajuricaba, Chiapetta, Santo Augusto, Coronel Bicaco e Tenente Portela foram até o Centro de Treinamento da Cotrijuí, em Augusto Pestana, para ouvir falar da importância de um pomar na propriedade, do preparo de covas, escolha de mudas, enxertos, adubação, tratamento de doenças, controle de pragas e recuperação de velhos pomares. Durante todo o Curso, que se desenvolveu no final do mês de julho, o pessoal ouvia as explicações, esclarecia as dúvidas e depois fazia um pouco de prática, podando pessegueiros, macieiras e figueiras, no pomar do Centro de Treinamento.

As palestras sobre fruticultura continuam até o fim do mês de agosto pelo interior de Augusto Pestana, sob a coordenação do agrônomo Léo Goi e auxiliado pelo também agrônomo Hélio Ito Polhmann.

## SUGESTÃO

Em Bom Princípio, no Salão da Comunidade, o Hélio Polhmann iniciou a sua conversa dizendo que um pomar doméstico não precisa de mais do que 30 árvores. Com algumas laranjeiras, bergamoteiras, um limoeiro, ameixeiras, pereiras,

goiabeiras, abacateiros (ver quadro abaixo) uma família tem frutos à vontade por todo o ano.

O pomar pode ser implantado ao redor da casa, sem nenhum alinhamento, ou numa área separada e escolhida para ser somente pomar, ficando as frutíferas, principalmente os pessegueiros, em alinhamento.

## AS MUDAS

As mudas podem ser obtidas através de sementeira direta, pela brotação dos galhos ou através de enxertos. No caso de mudas obtidas pela sementeira, as árvores levam mais tempo para produzir, e os frutos são mais carregados de sementes. "Já uma muda de enxerto produz num tempo muito mais rápido e os frutos não têm tanta semente", explicou o Hélio Polhmann.

Uma atenção especial é preciso dar ao plantio das mudas, que devem ficar na mesma profundidade que estavam no viveiro, sempre procurando deixar a terra ao redor da planta bem firme, para que com o tempo ela não baixe e afogue a muda. As raízes quebradas, segundo o Hélio e o Leó, devem ser eliminadas para que não permitam a entrada de doenças. O Hélio ainda fez um alerta ao pessoal, dizendo que não são as mudas grandes as melhores. Na opinião do Hélio, quanto menor a muda melhor, porque suas raízes finas são mais abundantes e eficientes.

Mas antes da instalação

de qualquer pomar é preciso que seja feita uma correção no solo com calcário, e eliminados os formigueiros. O preparo das covas também deve ser levado em conta. Cada cova deve ter mais ou menos uns 60 centímetros de largura por 80 de profundidade. A adubação fica na base de 10 a 20 quilos de matéria orgânica misturada a meio quilo de hiperfosfato ou Fostac 100. Se a área do pomar for grande não se recomenda o uso de covas, porque a muda pode ser plantada em cima de camaleões. Caso o pomar fique ao redor da casa onde o solo é muito compactado, o ideal é utilizar uma cova bem profunda. "A cova", aconselha o Hélio, "precisa ser boa, mas não boa demais, porque senão a raiz não se aprofunda. A cova é apenas uma parte, e não significa que vá garantir uma árvore de grande porte".

## PODA BEM FEITA

Uma poda bem feita, garantem os técnicos, vai determinar a produção de frutos do ano. Na parreira, por exemplo, tanto o Hélio Polhmann como o Léo Goi costumam deixar sempre um galho mais comprido, com três a quatro gemas, e outro galho mais curto, de apenas uma gema. O resto da galharama pode ser cortado fora. Lá pelo mês de setembro, quando a parreira começar a brotar, o correto é tirar o excesso de brotação — os chamados galhos ladrões — para que a ramada não fique muito fechada. A vantagem da poda na parreira, é que ela permite uma maior concentração da seiva e facilita na prevenção de moléstias.

Já no pessegueiro a poda pode ser feita até 15 dias antes da floração, sempre deixando de quatro a seis ramificações primárias a partir de meio metro do solo. A poda deve ser feita de tal forma que a árvore fique com o formato de um cone invertido, que é para os galhos crescerem para fora e o centro ficar aberto, permitindo a entrada de luz. Os ramos ladrões e de forquilha muito fechadas devem ser eliminados. "Qualquer árvore", explica o Hélio, "produz melhor com os galhos deitados. Na macieira, por exemplo, sempre é bom atar um peso na ponta dos galhos, para facilitar o crescimento para os lados e não para cima. Na figueira devem ser podados apenas os galhos velhos, para que os novos tenham vigor suficiente para suportar uma boa carga de frutos.

As laranjeiras, bergamoteiras, limoeiros e caquizeiros não necessitam de poda. Basta retirar os galhos secos.

## TRATAMENTOS

Os pessegueiros e ameixas



Os segredos da poda foram todos explicados

## POMAR DOMÉSTICO

Espécie	Variedades	Nº de Plantas	Maturação	Espaço
Laranja	Comum, Monte Parnaso e Valência	7	Mai-Out	6 x 4
Bergamota	Comum e Montegrina	4	Mai-Ago	6 x 4
Limão	Cravo	1	Abr-Dez	6 x 4
Pera	Manteiga e Kiefer	2	Dez-Fev	6 x 8
Caqui	Fuyu e Rama Forte	2	Fev-Abr	6 x 8
Abacate	Comum	1-2	Ago-Out	12 x 8
Nogueira	Mahan, Melhorada	2	Abr-Jun	12 x 8
Goiaba	Comum	2		6 x 4
Pêssego	Premier, Cardeal	6	Out-Nov-Dez	6 x 4
Ameixa		3	Fev-Mar	6 x 4
Nesperas	Várias	2	Jul-Set	6 x 4

xeiras geralmente quando estão em repouso, e isso acontece no inverno, mantêm as formas de resistência da gomose, sarna, crespadeira e cochonilhas. O tratamento, de acordo com a recomendação técnica, deve ser feito somente quando as plantas estiverem sem folhas. As frutas são atacadas pela ferrugem, podridão, moscas e pulgões. Para que a produção não fique comprometida, é necessário, a cada 15 dias, uma aplicação de defensivos específicos.

Na parreira aparecem cerca de 15 doenças que atacam principalmente na primavera, mas somente três são capazes de prejudicar a produção. Uma delas é a antracnose, também conhecido como verola, que deixa umas manchas pretas na fruta e aparece quando o tempo é frio e úmido. Se o tempo correr quente e úmido, aparecem umas manchas nas folhas e nos cachos conhecida como mufa. Quando o tempo for quente e seco, o parreiral pode ser atacado pelo oídio. "Sempre uma doença ou outra vai aparecer no parreira", diz o Hélio "e o controle pode ser feito através de aplicações de calda sulfocálcica".

Os citros sofrem o ataque de gomose, sorose, fungos, verrugose, ácaros e cochonilha. O tratamento pode ser feito através da poda dos galhos secos e pincelamento dos galhos com cobre. Também pode ser feita com a seguinte mistura: um quilo de sulfato de cobre,

um quilo de cal virgem, um litro de óleo mineral e 100 gramas de fungicida sistêmico, tudo misturado a 100 litros de água. O tratamento deverá ser feito antes da floração ou após a queda de dois terços da floração.

## MAIS RESISTENTE

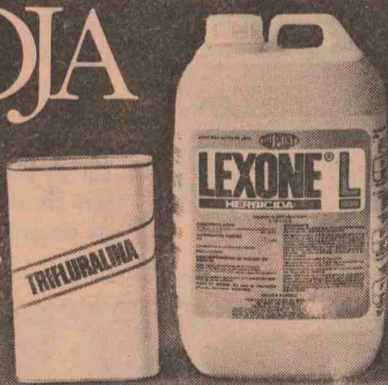
Uma árvore enxertada sempre se torna mais resistente a doenças, como lembrou o Hélio quando falava das vantagens da enxertia. Também somente o enxerto consegue levar para a planta nova todas as características da planta-mãe. A enxertia tem ainda a vantagem de possibilitar uma produção mais rápida, além de facilitar a condução da árvore, já que produz uma árvore de porte pequeno.

Na enxertia do pessegueiro os técnicos estão recomendando o uso do "cavalo" de marmelo ou do pessegueiro de de caroço pegado. O enxerto mais recomendado para o pessegueiro é o de gema, por dar mais resistência à árvore. A enxertia de garfo é mais recomendada para parreirais. A trifolhata — uma planta espinhenta — deve ser usada para enxertos de citros. Para fazer mudas de sementes, no caso dos citros, o ideal é tirar a semente da fruta e deixar fermentar por uns dois dias. A brotação é mais garantida.

Os enxertos de gema ou borbulhas devem ser feitos na primavera-verão, em épocas de pouca chuva, que é para garantir a "pega".

## SOCIEDADE PROTETORA DA SOJA

Lexone L + Trifluralina, a defesa contra as ervas daninhas.



Os sojicultores não arriscam. Eles usam LEXONE L + Trifluralina para uma defesa segura e econômica contra as ervas daninhas.

A Du Pont está bem acompanhada ao recomendar LEXONE L + Trifluralina. Os sojicultores, em muitos estados brasileiros, são da mesma opinião.

Porque com LEXONE L + Trifluralina os sojicultores não têm que aguardar condições climáticas adequadas e estágio de crescimento das ervas para então proteger sua plantação. Nesta safra use herbicida pré-emergente antes que seja tarde demais.

Conte com a proteção pré-emergente de LEXONE L + Trifluralina

\* Marca registrada E. I. Du Pont de Nemours & Co. Inc.

durante o plantio. O uso dessa combinação vitoriosa no estágio inicial evita que as ervas concorram com sua soja e libera o maquinário para tarefas mais produtivas.

• MAIS CONTROLE. • MAIS ECONOMIA. • MAIS LUCROS. LEXONE L + Trifluralina, positivamente a SOCIEDADE PROTETORA DA SOJA.

**DU PONT**  
MARCA REGISTRADA  
**AGROQUÍMICOS**



# Uma boa ocasião para aprender

Mesmo sem entender muita coisa de enxertos, podas, cuidados com pragas e doenças de laranjeiras, bergamoteiras, pessegueiros e outras frutíferas, o seu Roberto Alberto Kuntzler, do Sítio Bindé, Coronel Bicaco, possui um pomar bem regular na sua propriedade. Ele fez um reforço agora, com a aquisição de mais umas 500 mudas. O seu Roberto só adquiriu um conhecimento maior a respeito de implantação e conservação de pomares, depois que ficou um dia inteiro lá no CTC ouvindo o pessoal técnico da Cotrijuí ligado à área de fruticultura falar sobre o assunto:

— Até agora só sabia plantar a muda, cuidar da formiga, limpar embaixo das árvores e comer as frutas.

Depois de tantas explicações e até de "aulas" práticas de poda e enxertia, o seu Roberto garante que já tem condições de dar uma renovada nas frutíferas mais velhas para assegurar uma boa produção.

— Nem a poda eu sabia fazer direito. Às vezes via um galho bonito, viçoso e não cortava só de pena. Depois de ouvir as explicações, aprendi que são justamente estes galhos, que ficam prá dentro da copada, que precisam ser cortados para não abafar a árvore.

## NÃO É TÃO FÁCIL

Também o Dênis Paulino Goin, de Vila Saleté, Coronel Bicaco, gostou muito do que o pessoal falou sobre poda. Diz que só sabia podar uma árvore "a grosso modo".

— Aprendi com meu pai a podar somente os galhos de baixo das árvores, sempre deixando uma copada para cima.

Ouvindo os técnicos, o Dênis ficou sabendo que podar uma frutífera não é tão simples como parece. É preciso esco-

lher os galhos certos, sempre cortando aqueles que crescem para cima.

— No caso da poda da macieira, por exemplo, sempre é aconselhável deixar um galho central, com crescimento para cima. Os demais podem sair, porque quase não carregam.

Bastante atento ao que o pessoal ia falando, o seu Mariano Trocha, de As Brancas, Chiapetta, também mostrou interesse pela poda. Só lamenta que o pessoal técnico não tenha falado mais tempo sobre conservação de parreiras:

— No meu ver faltou um pouco mais de explicação sobre a poda de parreira. Tinha que ter ficado mais claro até que quantia um galho pode ser cortado e também a época mais correta.

## TUDO NUM LIVRO

O seu Alceu Lemos Schmedik, também de Chiapetta, aprendeu a fazer enxertos depois que leu um livro que mandou buscar no Rio de Janeiro. Ele conta:

— Esse livro ensina direitinho a fazer tudo quanto é tipo de enxertos em frutíferas e roseiras. Ele só não traz a época ideal, mas sempre ouvia falar de que tinha de ser numa época de pouca chuva. Agora fiquei sabendo que de setembro em diante qualquer época serve.

O Curso no CTC também serviu para o seu Alceu aperfeiçoar um pouco mais a sua técnica de poda, principalmente dos pessegueiros, que tinha por hábito cortar só os galhos mais de cima.

— Andava podando mal meus pessegueiros. Cortava demais as guias viçosas e os galhos fininhos, que de acordo com a explicação dos técnicos não devem ser cortados. Uma poda bem feita, bem caprichada é responsável por uma boa produção de frutos.

## PARA APRENDER

Em Bom Princípio, Augusto Pestana, onde os técnicos também foram falar sobre fruticultura, a dona Herta Schir era uma das assistentes mais curiosas. Não passava nada sem que ela perguntasse alguma coisa. E não era para menos: lá na sua propriedade quem trata o pomar, dos enxertos e podas, é a dona Herta mesmo. Ela conta porque foi até o Salão da Comunidade assistir a palestras:

— Vim para aprender alguma coisa, já que de uns tempos para cá não se colhe mais frutos, e quando colhê, são estragados. Até trouxe um filho pra ver se aprende.

Dona Herta aprendeu a fazer enxertos, podas, a dar um tratamento adequado ao pomar para que todos os anos apresente uma boa produção. Mostrou maior interesse pela poda, "que é o meu serviço", como ela mesma diz, principalmente de parreiras:

— Cada ano podar a parreira diferente, e nunca carrega porque fecha demais com o barço. Acho que é porque sempre deixava três olhinhos a mais no galho, e pelo que ouvi, um galho só com um olhinho já basta pra parreira vir viçosa.

O seu Laurinho Paisch, também de Bom Princípio, Augusto Pestana, estava no Salão da Comunidade para aprender alguma coisa a mais sobre pomar, já que de poda ele tinha algum conhecimento, pois todo o ano, sempre que dá um tempo, trata de limpar e podar seu arvoredo:

— Lidar com pomar é uma coisa que a gente vai aprendendo aos poucos e logo adquire prática. Ouvi muita coisa boa e interessante, principalmente como fazer enxertos, que é uma coisa que ainda não arrisquei.



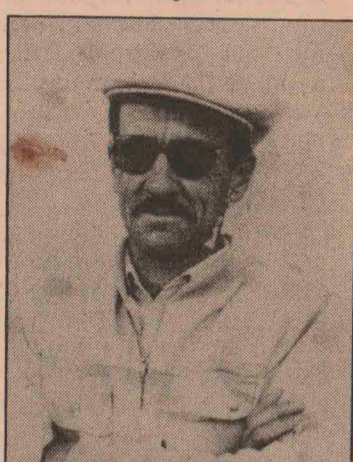
Roberto Kuntzler: sabia comer



Dênis Goin: "a grosso modo"



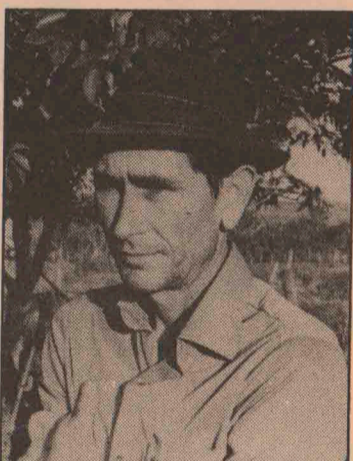
Mariano Trocha: explicação



Alceu Lemos: tudo num livro



Herta Schir: gostou da poda



Laurindo Paisch: para aprender

# A fruticultura no CTC

O programa de fruticultura implantado no Centro de Treinamento da Cotrijuí, em Augusto Pestana, iniciou por volta de 1978, com mais ou menos umas 20 espécies de pessegueiros e algumas nectarinas. Mais tarde foram introduzidas mudas de citros (laranjeiras, bergamoteiras e limoeiros), marmeleiros, macieiras e figueiras. Sem a pretensão de fornecer mudas, o CTC quer apenas funcionar como distribuidor de informações baseadas nas experiências coletadas.

As experiências com pessegueiros já apresentaram respostas. Os técnicos que acompanham de perto os trabalhos já têm condições de falar sobre época de produção de cada espécie, seu comportamento em relação às geadas, respostas à adubação, produtividade e cobertura de solos. "Com essa informação", comenta o Hélio Ito Polhmann, "o associado pode escolher as espécies que desejar até pelos frutos. Basta que visite o Centro de Treinamento na época de produção. Assim ele não precisa andar atrás de descrição de folhetos" Quem quiser plantar pessegueiros, por exemplo, numa visita

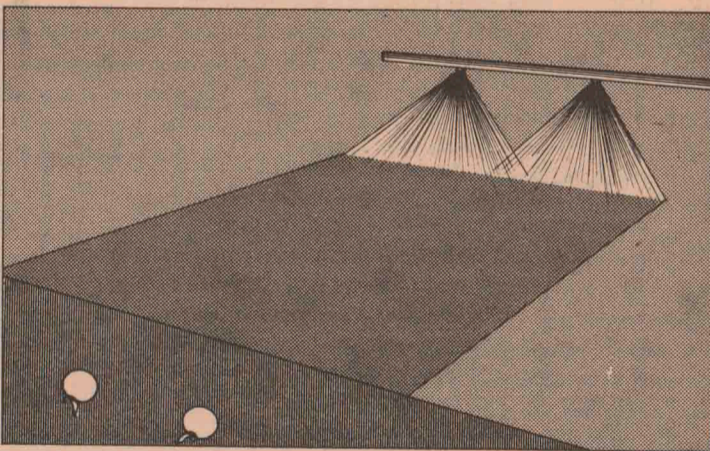
ao CTC já fica sabendo que espécies produzem melhor no cedo e no tarde, e quais são mais resistentes às geadas.

Por outro lado existe a preocupação com determinadas espécies de frutíferas, como o marmeleiro, a goiabeira, a figueira e ameixeira de verão, que estão desaparecendo na região devido ao ataque de doenças e pragas. Segundo o Hélio Polhmann, esse grupo de frutíferas, considerados até certo tempo atrás como espécies fortes e resistentes a doenças, está recebendo um tratamento especial, "para que daqui algum tempo não desapareçam de todo". A única solução para o caso destas frutíferas é pesquisar variedades mais resistentes a doenças. É mais um trabalho que está sendo feito no CTC, ainda sem uma avaliação mais concreta.

Já os citros, por serem mudas novas, ainda sem produção, não apresentam nenhuma conclusão. Recém está sendo feito um acompanhamento, sem dados mais concretos com relação ao comportamento destas espécies.

## Plantador de soja!

Da próxima vez que você for incorporar a sua mistura de herbicidas, pense na segurança. Pense Dual.



As misturas com Dual são aplicadas logo após o plantio e não são incorporadas. Portanto, o produto fica longe das delicadas sementes de soja em germinação. Com Dual, você fica mais seguro. É uma questão de bom senso!

Dual, o herbicida para soja tão moderno que dispensa incorporação.

CIBA-GEIGY  
DIV. AGROQUÍMICA



# OS MOMENTOS DOS 25 ANOS



Muitos associados estiveram presentes nas solenidades



A feira superou todas as previsões mais otimistas



Danças folclóricas por um grupo de Coronel Barros

Muito debate e pouca festa. Assim foram marcados os 25 anos da Cotrijuf, que no dia 20 de julho — data do aniversário — conseguiu reunir dezenas de produtores em sua sede, em Ijuí, para uma feira que superou as previsões mais otimistas. Esta exposição, que conseguiu colocar à prova o retorno à preocupação com a subsistência, a partir da fabricação de produtos caseiros (veja na página ao lado), foi apenas um dos momentos previstos no programa dos 25 anos. A partir de agora, em todos os núcleos de sua área de atuação, a Cooperativa passa também a ser questionada, para que defina novos rumos.

As festividades do dia 20, em Ijuí, foram abertas pela manhã, com o hasteamento das bandeiras nacional, pelo presidente da Cooperativa, Ruben Ilgenfritz da Silva, do Rio Grande do Sul, pelo presidente da Fidene, Adelar Baggio, e da Cotrijuf, pelo agricultor Ramão Kopezinski, representando os associados. Depois, a feira foi aberta, com a participação de 135 famílias, de oito núcleos do município. Produtos coloniais (salame, queijo, presunto, mel, melado e outros), hortigranjeiros, artesanatos e outros trabalhos estiveram à venda durante todo o dia.

## BOA VENDA

Mas a feira, que superou as expectativas, também acabou frustrando compradores, pois a maioria dos produtos foi vendida ainda pela manhã. A promoção atraiu centenas de visitantes aos estandes instalados de frente ao supermercado, e movimentou uma soma em dinheiro que chegou exatamente a Cr\$ 458.750,00. A iniciativa e outros aspectos do programa dos 25 anos foram ressaltados,

no dia 20, por Ruben Ilgenfritz da Silva, e pelo vice-presidente da Cotrijuf, Arnaldo Oscar Drews. Eles lembraram que este é o momento para que a Cooperativa busque novos caminhos e redefina seu comportamento.

Também a representante do núcleo de senhoras da localidade de Saltinho, Alina Bigolin, falou sobre a data, em nome dos produtores que participavam da feira (veja ao lado). E à tarde aconteceram uma apresentação do conjunto de danças folclóricas da localidade de Coronel Barros, e a entrega dos prêmios aos estudantes classificados, em Ijuí, no concurso de redação e desenhos sobre os 25 anos e o cooperativismo.

## CONCURSO

Este concurso, que também fez parte das comemorações, e foi promovido pelo Departamento de Comunicação e Educação, com a assessoria da Fidene e colaboração dos órgãos da área do ensino, já tem, aliás, seus vencedores. No dia 28 de julho, a secretária de ensino de Ijuí, Sônia Drews, o diretor da Regional Pioneira, Bruno Eisele, o professor David Basso, da Fidene, e o produtor Arthur Kronemberger, representante do núcleo da Linha 8 Oeste, realizaram o sorteio, na sede em Ijuí, já que este foi o critério estabelecido para definição dos vencedores.

A estudante Celeste Terezinha da Silva, da 6ª série da Escola de 1º Grau Anchieta, de Chiapetta, foi a vencedora no 1º Grau. No 2º Grau, a escolhida foi Anne Margaret Trautmann, da Escola Feliciano J. Alberto, de Redentora. Celeste ganhará uma bolsa de estudos para frequentar um curso equivalente a Economia Doméstica ou Técnico Agrícola, da

Escola Assis Brasil, de Ijuí. Anne Margaret também tem direito a uma bolsa equivalente ao curso de Cooperativismo ou Administração Rural da Fidene.

## QUESTIONAMENTO

As festividades contaram ainda com a inauguração da ampliação da loja e do mercado da unidade de Coronel Bicaco, que aconteceu também no dia 20. O presidente da Cooperativa e o diretor Bruno Eisele participaram da inauguração, juntamente com o diretor de Compras e Abastecimento, Valdir Zardin, e gerentes e funcionários de unidades. Autoridades, representantes de sindicatos e outros convidados também estiveram na festa.

Falaram na oportunidade, além de Ilgenfritz e Zardin, o presidente da Câmara de Vereadores de Coronel Bicaco, João Venildo dos Santos; o secretário de Administração Municipal, Joel de Almeida, e o vigário Antônio Michels. Ilgenfritz e os representantes de núcleos de produtores, Erny Schünemann e Pedro Bizarelo, cortaram a fita simbólica.

Outros encontros, congregando produtores e funcionários, aconteceram no dia 20, além de torneios esportivos. Mas agora, depois das festividades, o programa das comemorações abre espaço para muito debate. Todas as unidades já programaram reuniões com os produtores, com o objetivo de fazer um balanço das atividades da Cooperativa até aqui, e colocar em discussão o que já é chamado de "refundação" da Cotrijuf. O debate será estendido às escolas e entidades das regiões onde a Cooperativa atua, para que todos participem deste questionamento, durante o segundo semestre deste ano.



Inauguração em Coronel Bicaco fez parte da festa



Alina Bigolin: entusiasmo no futuro

## A palavra dos núcleos

*Dona Alina Bigolin, da localidade de Saltinho, foi quem falou em nome dos associados da Cooperativa em Ijuí, durante as festividades do dia 20. Abaixo, seu pronunciamento:*

*"As senhoras, juntamente com suas filhas e a comunidade que representa a Cotrijuf na localidade de Saltinho, se orgulham do jubileu de prata desta potência. Olhando para trás deste quarto de século, quando menos de uma dezena de corajosos produtores se associaram e fincaram a bandeira da Cotrijuf em nosso município, vemos agora que ela tremula em todo o noroeste do Estado e se ramificou para outros Estados. A sua reputação se estendeu até o exterior. Tudo cresceu com a eficiente administração, com o esforço, dedicação e compreensão do associado.*

*Começou com poucos, mas se multiplicou para muitos milhares, que sustentavam esta Cooperativa*

*que, por sua vez, ampara seus associados e também os não associados, falando a verdade. Para nós, as mulheres dos associados, é uma grata satisfação. A Cotrijuf não se limitou a atuar só na área agrícola, mas também veio ao encontro do lar do associado, instruindo na vida doméstica, com trabalhos manuais, cozinha, higiene, saúde, etc.*

*Também tem sido a fonte onde os menos favorecidos, como as crianças, os órfãos e os velhinhos, se sentem felizes, porque são lembrados pela Cooperativa. É com grata satisfação, que damos nossos parabéns aos nosso digno e dedicado presidente, ao vice-presidente, e a todo o quadro funcional que aqui trabalha. Eles tiveram muitas lutas e muitas glórias. Estas glórias das conquistas já ficam para o passado, mas seus efeitos continuarão sempre presentes. E para o futuro olhamos com muito entusiasmo".*

## A mesa dos colonos fez a feira

Uma mesa farta, com schmier, queijo, presunto, melado e outros produtos, é o que não falta na casa da maioria das famílias que participaram da feira colonial do dia 20 em Ijuí. A feira deixou uma amostra de que muita gente não deixou de lado a fabricação de alimentos caseiros, apesar da monocultura, e que outros, que andavam meio esquecidos disso, retornaram a esta atividade com o entusiasmo de quem está descobrindo novidade. E quase todos se dispõem a participar mais seguido das promoções como esta, apesar de alguns terem dúvida, no início, do sucesso da iniciativa.

Em Aracy Serves, um núcleo de Rincão do Tigre, o seu Reinoldo Dorn, que tem 30 hectares, andou às voltas com a ideia da feira durante um bom tempo, até convencer umas seis famílias de que tudo daria certo. Dona Herta, esposa do seu Reinoldo, e a filha Neli relembram que poucos esperavam um movimento tão grande. "O pessoal não estava muito entusiasmado, e se não fosse o pai, daqui não sairia nada", conta Neli.

A família Dorn levou mel, melado, bergamota, schmier e cuca à feira, e vendeu

tudo. O casal, que tem cinco filhos, nunca deixou de fabricar os produtos coloniais, "para o gasto da casa e também para os vizinhos, que às vezes vêm comprar", como diz dona Herta. Ela acha que a festa deve se repetir, para que seja incentivada inclusive a participação de um maior número de produtores.

## TROCAR IDÉIAS

Esta também é a opinião do casal Ramão e Realda Kopezinski, que tem 24 hectares próprios e arrenda outros 12, em Povoado Santana. Para eles, a feira poderia acontecer, de vez em quando, só para comercializar as sobras, ou seja, sem a participação de quem se dedica à atividade com a finalidade de vender. "Assim saem beneficiados os que têm baixo poder aquisitivo, e o produtor, pois há muita coisa que acaba se perdendo", diz ela.

Dona Realda sugere inclusive que a feira aconteça uma vez por mês, com a participação de produtores por núcleo. Este tipo de iniciativa é importante, segundo ela, não só pelo fato de beneficiar produtor e consumidor, mas também "pela troca de ideias e experiências". A feira — diz dona

Realda — "foi gratificante em todos os sentidos, porque nós nos conhecemos melhor, conquistamos novas amizades".

A família Kopezinski levou à feira cinco quilos de schmier, 15 quilos de melado, uma dúzia de vassouras, seis quilos de nata, 30 quilos de batata doce, e uma boa quantidade de mandioca, bergamota, laranja, lima, cuca, pão, cestas de vime, abóbora, rapadura, cenoura, pipoca, repolho, beterraba, nabo e até panos de prato. "Só trouxemos de volta um pouco de mandioca e abóbora", conta o seu Ramão. Antes do meio-dia, já não havia nada mais das vassouras, frutas, schmier e melado para vender.

## SEM EUFORIA

O casal e os três filhos não sabem o que é comprar estes e outros produtos nos supermercados, e dona Realda tem a explicação: "Aqui a soja não tomou conta de tudo, não deu euforia na família, e nós sempre procuramos ter os alimentos para consumo da casa". Seu Ramão observa, por sua vez, que ali pela redondeza, e em muitas outras localidades, isso não ocorreu, pois "tem agricultor que compra até gali-



Ramão e Realda Kopezinski: foi muito gratificante

inha na cidade".

Os Kopezinski plantam de tudo um pouco, e assim é que deve ser, segundo outro casal, Alfredo e Amabile Grisotti, que tem 16 hectares em Colônia Santo Antônio. Dona Amabile é quem mais se envolve na lida com os produtos coloniais, e na mesa da família só o que não vem da propriedade é o café e o açúcar. Para a feira, eles levaram apenas 28 litros de vinho e quatro quilos e meio de doces, porque foram meio que surpreendidos pela promoção.

Mas todo ano a família planta soja, trigo, milho, feijão, aveia, arroz, amendoim. A erva também sai dali mesmo, e a produção de salame, presunto, queijo, schmier, melado, geléia e melado quase não pára, pois tudo é coisa que também os Grisotti nunca inventaram de comprar no comércio. Dona Amabile acha que a feira deve ser repetida, mesmo porque esta primeira saiu meio às pressas, sem muito tempo para que o pessoal se preparasse melhor.

## BEM ESTUDADO

"Nós não tínhamos muita experiên-



Neli e Herta Dorn: repetir a festa

cia, mas mesmo assim 11 famílias aqui do núcleo participaram", diz ela, que ficou encarregada de motivar a vizinhança. Dona Amabile entende que a iniciativa valeu como um primeiro passo que pode ser aperfeiçoada, se acontecer, por exemplo, umas duas vezes por ano, ou pelo menos na mesma época do aniversário da Cotrijuf.

Ela tem, contudo, que a feira aconteça muito seguido, e crie uma expectativa



Alfredo e Amabile Grisotti: mais tempo

grande demais nos produtores. Acontece, segundo ela, que a feira pode ficar "inflacionada", com a participação de muita gente, sem que se saiba se existe realmente um mercado consumidor e local apropriado. Seu Alfredo tem certeza de que, da próxima vez, se outra feira for mesmo realizada, a participação será de no mínimo "uns 30 ou 40 núcleos". Tudo isso deve ser bem pensado, segundo eles.



## O sucesso da copa

- Por quanto está a copa?
- Que copa?
- Aquilo ali dependurado.

Esta rápida conversa aconteceu durante a feira dos produtos coloniais, em Ijuí, envolvendo um comprador atraído pelas copas, e um descendente de italianos que, afinal, nem sabia do que se tratava. E não são muitos mesmo os que hoje conhecem por copa o presunto feito com carne de porco que, em pouco tempo, estava vendido na feira. A procura foi tanta, que o seu Armando Boniatti, da Colônia Santo Antônio, recebeu encomendas para entregar dias depois ao pessoal que chegou atrasado.

As disputadas copas são uma herança deixada pelos imigrantes italianos, mas poucos se dedicam agora à sua fabricação. A dona Vitória Manchini, residente em Aracy Serves, um núcleo de Rincão do Tigre (Ijuí), aprendeu a fazer a copa com 15 anos, mas sempre com o nome de presunto de porco. Foi a mãe dela, dona Maria Druziana Copetti, já falecida, quem ensinou a família nesta lida, que não guarda nenhum mistério.

A copa é feita do filé do porco, da carne do lombo. Este filé é partido ao meio, e nele se aplica bastante sal e pimenta do reino moída. Este tempero deve penetrar na carne por 24 horas. Depois disso, os dois pedaços do filé são colocados um ao lado do outro, e amarrados com barbante nas pontas e no meio. Para que a copa fique pronta, se pega a pele que existe entre a banha e as costelas do porco, no vazão do animal. Esta pele é enrolada no filé, bem apertada, e depois se passa mais barbante, ao redor da carne.

## PRONTA EM 60 DIAS

Dona Vitória lembra que a copa deve ficar bem fechada, para que não entre ar e possa se conservar por longo tempo. Nos primeiros 15 dias, o presunto deve ficar num lugar arejado, e depois pode ser guardado num porão ou em qualquer outro lugar, mesmo que não seja muito ventilado. Em 60 dias a copa já está pronta para ir para a mesa, mas quanto mais velha ela for, melhor será seu sabor.

A copa era muito usada pelos italianos como alimento de reserva, na falta de carne fresca, como conta dona Vitória, e foi sendo deixada de lado por causa dos salames e presuntos vendidos na cidade. Além disso, na região da soja, muita gente deixou de criar porco por uns tempos. Só que nenhum embutido ou enlatado das indústrias pode ser comparado a este que é o mais saboroso alimento deixado pelos imigrantes.



## Plantio Direto X Plantio Convencional

# COMPARAÇÃO DE CUSTO

As vantagens do plantio direto vêm sendo apregoadas tanto por técnicos como por produtores que já aderiram a esta técnica, deixando para o passado os procedimentos normais do plantio convencional. A melhoria das condições físicas do solo, que não sofre um grande número de operações de aração e gradagem, tem sido apresentada pelos adeptos do plantio direto como o grande lucro de quem opta por esta tecnologia.

Se o plantio direto reduz o número de operações mecânicas para o preparo e plantio do solo — reduzindo também o tempo gasto com esta atividade — ele acaba exigindo um investimento maior por parte dos produtores. É isto que mostra um trabalho realizado pelo Departamento de Estudos Econômicos da Cotrijuí, que fez um

comparativo dos custos do plantio direto e plantio convencional. O custo do plantio direto só será mais barato se dispensar totalmente o uso de herbicidas, transferindo a tarefa do controle dos inços para a velta e eficiente enxada.

“Mesmo sendo mais caro”, como alerta o técnico Luís Juliani — o responsável pelos cálculos — “o plantio direto já mostrou com os anos que traz melhores resultados, não só em economia de tempo como principalmente em termos de conservação do solo”. É que quanto menos o solo for trabalhado com máquinas, menores são as possibilidades de ele se degradar e formar a camada compactada que impede o perfeito enraizamento e desenvolvimento das plantas. Neste solo compactado, a erosão também se faz sentir mais violentamente.

### A COMPARAÇÃO

O custo do plantio direto e do convencional na lavoura de soja podem ser comparados nas tabelas abaixo, que sintetizam todo o trabalho desenvolvido pelo Departamento de Estudos Econômicos. O item 1 considera o gasto com todas as operações mecânicas de preparo e plantio do solo, incluindo também o custo de combustível, lubrificantes, filtros, conservação, reparos e depreciação das máquinas. No plantio convencional as operações incluem uma subsolagem, duas gradagens (uma para o nivelamento do solo e outra para a incorporação do herbicida), uma aplicação de herbicida e o procedimento normal de semeadura. Já no plantio direto, tanto a subsolagem como as gradagens se mostram desnecessárias. Apenas em alguns casos, onde



O solo é melhor conservado com o plantio direto

se iniciará o sistema de plantio direto, talvez seja necessária uma subsolagem como “tratamento de choque”, rompendo assim a camada compactada. As operações exigidas são duas aplicações de herbicidas — uma antes do plantio, para a aplicação de dessecante (Gramoxone e Reglone), e outra de herbicidas pré-emergentes (Dual e Metribuzin) — e ainda a semeadura.

No item 2, que trata de mão-de-obra, foi considerado o trabalho de um tratorista e um ajudante. Sua remuneração foi considerada tomando como base o salário mínimo regional, para uma jornada de 24 dias por mês de trabalho.

No item 3 estão os herbi-

cidas necessários e as quantias recomendadas. No plantio convencional são totalmente dispensáveis os dessecantes — ou herbicidas de contato — que irão eliminar os inços que ficam na resteva da cultura anterior, já que as operações de subsolagem e gradagem já fazem este controle.

Tanto para o plantio convencional como para o direto são apresentados ainda os custos considerando a eliminação do uso dos herbicidas, deixando o controle dos inços por conta da capina mecânica ou manual. Para o plantio direto ainda foi calculado o custo sem o uso dos herbicidas de pós-plantio, mantendo apenas a aplicação dos dessecantes.

**As alegrias desta data também são nossas. Cumprimentamos os amigos associados, diretores e funcionários pelos 25 anos da Cotrijuí**



**Calçados Sândalo**

### PLANTIO DIRETO

	Cr\$/ha
<b>1. OPERAÇÕES MECÂNICAS:</b>	
1.1. — Aplicação herbicida (2) 0,6112 h/ha a Cr\$ 1.641,00/h. ....	Cr\$ 2.006,00
1.2. — Semeadura: 0,565 h/ha a Cr\$ 1.899,00/h. ....	Cr\$ 1.073,00
<b>TOTAL 1. ....</b>	<b>Cr\$ 3.079,00</b>
<b>2. MÃO-DE-OBRA:</b>	
3,56 horas homens a Cr\$ 86,50/hora. ....	Cr\$ 308,00
<b>TOTAL 2. ....</b>	<b>Cr\$ 308,00</b>
<b>3. HERBICIDAS:</b>	
3.1. — Gramoxone 1,0 l/ha a Cr\$ 1.581,00/l. ....	Cr\$ 1.581,00
3.2. — Reglone 1,0 l/ha a Cr\$ 1.581,00/l. ....	Cr\$ 1.581,00
3.3. — Dual 3,5 l/ha a Cr\$ 1.773,00/l. ....	Cr\$ 6.206,00
3.4. — Metribuzin 0,5 kg/ha a Cr\$ 9.308,00/kg. ....	Cr\$ 4.654,00
<b>TOTAL 3. ....</b>	<b>Cr\$ 14.022,00</b>
<b>TOTAL GERAL (1 + 2 + 3) ....</b>	<b>Cr\$ 17.409,00</b>
<b>TOTAL SÓ COM DESSECANTE (1 + 2 + 3.1 + 3.2) ....</b>	<b>Cr\$ 5.440,00</b>
<b>TOTAL SEM APLICAÇÃO DE HERBICIDA (1 + 2) ....</b>	<b>Cr\$ 1.169,00</b>

### PLANTIO CONVENCIONAL

	Cr\$/ha
<b>1. OPERAÇÕES MECÂNICAS:</b>	
1.1. — Subsolagem: 1,313 horas/ha a 1.193,00/h. ....	Cr\$ 1.566,00
1.2. — Gradagem (2) 0,946 horas/ha a Cr\$ 1.226,00/h. ....	Cr\$ 2.320,00
1.3. — Aplicação herbicida: 0,6112 h/ha a Cr\$ 1.641,00/h. ....	Cr\$ 1.003,00
1.4. — Semeadura: 0,565 horas/ha a Cr\$ 1.899,00/h. ....	Cr\$ 1.073,00
<b>TOTAL 1. ....</b>	<b>Cr\$ 5.962,00</b>
<b>2. MÃO-DE-OBRA:</b>	
4,56 horas homens a Cr\$ 86,50. ....	Cr\$ 395,00
<b>TOTAL 2. ....</b>	<b>Cr\$ 395,00</b>
<b>3. HERBICIDAS:</b>	
3.1. — Trifluralin — 2 l/ha a Cr\$ 893,00/l. ....	Cr\$ 1.786,00
3.2. — Metribuzin 0,5 kg/ha a Cr\$ 9.308,00/kg. ....	Cr\$ 4.654,00
<b>TOTAL 3. ....</b>	<b>Cr\$ 6.440,00</b>
<b>TOTAL GERAL (1 + 2 + 3) ....</b>	<b>Cr\$ 12.797,00</b>
<b>TOTAL SEM APLICAÇÃO DE HERBICIDA (1 + 2) ....</b>	<b>Cr\$ 4.006,00</b>



# OS GRANDES GRUPOS APROVEITAM A CRISE

As indústrias nacionais de pasteurização do leite estão servindo de "testa de ferro", na hora de encarar os apelos dos produtores, como ocorreu no Rio Grande do Sul com o movimento contra o frete dois, durante o primeiro semestre deste ano. Quietos, nos bastidores, os grandes grupos estrangeiros da área de transformação vão tirando proveito da situação, enquanto as dificuldades que atingem o setor desgastam o relacionamento entre os criadores, as cooperativas, as indústrias brasileiras e os consumidores.

O controle quase absoluto que os grupos estrangeiros exercem no setor leiteiro é o tema de uma análise realizada pela Central Regional de Informações Agropecuárias e Econômicas, da Fidene, de Ijuí. O trabalho, publicado no boletim de julho da Criaec, revela dados levantados pelo diretor da Central, Argemiro Luís Brum, para mostrar que crises como esta que atinge atualmente os criadores de leite não podem ser entendidas apenas como uma avaliação do quadro conjuntural, das dificuldades do momento. É preciso ir mais longe, segundo ele, pois só assim se poderá enxergar toda a estrutura que vem aniquilando o produtor.

Brum leva em conta, para analisar a atual situação, o fato de que, aparentemente, as indústrias nacionais de pasteurização é que são as únicas responsáveis pelo achatamento dos preços pagos a quem produz, e pela série de obstáculos que o setor tenta superar nos últimos anos. Na verdade, nem tudo é tão simples assim, já que no exterior estão muitas das explicações para que o mercado do leite se mantenha confuso e indefinido. É também a partir da análise das pressões externas que se saberá porque o produtor enfrenta custos cada vez mais altos e vê sua atividade se tornar inviável.

## "SANDUÍCHE"

O domínio do capital internacional vem de anos, mas foi a partir de 1978, no caso do Rio Grande do Sul, que o poder de barganha desses grupos passou a demonstrar sua força. Como ocorreu com a soja, o produtor foi sendo induzido a modernizar suas atividades, e ficou como recheio de um verdadeiro "sanduíche". De um lado, criou-se a dependência dos insumos e de todos os componentes de uma atividade moderna, e de outro um mercado sobre o qual o produtor não tem nenhum controle, e muito menos o desprotegido consumidor.

Acontece que toda a modernização é puxada pelos grupos estrangeiros, em função da

necessidade de internacionalização de suas influências. Brum lembra que na Europa, por exemplo, o consumo de leite se manteve inalterado, nos últimos anos, enquanto a produção continuou crescendo. Nos países da Comunidade Econômica Européia, desde 78 há um excedente de 10 por cento da produção, que não tem consumidores. Assim é que as multinacionais buscam novos mercados, no Terceiro Mundo, onde ocorre o contrário, ou seja, há um déficit na produção.

## NÃO APARECEM

A Nestlé (da Suíça), a Unilever (Grã-Bretanha e Holanda), Danone (França), Kraft (Estados Unidos) e outros grupos controlam o setor em vários países chamados subdesenvolvidos. Com a nova tecnologia, introduzida nessas nações pobres pelas multinacionais, tanto na produção como na industrialização, toda a atividade vai sendo reformulada. Deixa-se de vender leite diretamente ao consumidor, surgem as portarias que não beneficiam quem produz, e cria-se toda espécie de mecanismos que favoreçam sempre o capital internacional.

O interessante, como resalta Argemiro Luís Brum, é que esses grupos pouco aparecem, quando do debate que se estabelece em torno das crises. Eles atuam na área da transformação, ou seja, lidam com a fabricação de iogurte, leite condensado, chocolate, creme de leite, requeijão e outros subprodutos. Para as empresas nacionais, sobra apenas a pasteurização, que resulta no leite líquido, em saquinhos. E a explicação para isso não é nada complicada.

As indústrias que lidam com pasteurização têm que enfrentar os preços tabelados do leite líquido, o produtor sempre descontente com o que recebe, e o consumidor com baixo poder aquisitivo. As indústrias de transformação, por sua vez, colocam no mercado os subprodutos que se destinam às faixas mais altas da população, e têm a vantagem de contar com preços livres. "Os lucros podem ser auferidos de uma forma especial, sem maiores controles oficiais", diz Brum, lembrando que é aqui que estão os grandes grupos que exercem pressão e fazem com que todas as decisões lhes favoreçam.

## IMBATÍVEIS

Este "oligopólio", assim chamado pelo diretor da Criaec, força o achatamento dos preços pagos ao produtor, para que seus ganhos sejam sempre maiores. No caso do Brasil, a Nestlé cumpre esta tarefa, pois detém 100 por cento da produ-

ção do leite infantil modificado, 92 por cento do leite condensado e do creme de leite; 75 por cento do leite em pó. Este grupo, que também lida com bebidas, biscoitos e peixes, é o segundo maior do mundo no setor de produtos alimentícios. Aqui ele é responsável ainda pela produção de 85 por cento do café solúvel, 54 por cento das sopas e 28 por cento dos sorvetes.

Quase imbatíveis, porque conseguem exercer este poder para que nunca sejam prejudicadas, as empresas estrangeiras ficam nos bastidores. Afinal, nunca ninguém ouviu dizer que uma delas tenha sentado à mesa com os produtores, para negociar alguma coisa. Para estes grupos, uma produção conturbada, com altos custos e baixos preços pagos ao criador, e um mercado consumidor de leite pasteurizado (líquido) sem muito poder de compra, é o que de melhor existe. A manipulação exercida sobre

quem produz e quem consome fica facilitada.

A segurança com que as multinacionais agem no Brasil, e em outros países do chamado Terceiro Mundo, também pode ser explicada. São elas que vendem a tecnologia e absorvem a produção, assumindo um monopólio que tem outras implicações. Diante de qualquer ameaça às suas atividades no Brasil, por exemplo, como a falta de matéria-prima, há a saída representada pelas importações. Os excedentes da Europa podem assim, a qualquer momento, entrar no país, pois lá estão suas matrizes, e para lá também são remetidos seus lucros.

## REPETIÇÃO

Enquanto tudo isso acontece, e apesar da produção brasileira ser insuficiente para as necessidades da população, é aqui que se registra um dos máis baixos consumos de leite do mundo. Os gaúchos consomem hoje 250 gramas do pro-

duto por dia, enquanto que o mínimo deveria ser 400 gramas segundo o Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição. O produtor recebe pouco, e o consumidor não pode pagar por um alimento que, nas nações desenvolvidas, onde há sobras, serve de complemento para ração animal.

Segundo Argemiro Luís Brum, tudo isso deve ser considerado, no momento em que se trata de analisar a situação da área do leite. Se tal não acontecer, nada será alterado, pois as reclamações dos produtores são antigas, como revelam declarações feitas em 1945, por João Balthazar de Bem, presidente na época da Associação dos Criadores de Gado Holandês. Ele dizia que "produzir leite é, indiscutivelmente, nos tempos que correm, um mau negócio". Sem ir a fundo na questão — como diz o diretor da Criaec — não se verá nada diferente das "reivindicações repetitivas" que surgem a cada crise.



# Sutan<sup>®</sup>

## É milho no capricho.

Capricho que começa antes do plantio. Enquanto a maioria dos herbicidas para milho só pode ser aplicada depois do plantio, Sutan você aplica em pré-plantio incorporado. Resultado: dispensa sol e chuva e, ainda por cima, corta o mal pela raiz. Não deixa sequer as ervas daninhas germinarem. Controlar as invasoras antes que elas surjam é a maneira mais eficiente de assegurar uma lavoura altamente produtiva. Aplique Sutan em pré-plantio incorporado. Chova ou faça sol, é eficácia garantida.

**Com a garantia Stauffer.**

# Stauffer

CHEMICALS

Stauffer Produtos Químicos Ltda.  
Matriz: Av. Brigadeiro Faria Lima, 2003 - 17º andar - CEP 01451  
Tel. (011) 210-8633 - São Paulo - SP  
Filial: Praça Dom Feliciano, 39 - conj. 902  
Tel. (0512) 21-7488 - Porto Alegre - RS  
— marca registrada da Stauffer Chemical Company, Westport - Conn., USA



# UMA AVALIAÇÃO DOS MILHOS CRIoulos



O comportamento dos milhos é avaliado em ensaios

## Peça na sua Cooperativa **LORSBAN\***

**Inseticida-acaricida para: soja, café, trigo, algodão, amendoim, citros, batata, cenoura, couve, repolho e tomate.**

**LORSBAN é versátil**  
controlando várias pragas em diversas culturas

**LORSBAN é seguro**  
pois aplicado de acordo com as recomendações do rótulo não prejudica as pessoas e a natureza.

**LORSBAN é prático**  
fácil de aplicar e pode ser misturado com a maioria dos defensivos, micronutrientes e fertilizantes foliares.

**LORSBAN é econômico**  
por ser eficaz e fácil de usar.

**LORSBAN é ativo**  
mantendo a lavoura livre das pragas, por longo tempo.

**LORSBAN tem sua eficiência comprovada**  
tanto pelos órgãos de pesquisa e extensão, como pelos milhares de fazendeiros que já utilizam LORSBAN em suas lavouras.



**DOW** DOW QUÍMICA S.A.

\* Marcas de The Dow Chemical Co.

Que dados seguros a pesquisa tem na mão para avaliar o comportamento dos milhos comuns nas lavouras dos produtores? Foi partindo deste tipo de questionamento que o Departamento Agrotécnico da Cotrijuí começou a desenvolver experimentos com milho no ano passado. Um ensaio foi feito em Santo Augusto, visando principalmente formar uma área de observação tanto para produtores como para os próprios técnicos envolvidos no trabalho. Outro experimento, este com maior rigor, foi desenvolvido no Centro de Treinamento Cotrijuí, em Augusto Pestana.

Este ensaio do CTC levou em consideração que diversos tipos de milho comum — como os caianos e dente-de-cão — vêm sendo cultivados pelos produtores, apesar de toda força que assumiram os milhos híbridos, aqueles que vão perdendo seu potencial de germinação com o passar do tempo. Há mais de 70 anos que estes milhos comuns — chamados de populações de polinização aberta, pois se fecundam na própria lavoura — são plantados em toda região, sem que se conheça informações seguras de produtividade e características da cultura.

### UM HÍBRIDO COMO TESTEMUNHA

Para desenvolver este ensaio foram conseguidas amostras de vários milhos junto a produtores de Ijuí e Santo Augusto. Seu comportamento foi avaliado em comparação a uma variedade de híbrido. O C. 501, escolhida casualmente, e que serviu como testemunha. No final do experimento, o milho híbrido superou em produtividade as populações de milho comum. O surpreendente é que no experimento desenvolvido em Santo Augusto (veja na página ao lado), um milho comum empatou em produtividade com uma variedade de híbrido.

É claro que um experimento desenvolvido apenas durante um ano não oferece ainda dados seguros e absolutos. Ainda mais que a safra passada foi prejudicada pela estiagem, o que comprometeu bastante as lavouras. No CTC, por exemplo, foi observado que o mês de janeiro teve uma precipitação de apenas 20,1 milf-

metros de chuva, enquanto a média dos últimos 30 anos é de 135,1 milímetros para este mesmo mês. E esta estiagem coincidiu exatamente com o momento de floração e formação dos grãos.

Em todo caso, vale a pena observar a forma de conduzir a experiência, que permitiu pelo menos definir um pouco melhor as características destes milhos comuns. A estatura das plantas, por exemplo, é bem maior que do híbrido tomado como testemunha. Na média, os milhos comuns alcançaram um porte de 3,18 metros, contra 2,82 metros do híbrido. Isto explica também porque acamaram — na média 21 por cento das plantas sofreram acamamento — enquanto o híbrido não teve este problema. Os comuns tiveram também um maior índice de plantas quebradas (7 por cento contra 1,31 por cento no híbrido). O índice de espigas foi de 0,86 (ou menos de uma por pé), contra 1,10 no híbrido. No rendimento de grãos, o ensaio do CTC também mostrou uma vantagem do híbrido: 6.603 quilos contra a média de 3.164 quilos do comum. O melhor rendimento destes milhos foi de Caiano branco, que alcançou 4.297 quilos por hectare.

### A CONDUÇÃO DO ENSAIO

Todo ensaio foi realizado em quatro parcelas para cada milho, com espaçamento de 80 centímetros entre as linhas e de 50 centímetros entre as covas. A densidade foi sempre de 50.000 plantas por hectare. A área foi previamente corrigida quanto à fertilidade e acidez. A adubação de manutenção seguiu a indicada pela análise do solo: 15 quilos de Nitrogênio, 90 de Fósforo, e 45 quilos de Potássio por hectare. Também foi feita a adubação de cobertura, com 70 quilos de uréia por hectare.

O técnico agrícola Jorge Ernesto Zambra é quem explica que não se pode considerar estes resultados como definitivos. Eles são apenas o início de uma experiência que continuará a ser posta em prática. Para os próximos anos, inclusive, está programado um trabalho que testará um maior número de populações de milhos comuns e também outras variedades de híbridos.



## Uma área para olhar e comparar

Só pelo "Ibope" que alcançou, um ensaio de milho desenvolvido pelo departamento técnico da unidade de Santo Augusto já mostrou sua validade. Todo dia vários produtores mostravam seu interesse em conhecer o experimento implantado com dois objetivos: comparar o desenvolvimento e produtividade de milhos híbridos, de híbridos de segundo ano e ainda milhos comuns (como o caiano e dente-de-cão) e principalmente manter uma área demonstrativa dos diferentes cultivares para a observação de técnicos e produtores.

O ensaio, instalado junto ao posto de leite em Santo Augusto, teve seus resultados avaliados no final da safra, e alcançou resultados até certo ponto considerados surpreendentes. No comparativo de rendimento entre híbridos e milhos comuns, por exemplo, houve um empate: uma variedade dente-de-cão conseguiu o mesmo resultado que um híbrido, o Pioneer 307. Os milhos crioulos também conseguiram maior rendimento em massa verde, o que se foi vantagem por este lado, trouxe suas desvantagens. Estes milhos foram os que mais sofreram acamamento, isto exatamente por seu alto porte.

### O CRIOULO EMPATOU

As sementes foram todas plantadas em parcelas idênticas no mesmo tipo de solo, que teve preparação da forma convencional. A densidade das sementes variou de acordo com o ciclo. Os precoces tiveram a lotação de 59 mil plantas por hectare; os médios e tardios de 45 mil plantas, e o comum de 50 mil plantas por hectare. Para os precoces o espaçamento foi de um metro por 17 centímetros; os médios e tardios de

um metro por 22 centímetros; e os caianos tiveram espaçamento de 90 centímetros por 22 centímetros e de 80 centímetros por 25.

A adubação foi idêntica para todas as parcelas. Na manutenção foram utilizados 350 quilos por hectare da fórmula 5.30.15; na adubação de cobertura foram empregados 100 quilos de uréia por hectare em três aplicações. A primeira ocorreu 30 dias após a germinação, a segunda 30 dias após a primeira aplicação e terceira durante o pendoamento.

As melhores produções foram do milho dente-de-cão e do híbrido Pioneer 307, com um rendimento de 6.384 quilos de grãos por hectare. O segundo melhor rendimento foi do híbrido Pioneer 6874, que alcançou uma produtividade de 5.486 quilos por hectare; a seguir vem o Save 231, com um rendimento de 4.837 quilos.

O Antônio Vieira dos Santos, agrônomo responsável pelo Departamento Técnico da Unidade, explica que estes resultados foram conseguidos com a observação apenas de uma safra, o que não dá segurança para afirmar muita coisa sobre o comportamento das variedades. É preciso considerar ainda, segundo ele, que o ano foi de seca, o que atrapalhou consideravelmente o desenvolvimento dos milhos tardios. Diz o agrônomo:

— O que mais valeu de todo trabalho foi o interesse despertado entre os associados. Inclusive se ficou sabendo de muitos produtores que ainda cultivavam estes milhos crioulos, e que não comentavam o assunto porque havia toda aquela impressão de que só os híbridos produziam bem.

## O produtor faz sua experiência

Além do ensaio instalado na Unidade, o trabalho com milho desenvolvido em Santo Augusto também envolveu lavouras de associados. Quatro produtores fizeram experiência de adubação de cobertura e comparativos de produção entre milhos híbridos e híbridos de segundo ano.

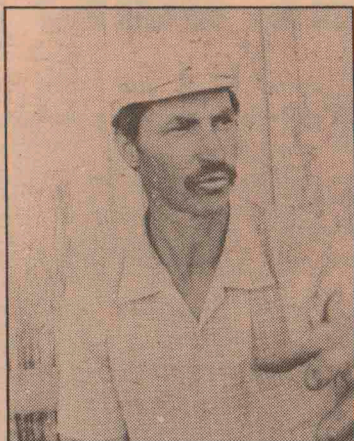
Um destes associados foi Antônio Lúcio Gottens, de Santa Lúcia, município de São Martinho, que é proprietário de 40 hectares. Seu Antônio já planta milho há anos, mas nunca tinha observado grande diferença entre os rendimentos dos híbridos e milhos de segundo ano. Ele é quem conta:

— Para mim foi um grande lucro esta experiência, que assim a gente sabe melhor o que está fazendo. A diferença que deu foi bem grande, e antes não se notava isto, porque os de segundo ano dão muita palha e sabugo. No peso dos grãos é que se vê a diferença.

Além deste comparativo de rendimento, seu Antônio também fez experiência de adubação de cobertura. A semente nova, com duas aplicações de uréia, deu um rendimento de 4.005 quilos de milho por hectare. Sem cobertura, a produtividade baixou para 3.419 quilos por hectare. A produção conseguida com milho de segundo ano, com cobertura de uréia foi de 2.746 quilos por hectare. Sem cobertura foi de 2.796 quilos.

### REPETIR A EXPERIÊNCIA

Nem seu Antônio e nem os técnicos da unidade conseguiram explicar porque o milho



José Copetti: experiência e tanto



Antônio Gottens: grande lucro

de segundo ano sem cobertura de uréia conseguiu produção maior do que o milho que recebeu cobertura. Em parte isto pode ser pela estiagem, que prejudicou parcialmente esta experiência.

Na próxima safra o seu Antônio deve voltar a repetir este trabalho, de tão entusiasmado que ficou:

— Este ano não correu tudo bem no tempo, e se precisa ver como vai ser em ano normal. Tem quem diz que não dá diferença entre a produção de híbrido selecionado e de segundo ano. Mas quero ver melhor isto aí, repetindo também a experiência da cobertura de uréia.

### COISA DE LOUCO

Também seu José Heitor Copetti, de Coroados, em Santo Augusto, participou deste trabalho. Sua experiência foi sobre as vantagens da aplicação da uréia em cobertura. Seu Copetti lembra que sempre foi plantador de milho, "mas na técnica antiga, sem adubo, sem nada". Sua experiência começou com a correção do solo, adubação de manutenção na área de milho e ainda a aplicação de uréia. Ele é quem conta:

— Era até de não acreditar como nasceu este milho. Veio que era uma coisa de louco, ótimo de bem nascido. Foi só botar a uréia que emparelhou mais ainda, e isto na primeira aplicação. Com a uréia a lavoura adiantou pelo menos um mês, e com isto se salvou da seca. Se não boto a uréia perco o milho. Isto foi o que aconteceu com o milho do meu peão, o José, que plantou na mesma época e não colheu nada, enquanto eu passei de 100 sacos por hectare. E tudo era só espiga de conta.

Seu Copetti gostou de trabalhar "na técnica", e considerou "uma experiência e tanto" este ensaio que desenvolveu com o auxílio da Cooperativa. Tanto gostou, que já está tentando uma lavoura de alho também dentro da técnica e espera conseguir "um resultado tremendo". Outra experiência que começou é a de adubação orgânica. Fez uma esterqueira e está espalhando o material numa área para plantio de milho, onde deverá repetir a aplicação de uréia em cobertura.

# ITAMARATY

O único café  
100% brasileiro  
embalado a vácuo

O café, o filtro e os coadores de papel  
com a qualidade Itamaraty você  
encontra nos supermercados COTRIJUI





# EM DOM PEDRITO O MEL PROMETE BONS GANHOS

Se as previsões feitas pela Cotrijuí forem confirmadas, a Cooperativa receberá, em Dom Pedrito, cerca de 30 mil quilos de mel da nova safra que começa a ser entregue em outubro, e que será encerrada pelo fim de abril e início de maio do próximo ano. Esta estimativa representa um aumento expressivo sobre a produção entregue na última safra, que andou ao redor de 17 mil quilos, e é encarada como a principal prova de que a apicultura vem oferecendo uma perspectiva de bons ganhos, principalmente ao pequeno produtor do município. Em função disso é que a Cotrijuí busca aprimorar também sua estrutura para comercialização desse produto.

O recebimento do mel em Dom Pedrito iniciou bem modesto, no final de 1980, como relembra o técnico agrícola Osmar Malmann. A produção ainda acontecia em pequena escala, mas os produtores passaram então a ser estimulados a investir mais na atividade. Naquele ano, havia apenas uns seis criadores de abelha em Dom Pedrito, e a produção entregue naquela safra ficou em

torno de 11 mil quilos. As colméias eram improvisadas com caixotes de sabão, mas pouco a pouco foram sendo melhoradas.

## ALTERNATIVA

Hoje, há aproximadamente 20 produtores dedicados à apicultura no município, e o aumento previsto para esta safra é atribuído ao fato de que muita gente que já estava na atividade ampliou suas criações de abelhas, e outros decidiram investir nessa área, segundo Osmar. As colméias improvisadas foram substituídas por caixas padronizadas, do tipo "Schenk", de fabricação nacional, ou baseadas no modelo americano. O manejo com as abelhas e a retirada do mel foram facilitadas.

Osmar ressalta que a apicultura sempre foi estimulada como alternativa capaz de assegurar um ganho a mais para o produtor, e essa expectativa exige que a Cooperativa esteja bem estruturada para cuidar da comercialização. O mel produzido em Dom Pedrito está sendo colocado em todos os mercados da rede da Cotrijuí, e também vendido a terceiros.



O mel é aquecido antes de envasado

Apesar da concorrência do produto uruguaio, que entra no Brasil, o mel oferecido pela Cooperativa vai conquistando, ano a ano, maiores fatias do mercado consumidor.

Segundo Osmar, os desafios, para que o mel tivesse aceitação no varejo, começaram pela escolha das próprias embalagens. Depois de algum tempo, foi constatado que os vasilhames de plástico com meio quilo é que tinham a preferência do consumidor. Atualmente, a Cooperativa também vende o produto em embalagens de plástico com três qui-



Osmar Malmann: produto de qualidade garantida



As embalagens seguem a preferência dos consumidores

los, e em latas com 25 quilos. Esse aprendizado foi revelando também outros fatores que influem na comercialização.

## DESCONFIANÇA

"O consumidor sempre desconfia da qualidade do mel, e quer saber se o produto é realmente puro", observa o técnico agrícola. Essa desconfiança já foi superada pela Cotrijuí, em função do mel que vem sendo vendido, e apesar de muita gente ainda ter um conceito errado do que vem a ser um produto puro. Para estes, o mel deve ser viscoso, transparente, mas a prova de pureza não é bem esta, segundo Osmar.

"O mel de boa qualidade - diz ele - fica cristalizado, endurecido, quando há queda de temperatura". Muitos, contudo, acham que esse produto, que fica com a aparência de açucarado, está falsificado. A Cooperativa analisa todo o mel que recebe, em laboratório, e só efetua o pagamento ao produtor depois dessa análise. É assim que os compradores têm garantia do produto, e por isso, segundo Osmar, "a reposição de mel, nas prateleiras do mercado em Dom Pedrito, é constante".

Com aperfeiçoamentos na comercialização, a Cooperativa irá, automaticamente, melhor remunerar o produtor. Atualmente, a Cotrijuí efetua o pagamento em duas modalidades: com um adiantamento de Cr\$ 150,00 por quilo, que pode ou não ser acrescido de bonificação ao final da comercialização; e com preço de liquidação de Cr\$ 200,00. Por enquanto, não há previsões quanto a modificações nestes valores, até a entrada da nova safra.

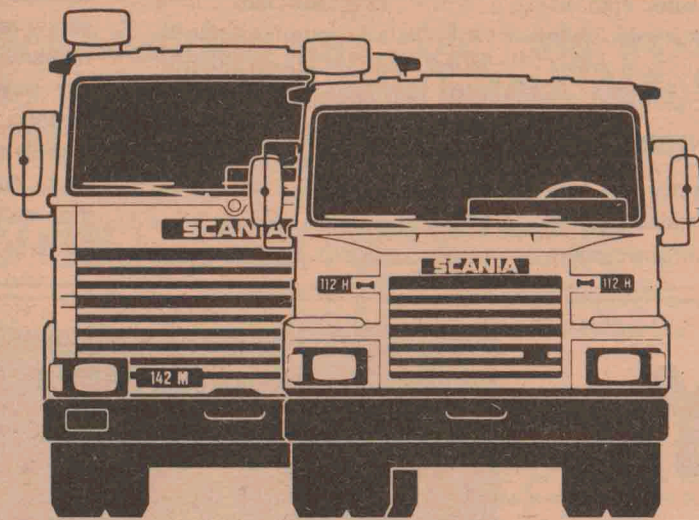
## COMO INICIAR

Para que um produtor passe a se dedicar à apicultura hoje, não há preocupação com os gastos desse investimento. "Para aprender", como diz Osmar, o ideal é uma criação com três a cinco caixas (colméias). Cada caixa, que pode contar com até 60 mil abelhas, custa hoje na Cotrijuí Cr\$ 5 mil, e assegura uma produção de mais ou menos 35 quilos de mel por safra. É só instalar a colméia, que as abelhas aparecerão, ou então transportar para as caixas algum enxame que exista por perto.

Depois de lidar por algum tempo com abelhas, o produtor poderá aumentar sua criação, e 30 caixas são um número ideal. Mas aí o apicultor irá necessitar de alguns equipamentos, como macacão, máscara, luvas, desoperculador (garfo para abrir os favos), um fumegador e uma centrífuga. Osmar ressalta, contudo, que esse investimento em equipamentos só é viável economicamente para quem pretende realmente ampliar a criação, contando com um mínimo de 30 caixas.

Os campos e a existência de pastagens e matos de eucalipto favorecem a apicultura em Dom Pedrito, e por isso o produtor não encontrará maiores dificuldades para formar sua colméia. Há uma boa floração, e conta a favor ainda o fato de que não se registram aplicações de defensivos em excesso no município, pois os venenos de combate às pragas e doenças da lavoura geralmente prejudicam a apicultura. Osmar lembra ainda que, para início de atividade, o Banco do Brasil concede financiamentos aos produtores.

## CAMINHÕES PROGRAMADOS SCANIA

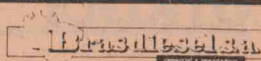


### NA BRASDIESEL VOCÊ ENCONTRA OS CAMINHÕES FEITOS SOB MEDIDA PARA SUA CARGA, COM VANTAGENS SOB MEDIDA PARA VOCÊ.

A Scania sempre foi capaz de melhorar o que era ótimo. Sua tecnologia produz, entre outras coisas, motores a jato, computadores precisos e os caminhões mais testados e aprovados em todo mundo. Na Brasdiesel você vê de perto as vantagens que essa tecnologia trouxe para você. Os Caminhões Programados Scania. Programados para dar lucro ao transportador. Para durar muito. Com economia e versatilidade. A Brasdiesel tem condições de venda especialmente programadas para você. Conheça na Brasdiesel os caminhões feitos para sua carga. A Brasdiesel tem vantagens sob medida para você. Não perca.



CAXIAS — CARAZINHO — IJUÍ

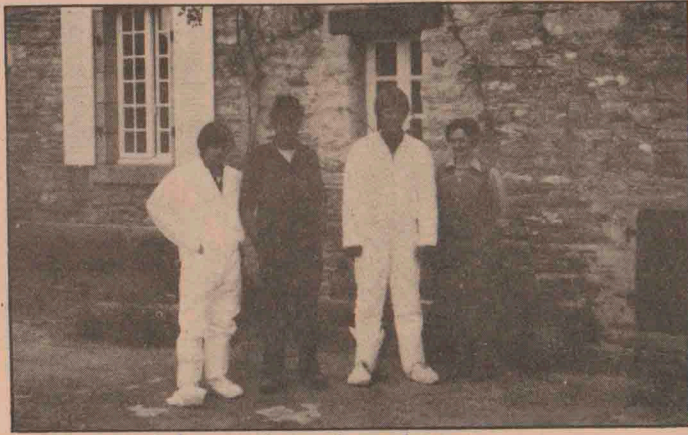




# NA FRANÇA MUITO CONFORTO, MAS TAMBÉM PROBLEMAS



Arlindo de Lima e Simplício Schenkel: quatro meses na França



Os dois, de branco, junto de produtores

O agricultor francês sabe o que gasta e o que ganha na sua atividade, investe na propriedade como um todo, tem luz e telefone em casa, transita por estradas asfaltadas e está informado sobre quase tudo que se relaciona com a produção. Estas são algumas das constatações que o agricultor Simplício Schenkel, de Augusto Pestana, e o tecnólogo em Administração Rural Arlindo Jesus Preste de Lima, funcionário do Departamento de Ciências Agrárias da Fidene, de Ijuí, trouxeram da França, após um estágio de quatro meses. Eles conviveram com pequenos produtores da região da Brétagne, e notaram também que, apesar de tanto conforto, nem tudo é tão estável como parece na agricultura francesa.

Simplício, ex-aluno de Ciências Contábeis da Fidene, e Arlindo foram conhecer o sistema de produção na França, iniciando um intercâmbio proporcionado pela instituição "Agricultores Franceses e Desenvolvimento Internacional" e a fundação que mantém os cursos superiores de Ijuí. Eles que retornaram ao Brasil no dia 15 de julho, passaram todo este tempo residindo com os agricultores, para sentir de perto seu modo de vida, e estagiaram ainda em cooperativas, num Centro de Formação de Jovens Agricultores, na Casa da Agricultura (um órgão que congrega todas as entidades ligadas ao setor primário), em centros de gestão (que cuidam das áreas de contabilidade rural e administração a nível de propriedade) e sindicatos.

## GENTE SOFRIDA

Na região da Brétagne, as propriedades têm uma média de 20 hectares, e a criação de gado de leite e de suínos predomina. Os produtores também se dedicam à avicultura e plantam cereais, como trigo, cevada, milho e colza, além de forrageiras e hortigranjeiros, contando com assistência completa, desde a sementeira até a comercialização. A agricultura é atividade complementar, que existe em função da pecuária. Mais da metade dos produtores é formada por arrendatários, e a população rural tem uma média de idade alta (em torno de 45 anos). Por isso, a propriedade é geralmente explorada apenas pelo casal.

O arrendamento da terra é barato, mas sua aquisição quase inviável, em função dos altos preços, como explicam Arlindo e Simplício. A Brétagne era uma das regiões mais pobres da França, até o final de 2a. Grande Guerra, em 1945. Os donos das terras passaram então a arrendá-las para produtores que não tinham onde plantar, e as áreas foram fracionadas. Ali, estão muitos franceses que foram prisioneiros de guerra, e o pessoal deixa a

impressão de gente sofrida, que se dedica integralmente à agricultura, pensando no dia em que poderá se aposentar.

## PORCO E LEITE

O produtor da Brétagne se dedica à suinocultura ou à produção de leite, e não as duas atividades ao mesmo tempo. A criação de gado leiteiro tem de 45 a 80 vacas, com predominância das raças Normandie (francesa), Frisonne (holandesa) e Holsten (americana). A produção anual fica entre 5 mil a 5.500 litros por animal, e a proteína da soja é o principal componente na alimentação. Há uma preocupação com a manutenção de pastagens, ensilagem e produção de cereais, que assegurem alimento para o gado, e com o melhoramento genético do rebanho. O nível zootécnico, a qualidade destes animais, é bem alto, pois a produção é especializada.

Na suinocultura, a atividade requer um mínimo de 60 porcas criadeiras, mas há pocilgas com até 300 animais, que produzem de 20 a 22 leitões por ano. O porco, vendido com mais ou menos 80 quilos, é destinado ao mercado interno, mas não tem preço de garantia, ao contrário do que acontece com o leite. Mesmo assim, apesar de contar com preço mínimo, o leite tem a desvantagem de enfrentar um mercado saturado pela superprodução (veja matéria na página 15). Além disso, na área de avicultura, funcionam os projetos integrados, que já existem no Brasil, e que estabelecem uma relação de troca entre as indústrias de insumos e o produtor.

## TUDO APONTADO

Arlindo e Simplício deram atenção especial, durante o tempo em que conviveram com os franceses, aos aspectos relacionados com o sistema de administração das propriedades, a partir da contabilidade rural. E notaram que os produtores "trazem tudo na ponta do lápis", como diz Simplício. Os centros de gestão prestam assessoria nessa área, e o produtor tem acesso a todas as informações que necessita, através de cursos, jornais, revistas, seminários. É assim que ele consegue programar suas atividades, e também assim ele vai constatando que a suinocultura e a produção de leite vêm lhes assegurando menos ganhos.

Os franceses contam com crédito rural subsidiado (com taxas abaixo da inflação, em julho a 14 por cento). Este crédito é concedido à propriedade, através de Crédit Agricole, e não à determinada cultura, como acontece no Brasil. Como os empresários da cidade, o produtor só lida com cheques, tem uma conta permanente, e recorre a financiamentos pa-

ra custeios, investimentos ou capital de giro quando necessita. Sua atividade é planejada, e por isso ele não corre o risco de investir sem que existam perspectivas de retornos. Também não há na França as crises repentinas, que atingem determinada área da produção primária, como ocorre nos países subdesenvolvidos.

Mas em função desse controle de custos e ganhos, feito até com a ajuda de computadores, e por saber quase tudo de mercado, é que o francês vem se desesperando. Acontece que lá a receita do produtor não é determinada pela sua extensão de terra, mas pelo rendimento vertical que ele consegue, ou seja, pela produtividade. O produtor é obrigado a tirar o máximo de uma pequena propriedade, e hoje os índices de rendimento, em termos de produção, chegaram lá em cima, em função da tecnologia aplicada. Os retornos financeiros, no entanto, ficaram estagnados, e aí está o impasse. Como conseguir mais, se a produtividade já alcançou níveis excelentes?

## MUITAS QUEIXAS

Arlindo lembra que, por isso, há queixas contra as taxas de juro, os custos, os preços pagos pelos produtos, a inflação. Os franceses querem mais prazos para pagar suas dívidas, e há até uma sugestão, feita pelos pequenos proprietários, para que se estabeleçam quotas de produção. Levando-se em conta que a produtividade é alta, eles propõem que existam preços diferenciados. Em síntese, até determinada faixa de produção, seria pago um preço "x", e a partir daí, contando o excesso provocado pelos altos rendimentos, os valores seriam mais baixos. Nesse caso, é considerado o aspecto de que há contrastes quanto à tecnologia aplicada, pois muitos agricultores não estão tão modernizados a ponto de competir com os outros.

Os franceses têm consciência de que as explicações para estas dificuldades não são encontradas apenas a nível de propriedade, e que muito ou quase tudo do que acontece para desestabilizar a produção primária vem do resto da Europa, da chamada Comunidade Econômica Européia, que exerce uma conjugação de forças no continente. Essa instabilidade, que deixa em situação difícil cerca de 10 por cento dos produtores, ameaçados de ter que abandonar suas propriedades, também alarma os jovens que pretendam trabalhar no campo. Há incentivos oficiais a novos agricultores, inclusive com cursos de formação e até um salário para assistirem aulas, mas o difícil acesso à terra, que é cara e escassa, e as dificuldades do momento não estimulam muita gente.

## Alta tecnologia para o trigo

A moderna tecnologia utilizada pelos franceses e os cuidados com o solo garantem uma produtividade de 4.500 a 5 mil quilos de trigo por hectare. Lá, este cereal é utilizado como ração ou para a produção de farinha, e leva um bom tempo na lavoura: tem um ciclo de 10 meses. O plantio ocorre ali por novembro, no fim do outono e início do inverno, e todo o desenvolvimento da planta acontece durante a primavera. Em agosto, quando na França é verão, começa a colheita. Frustração de safra é coisa que os produtores não conhecem, pois todas as condições, a partir do clima, são favoráveis.

Simplício Schenkel conta que os produtores usam bastante adubo orgânico (40 a 50 mil litros de esterco líquido de porco ou bovino, por hectare), e depois utilizam adubação química apenas como cobertura. Dependendo do estado da terra, eles aplicam de 1.200 a 1.500 quilos de nitrogênio, cálcio ou potássio. A aplicação de fungicidas é preventiva, antes do aparecimento das doenças, e a planta é tratada ainda com um fortificante, que estanca o crescimento, para que o trigo não fique muito alto e corra o risco de se acamar. A planta fica com pouca altura, mas ganha em robustez e na produção de grãos.

Lá eles também enfrentam problemas com o mal-do-pé, mas a situação é melhor controlada com o tratamento das sementes e da terra. Além disso, a doença não chega a preocupar muito, porque a rotação numa mesma área acontece de três em três anos. O francês não planta muito seguido trigo sobre trigo, e por isso o índice de matéria orgânica no solo é bastante alto. Também em função das atividades diversificadas é que não existe muita incidência de pragas. Mas Simplício ressalta que a rotação é possível porque existem alternativas viáveis, com mercado garantido.

## SEM EMPREGADOS

Investindo tanto, para conseguir altas produtividades, o francês tem um gasto grande com esta lavoura. Tanto que ele precisa colher uns 3.500 quilos por hectares para cobrir os custos. Só que o investimento, nesse caso, é feito igualmente com a certeza de retornos financeiros. O produtor aplica adubação química e orgânica, defensivos e fortificantes, certo de que vai colher e de que terá lucros.

Simplício ressalta que as propriedades são modernas, e que as atividades na lavoura e na pecuária não envolvem mão-de-obra assalariada. O casal cuida de tudo. Primeiro porque não há na França o "bóia-fria" ou o operário sem especialização, que se disponha a trabalhar por pouco. E, sem poder remunerar essa mão-de-obra, a saída é trabalhar sozinho, mesmo porque os poucos filhos desses produtores (a maioria não tem filhos) estão estudando nas cidades.



# Silagem não faz milagre. Mas bem que ajuda



O dia de campo abordou todos os aspectos de elaboração e uso da silagem nas propriedades rurais

"A silagem não é milagreira", falou o agrônomo Jalcione Pereira de Almeida, da Divisão de Sementes e Forrageiras da Cotrijornal, aos produtores que de nove a 13 de agosto passaram pelo Centro de Treinamento para ouvir falar de silagem. "O produtor que faz silagem não está de todo salvo da falta de pasto mas tem na propriedade alimento para a criação nos piores meses do ano". A silagem ainda pode ser usada em outubro, quando a pastagem de inverno já começa a declinar e a de verão ainda não pode ser utilizada como alimento para o gado.

Os produtores ficaram sabendo através do Jalcione, que a escolha da forrageira influi em muito na qualidade da silagem. Ele recomendou o uso do milho por apresentar excelente produção de massa verde e também de grãos; do sorgo granífero e do capim elefante. Apesar destas forrageiras apresentarem alto valor energético, elas são deficientes em proteínas, tão necessárias na produção de carne e leite, e por isso, é feita a recomendação técnica de se misturar ainda alguma leguminosa, como o feijão miúdo ou o lab-lab. Como não existe variedade de milho específica para silagem, o produtor deve escolher entre aquelas que produzem muita massa verde (folhas) e "que de certa forma sejam mais adocicadas, que é para aumentar a palatabilidade do animal".

O Jalcione mostrou também as vantagens do plantio do milho consorciado com o sorgo sacarino (cano-de-cacho) na base de 10 a 15 por cento, "que serve para aumentar o grau de doçura da silagem". Mas não recomendou o uso somente do sorgo sacarino, "porque não daria uma silagem de boa qualidade". As culturas, mesmo que sejam destinadas à silagem, devem ser conduzidas com o mesmo tratamento dispensado as outras culturas de grãos, com adubação, capinas, eliminação de inços e tratamentos fitossanitários.

Uma lavoura de milho bem caprichada pode apresentar um rendimento de massa verde e de grãos de até 40 toneladas por hectare, e o do sorgo varia entre 15 a 20 toneladas por hectare. Para um melhor aprovei-

tamento, o milho deverá ser colhido quando os grãos estiverem passando do estado leitoso para o pastoso; o do sorgo, quando os grãos estiverem leitosos e o capim elefante quando alcançar mais ou menos um metro de altura. "Antes de ensilar o capim elefante", recomendou o Jalcione, "é aconselhável deixar secar um pouco para eliminar a umidade".

Se a silagem for realizada em perfeitas condições, com compactação bem feita, e vedação segura, não há necessidade do uso de aditivos como o sal, a uréia, o calcário e o melaço. "A compactação", fez questão de salientar o agrônomo, "é importante para assegurar uma silagem de boa qualidade, porque a fermentação necessária só vai ocorrer com a ausência de ar dentro do silo". Uma silagem bem feita pode muito bem durar até três anos.

## O MAIS ADEQUADO

Os produtores ainda receberam informações técnicas a respeito da construção de um silo trincheira, "o mais adequado para a região por causa do clima e do solo, e suas vantagens econômicas, apesar do custo inicial. Na construção de um silo de 126 metros cúbicos, com capacidade de armazenamento em torno de 80 toneladas, o produtor terá de desembolsar logo de saída (valor atualizado), uns Cr\$ 265 mil. "É um gasto inicial e o silo fica na propriedade por muitos anos". Mostrando ainda as vantagens, o Jalcione calculou que computando o custo operacional, o custo de utilização de máquinas e da depreciação do silo, o produtor chegaria a um custo de Cr\$ 3,66 por quilo de silagem. "Nenhum outro alimento tem um custo tão reduzido".

Usando como exemplo um silo bem menor, de 78 metros cúbicos e capacidade para 51 toneladas de silagem, o Jalcione garante que um produtor poderá alimentar 20 animais adultos por 120 dias, isso fornecendo 20 quilos de silagem diariamente.

Depois da visita ao silo trincheira do Centro de Treinamento, recentemente aberto, os produtores aproveitaram e fizeram uma visita geral a toda área de experimento do CTC.

# "Um ponta" dá prêmio a Moisés Mendes, do Cotrijornal

Moisés Mendes, um dos redatores do Cotrijornal, ficou com o primeiro lugar no concurso Felipe de Oliveira, na categoria conto, promovido pela Prefeitura Municipal de Santa Maria. O resultado foi divulgado na primeira semana de agosto e o trabalho de Moisés, que tem o título de "Um Ponta" receberá um prêmio no valor de Cr\$ 50 mil.

Esta não é a primeira vez que nosso companheiro é premiado num concurso de literatura, atividade a que se dedica nas poucas horas vagas (Moisés também é correspondente da Caldas Júnior em Ijuí). Num concurso nacional de contos, promovido pela revista Status, em 1979 ele ficou em segundo lugar com seu "Dorotéia com colcha de cetim".

## Cinco gerações



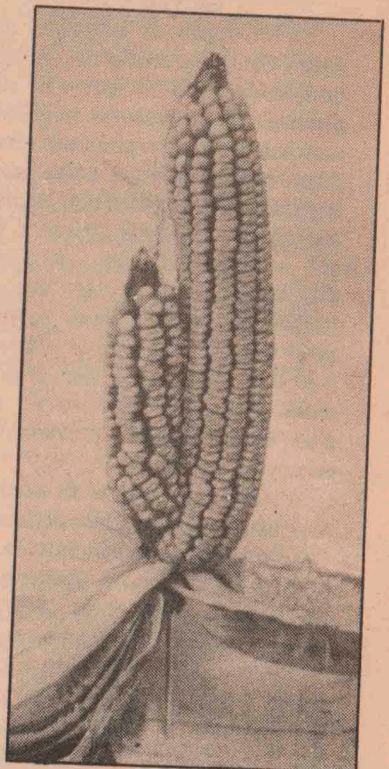
As famílias Wiegert e Brivio, de Ajuricaba, tiraram para a posteridade esta fotografia, onde aparecem cinco gerações. A tataravó Mariana Bagetti, casada com Luiz Bagetti, tem 84 anos, enquanto a menina Emanoela, tem cinco meses. Dona Mariana é mãe de Eva Tamiozzo, de 60 anos, casada com Fortunato Tamiozzo; é também avó de Iracema Wiegert, de 38 anos, casa-

da com Germani Wiegert; e é ainda bisavó de Lori Brivio, de 21 anos, casada com Gilberto Brivio e mãe da pequena Emanoela.

A tataravó Mariana teve 12 filhos, 61 netos, 45 bisnetos e a tataraneta Emanoela. Dona Eva Tamiozzo teve oito filhos, 18 netos e um bisneto, enquanto dona Iracema Wiegert teve quatro filhos e esta netinha.

## A espiga dupla

Muito raro até não é, mas bem que seu João Jeremias Miron estranhou quando colheu esta espiga de milho na sua lavoura em Rincão do Tigre, em Ijuí. Na verdade, são duas espigas numa só, que serve bem como exemplo da boa safra passada que ele fez com o milho do cedo. Em seus 10 hectares João dedica-se mais à horticultura, reservando perto de dois hectares para a lavoura de milho. Nesta área ele colheu 220 sacos.





## Os cuidados com o solo em um dia de campo



As práticas de conservação do solo, como os tratamentos de choque, a rotação de culturas e o plantio direto, continuam sendo difundidas pela Cotrijuí. No dia 30 de julho foi a vez dos produtores da localidade de Rincão da Ponte (Ijuí) e núcleos próximos participarem de um dia de campo, na propriedade de Ari Noronha, quando vários aspectos relacionados com as consequências da degradação física e orgânica do solo e as formas capazes de contornar esses problemas estiveram em debate.

O dia de campo iniciou à tarde, com uma palestra do agrônomo Rivaldo Dhein, coordenador de solos da Cotrijuí, que exibiu e comentou slides de lavouras que apresen-

tam erosão, e exemplos de áreas em que o manejo da terra vem ocorrendo de forma correta. Depois, os técnicos Claito Talgati, Pedro Pitol e Sadi Pereira falaram a respeito do plantio direto, ressaltando detalhes relacionados com a sementeira, a escolha das máquinas e os custos de formação da lavoura.

Após as palestras, que motivaram muitos debates, os 40 produtores que participaram do dia de campo visitaram lavouras da propriedade de Ari Noronha, onde vêm sendo aplicadas as recomendações para que o solo seja preservado ou recuperado. Encontros como esse, que a Cooperativa vem promovendo desde o ano passado, serão realizados em outras localidades durante 82.

## O Rotary dá força ao cooperativismo



O Rotary Club Ijuí passará a debater, em suas reuniões semanais, assuntos que se relacionam também com o meio rural. Esta intenção do clube foi manifestada por um grupo de dirigentes e associados, que visitou a Cotrijuí, no final de julho, quando a entidade transmitiu ao diretor da Regional Pioneira, Bruno Eisele, felicitações pelos 25 anos da Cooperativa. Segundo Jaime Malmann, presidente do Rotary, será

aberto um espaço à participação de representantes do setor primário, para que não só assuntos urbanos façam parte da pauta dos encontros do clube.

Malmann esteve na Cotrijuí acompanhado do secretário da entidade, Milton Kusler, do diretor da Avenida de Serviços à Comunidade, Olandino Roberto, e dos rotarianos Leoni Coimbra de Souza, Hilnon Correa Leite e Erton Sagave.

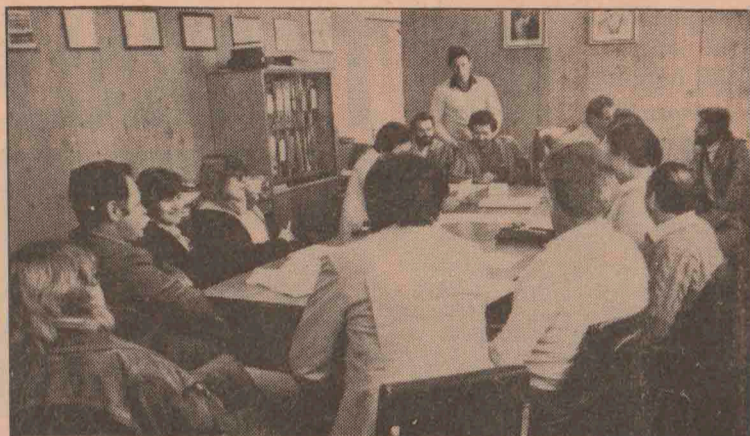
## Árvore e Artesanato

### Santo Augusto promove Feira

Árvores e artesanato serão o motivo de uma feira que movimentará o município de Santo Augusto nos dias 28 e 29 de agosto. A promoção é da prefeitura e conta com o apoio da unidade da Cotrijuí, e leva o nome da II Feira da Árvore do Artesanato de Santo Augusto. A primeira edição aconteceu em 1979 e agora os promotores resolveram retomar a idéia e inclusive manter uma periodicidade na sua realização.

A Feira contará com a exposição e comercialização de mudas de árvores, folhagens e artesanato regional. Serão peças de cerâmica, pinturas, tricô, crochê e outros trabalhos manuais, além de compotas, conservas, pães, doces, cucas, bolachas, bebidas (como vinhos de laranja e uva, guarapa) e vários produtos coloniais (mel, melado, queijo, ovos, etc). Estes produtos, e também os trabalhos desenvolvidos por esposas e filhas de associados e funcionários da Cotrijuí, estarão em estandes montados pelos núcleos da Cooperativa.

A programação da Feira que estará instalada no salão



Muitas reuniões vem definindo o programa da Feira

Paroquial e na praça Pompílio Silva — ainda inclui diversas outras atividades. No sábado à tarde, a partir das 14 horas, acontecerá uma palestra do diretor do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí, Renato Borges de Medeiros, que falará sobre "Ecologia e Continuidade da Produção Agrícola". A noite haverá um show de danças gaúchas pelo grupo nativista "Os Taiguaras".

No domingo, dia 29, a programação inicia com uma missa especial em homenagem à natureza. Logo em seguida

será feito o lançamento e sessão de autógrafos do novo livro do escritor santo-augustense Eucardio Derosso. Ainda pela manhã acontecerá a apresentação da banda do 7º BPM (Batalhão de Polícia Motorizada) de Três Passos, que realizará também um desfile militar e demonstrações de exercícios práticos. Às 15 horas será dada a largada da 1ª Rústica Santo Augusto, quando corredores percorrerão 10 quilômetros dentro da cidade, concorrendo a prêmios que totalizam Cr\$ . . 130 mil.

## DAL MONTE: O PEDESTAL DA ELEGÂNCIA MASCULINA.



DAL MONTE

A VENDA NAS LOJAS COTRIJUI



# OS CURSOS MARCAM UMA ETAPA DO TRABALHO COM AS MULHERES



Na Linha 6 Leste aconteceu um debate sobre a participação da mulher

A área feminina do setor de Comunicação e Educação da Unidade de Ijuí concluiu a realização de vários cursos desenvolvidos junto a alguns núcleos de esposas e filhas de associados. Estes encerramentos aconteceram durante o mês de julho, marcando o cumprimento de uma etapa do trabalho desenvolvido junto a estas comunidades.

Um dos cursos foi de pintura em tecido, que aconteceu no decorrer de seis reuniões realizadas na Linha 6 Leste. Seu encerramento foi comemorado com um chá de confraternização organizado pela comunidade do Núcleo de Linha 8 - Floresta, quando também foram expostos os trabalhos confeccionados pelas participantes do curso. No mesmo dia também aconteceu uma discussão sobre a participação da mulher no meio rural, e foi eleita a nova diretoria do núcleo, formada por Glaci Prauchner, Luci Guth e Agnes Prauchner.

As formandas do curso de pintura em tecido são: Rosa Bartz, Valdirene Vetoratto, Inês Prauchner, Leonilda Bartz, Lenice Prauchner, Agnes Prauchner, Luci Guth, Sonia Piacessi, Elaine Krampe, Marilise Bigolin, Dinorá Ptuciniki, Lorines Lizbinski, Suzana Czyzeski, Denise Garzela, Janete Czyzeski, Sirlei Gress, Alice Karlinski, Irene Garzela, Julinez Lisbinski, Isolda dos Santo, Nilza Prauchner, Alda Bartz, Jurema Prauchner, Glaci Prauchner, Edi Woiam, e Cleci Pardinski.

## TRICÔ

Também foram finalizados quatro cursos de tricô, realizados nas localidades de Colônia Santo Antônio, São Valentim, Parador e Linha 4 Leste. Nestes cursos o setor de Comunicação contou ainda com o auxílio de uma estagiária do curso de Economia Doméstica do Imrab, Missao Oba. Os cursos tinham o objetivo de permitir que suas participantes possam confeccionar peças de tricô para o uso da família, o



Na Linha 4 Leste houve uma exposição das peças de tricô elaboradas pelas participantes que representa sempre uma boa economia pela redução de custos. Dependendo do interesse individual, inclusive, pode até permitir a criação de uma nova fonte de renda.

Participantes do curso em Parador: Neiva Maria Barriquelo, Juraci Góí, Santa Terezinha Bronzato, Cleusa Terezinha Góí, Carmen Wender, Sandra Wender, Ivone Tiecher, Cleusa Maria Góí, Tânia Regina Góí, Inês Ceretta, Lucia Ceretta, Neiva Barrichello, Cledi Wender, Rosane Barrichello, Lenir Tiecher, Marinês Barrichello, Clari Ceretta, Ivone Ceretta, Lucia Manhabosco, Luiza Werneck, Neila Bronzato.

Participantes do curso em Colônia Santo Antônio: Carmem Guarda Lara, Dalzira Basso, Dilce Basso, Gessi Noeli Konageski, Ives Terezinha Pedron, Jocélia Schiavo, Lucinda Basso, Marinês Moresco, Neide Cassali, Neli Dalla Corte, Nilza Meotti, Noemi De Bearzzi, Rosane Rosa Gobbo, Rosangela Konageski, Vera Rosa Gobbo, Paulina

Lanzarin, Rosaria Lanzarin, Naura Moresco.

Participantes do curso na Linha 4 Leste: Alair Ledermann, Cleusa A. Meincke, Eliza Copetti, Erica Ilse Weber, Erna Elsa Weber, Ivone Hamastron, Ivone Friederich, Irene Dolores Kinalski, Isolda Hamastron, Lorlei Friederich, Maria Rakoski, Marli Mass, Marli Friederich, Marli Paixão de Oliveira, Neiva Ochs da Rosa, Sélia Friederich, Selita Hamastron, Sirlei Copetti, Vera Beatriz da Rosa, Hilda dos Santos, Nelda Weber, Cristina Hedlund.

Participantes em São Valentim: Izabel Gelatti, Almanir Stochero, Isair Lucia Stochero, Celita Gabbi, Nelci Gabbi, Elaine Gabbi, Elenir Gabbi, Fatima Gelatti, Ivanir Maria Stochero, Geni Markus, Clari Bonfada, Helena Stochero, Selanir Gabbi, Marislite Gabbi, Terezinha Coradini, Eloir Ana Stochero, Liria Copetti, Noeli Bonfada, Verônica Stochero.

## Um bom sono também precisa de arte. A Vulcan sabe disso

### Orthofoam



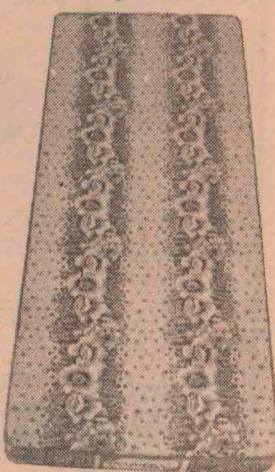
**GRÃO-DUQUE**  
Totalmente acolchoado  
15 cm de espessura  
Semi-ortopédico



**VULCAPLUMA**  
Confortável e econômico  
12 cm de espessura  
Estampa exclusiva



**DUQUESA**  
Maciez controlada  
14 cm de espessura  
Estampa exclusiva



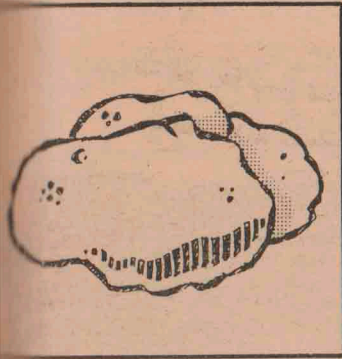
**BARÃO**  
Espuma macia  
9 cm de espessura  
Todas as medidas



Os colchões de espuma Vulcan estão nas Lojas Cotrijuí



# A LAVOURA NO MÊS

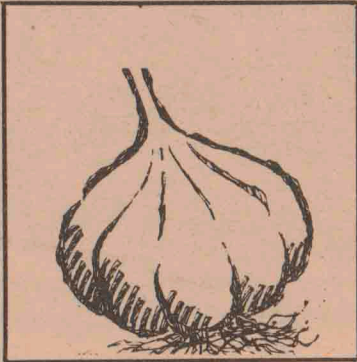


## BATATA

O mês de agosto caracteriza o preparo do solo e o início do plantio de batata nas áreas menos suscetíveis a geadas. Uma prática indispensável em relação à batata é a aplicação de brotador, para garantir assim que a semente germine uniformemente e garanta um bom "stand" de lavoura. Lembremos também que a batata in-

glesa não se desenvolve bem em solos com a acidez corrigida, pois nestas condições há maior ataque de sarnas (a casca externa solta-se em escamas).

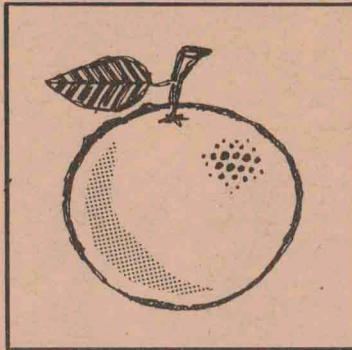
As sementes de batata existentes na região são de baixa qualidade, não existindo sementes fiscalizadas das variedades aqui cultivadas; desta forma não se pode garantir pela sanidade das mesmas.



## ALHO

O desenvolvimento da parte aérea está normal e em algumas áreas há vigor demasiado, o que pode prejudicar a produção final da lavoura. O tempo úmido tem provocado no alho, como também na cebola, o surgimento de doenças que devem ser controladas imediatamente, de tal forma que as folhas novas possam se desenvolver sadias e garantir a produtividade da lavoura. A alta umidade do solo tem dificultado o controle dos inços, pois as capinas nestas condições são ineficientes, restando o controle químico com a aplicação de herbicidas que se mostram razoavelmente eficientes. Recorda-se que não se deve exagerar na uréia e a partir de agora somente se justifica sua aplicação em man-

chas de baixa fertilidade, onde as plantas apresentam sintomas de falta de vigor para seu desenvolvimento.



## POMAR DOMÉSTICO

A maior parte das frutíferas nesta época já deve ter sido podada e esta operação apresenta características importantes, conforme você pode ver em matéria nesta edição (página 10). Estamos em período final de poda da parreira, planta na qual esta operação é essencial para que se tenha produção de qualidade.

Os pessegueiros precoces (do cedo) já estão com frutos em desenvolvimento, o que faz

com que se tome desde agora precauções para controle da mosca (bicho do pêssego), devendo-se fazer imediatamente a primeira aplicação com produto específico. Esta aplicação será repetida duas a três vezes até a colheita do pêssego. Os pêssegos mais tardios, que agora estão em florescimento, ainda podem aguardar alguns dias para iniciar os tratamentos.

A figueira também é importante a nível de pomar doméstico, sendo que a ferrugem e a broca são os principais problemas desta planta em nossa região. Para a ferrugem recomenda-se produtos como Dithane, Manzate, Fungineb, Brema e outros, sendo que o controle desta doença é importante, pois ela provoca a queda das folhas e reduz a quantidade e a qualidade de produção.

O controle da broca dos ponteiros também deve ser rigorosamente observado. Se necessário deve-se aplicar o defensivo específico. O controle da broca também pode ser feito usando-se armadilhas luminosas.

### HORTA DOMÉSTICA PARA 5 PESSOAS

Repolho	12 m <sup>2</sup>	cultivado em 3 épocas	- 36 m <sup>2</sup>
Couve	12 m <sup>2</sup>	cultivada em 2 épocas	- 24 m <sup>2</sup>
Rabanete	4 m <sup>2</sup>	cultivado em 6 épocas	- 24 m <sup>2</sup>
Tomate	10 m <sup>2</sup>	cultivado em 2 épocas	- 20 m <sup>2</sup>
Pepino	10 plantas		- 25 m <sup>2</sup>
Alface	12 m <sup>2</sup>	cultivado em 6 épocas	- 72 m <sup>2</sup>
Rúcula	6 m <sup>2</sup>	cultivado em 4 épocas	- 24 m <sup>2</sup>
Cenoura	18 m <sup>2</sup>	cultivado em 2 épocas	- 36 m <sup>2</sup>
Cebola	40 m <sup>2</sup>	cultivada em 1 época	- 40 m <sup>2</sup>
Condimentos	2 m <sup>2</sup>	cultivados em 2 épocas	- 4 m <sup>2</sup>
<b>Total</b>	<b>119 m<sup>2</sup></b>		

### HORTA SUGERIDA PARA JULHO/AGOSTO

Espécie	Variedade
Repolho	Coração de boi, chato de quintal
Couve	Manteiga Geórgia
Rabanete	Redondo vermelho, Saxa
Rúcula	Cultivada
Cenoura	Kuroda Nacional
Alface	Maravilha de verão, Kograner
Beterraba	Tall Top Early Wonder

12,5 m

6 m	6 m
Agosto Cenoura III	Agosto Rabanete IV
Agosto Beterraba II	Agosto Couve
Agosto Espinafre	Agosto Repolho II
Agosto Cenoura I	Agosto Cenoura I
Agosto Repolho II	Agosto Rúcula II
Agosto Cenoura II	Agosto Rabanete III

Cebola — observar limpeza da área  
Prevenir moléstias.

Espaçamento: 10 cm entre plantas  
30 cm entre linhas

## PEIXES

Vende-se alevinos de carpa. Tratar com Sadi Berno, Linha 6 Oeste, Ijuí.

## OS CAMPEÕES DO SUL: AG 28-AG 64-AG 64 A

Com a bola no pé eu sou Pelé, com Agrocères na plantação você é o Campeão.

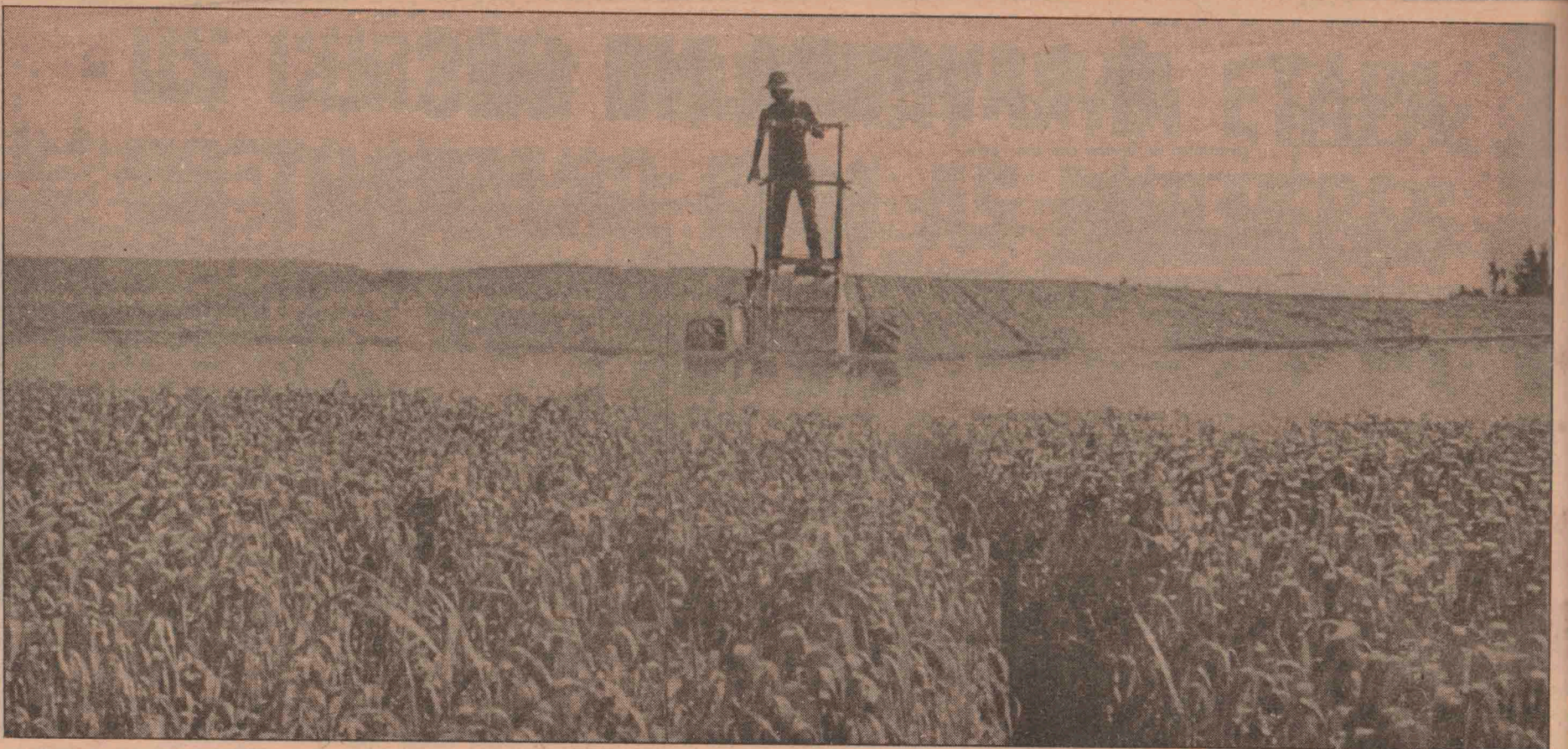
Neste campo jogam verdadeiros campeões: gente que tira mais proveito da sua terra. Plante Agrocères, o milho híbrido mais plantado no Brasil. É o campeão de produtividade. Fique você também com Agrocères, o milho híbrido campeão da terra da gente.

**AGROCERES**  
Campeão da terra da gente.

**COOPERATIVISMO**  
a força dos campeões da terra da gente

**Homenagem da Agrocères,  
uma empresa brasileira,  
aos 25 anos da Cotrijuí**





**Defensivos:**

# SÓ PAGA QUEM USA?

Os defensivos agrícolas ganharam as manchetes e as páginas nobres dos jornais de Porto Alegre durante boa parte dos meses de julho e agosto, depois de descoberto que as águas do Guaíba — que abastece a população de Porto Alegre — estavam apresentando índices anormais de pesticidas. As fortes chuvas daquele período foram responsabilizadas por carregar estes venenos das lavouras até às grandes cidades. A divulgação deste fato, a princípio, não causou maiores surpresas na área oficial. Mas provocou uma forte reação das entidades preocupadas com a qualidade do meio-ambiente, de técnicos e preservacionistas, que passaram a denunciar o perigo que estes pesticidas representam para a saúde humana. Eles exigiram das autoridades a adoção de uma medida que restringisse os produtos tóxicos empregados na agropecuária.

A pressão foi tanta, que o governador Amaral de Souza assinou, no dia 22 de julho, um decreto proibindo o uso de produtos clorados em todo Rio Grande do Sul. Só que a polêmica não acabou por aí. Antes pelo contrário; mais polêmica ainda se criou. A primeira euforia com que foi recebido o decreto, acabou substituída pelo espanto, ao se constatar que este tipo de atitude atingiria apenas os agricultores. Proibindo o uso, o agricultor é quem paga, enquanto a indústria continua a fabricar livremente todos os produtos e o comércio continua a vender.

**O PRODUTOR FICA COM O ABACAXI**  
Carlos Karlinski, presidente do

Sindicato de Trabalhadores Rurais e Ijuí, foi um dos primeiros representantes dos produtores rurais a manifestar sua estranheza por esta parcialidade. Numa entrevista ao jornal Zero Hora do dia 24 de julho, ele afirmava que "o abacaxi sempre fica com quem tem menos poder. O colono vai ter que ficar se cuidando para não ser punido, para não ser apanhado usando um veneno que às vezes comprou por ser mais barato e nem sabe se é mais ou menos tóxico que outros. Enquanto isso, os industriais continuarão, sem a menor punição, fabricando os venenos. E os vendedores, que no interior normalmente vão até a casa do colono, continuarão impunemente vendendo o produto, sem qualquer responsabilidade".

O argumento do Governo estadual para não proibir também a comercialização e a fabricação destes produtos, prende-se ao fato de que isto é competência exclusiva do Governo Federal. O que estava ao seu alcance — a proibição do uso — fora feito. Mesmo que parcial e digna de causar espanto, a medida foi considerada pelo menos um início. Renato Borges de Medeiros, diretor Agrotécnico da Cotrijuí por exemplo, mesmo reconhecendo que o decreto é falho, o interpretou como uma conquista, e que a tendência agora é chegarmos mais rapidamente à proibição total da comercialização dos pesticidas perigosos. "O que não se pode", diz ele, "é ficar apenas na penalização ao uso".

O que também se estranhou no decreto foi restringir o uso de defensivos clorados — como o DDT,

Endosulfan, Aldrin, etc, que são produtos que não se desmancham com o tempo, permanecendo acumulados nos organismos vegetais e animais — basicamente apenas na agricultura. Pelo decreto, seria uma exceção o emprego destes produtos em carrapaticidas para tratamento do gado. Acontece que os carrapaticidas clorados já têm sua fabricação proibida no Brasil desde 1971, isto através de uma lei federal. Esta proibição surgiu depois que alguns lotes de carne exportada foram recusados pelos compradores por estarem contaminados com resíduos tóxicos.

O mesmo decreto também admite o emprego de defensivos clorados quando for constatado que o combate às pragas da lavoura se mostrar impossível com outros produtos, mas desde que devidamente autorizado e com orientação da Secretaria da Agricultura. Outra exceção é o uso do formicida dodecloro e a aplicação de produtos à base de DDT ou BHC em campanhas de saúde pública.

## E OS FOSFORADOS FICAM DE FORA?

Enquanto técnicos de várias entidades elaboravam uma lista dos clorados que teriam seu uso efetivamente proibido, a questão toda era alimentada ainda por outro ponto: de que adianta proibir apenas os clorados se os pesticidas fosforados têm sua ação também prejudicial à saúde? São os fosforados, por sinal, os responsáveis pelos mais graves casos de intoxicação que se conhece no Brasil. Estes produtos — e um exemplo é o Parathion — não têm

um alto poder residual como acontece com os clorados, que permanecem na natureza até por mais de 20 anos e são acusados de causarem câncer e provocarem alterações na formação dos fetos. Os fosforados, porém, têm uma ação extremamente rápida, atacando todo sistema nervoso, e são donos de um violento poder mortífero.

## A RELAÇÃO DOS PROIBIDOS

Técnicos do GEDA (Grupo Executivo de Defensivos Agrícolas) elaboraram uma relação dos defensivos clorados que passam a ter seu uso proibido no Rio Grande do Sul. Fazem parte do GEDA, que é um órgão do Ministério da Agricultura, representantes da Secretaria da Agricultura, Secretaria da Saúde e do Meio Ambiente, Sociedade de Agronomia do Rio Grande do Sul, Fetag, Emater, Centro de Informações Toxicológicas e Instituto de Pesquisas Agronômicas. Os 40 princípios ativos de pesticidas organoclorados que têm seu uso proibido são:

Aldrin, BHC, DDT, Endosulfan, Endrin, Heptachlor, Lindane, Methoxychlor, Nonachlor, Pentachlorofenol, Camphechlor (toxaphene), Diflubenzuron, Chlorbenseide, Magtac, Chlorbenzilate, Chlorfenetol, Chlorfenson, Chlorfensulphide, Dicofol, Tetradifon, Chlorobicyclen, Bromociclen, Bulan, Chlordane, Chlordecone, DFDT, Dieldrin, Telodrin, Isodrin, Paradiclorobenzeno, Perthane, Proilan, Strobane, Aramite, Chlorbenzilate, Chloropropilate, Diclofuanida, Tetrasul, DPCM (Oxitan), DDD.





SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

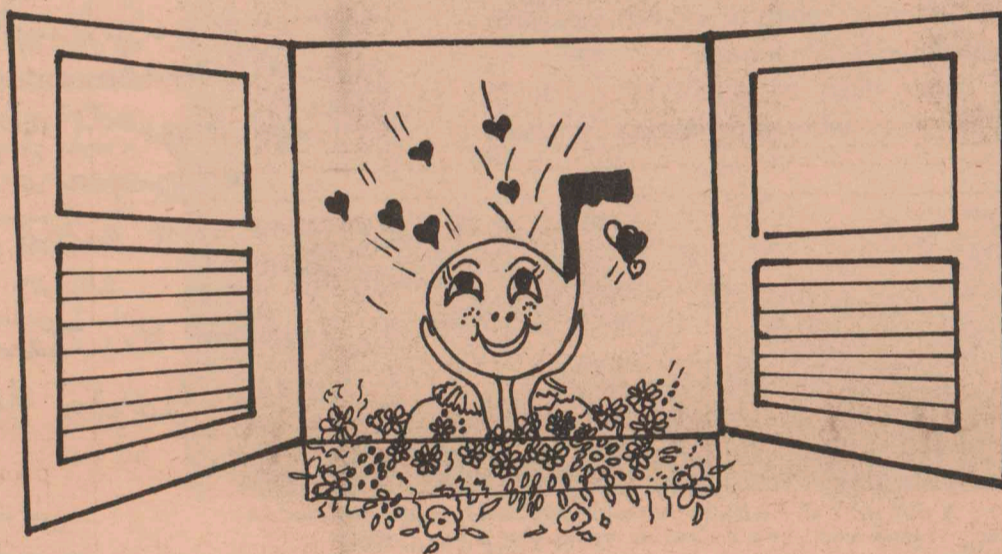
# MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

Nesses tempos de invasão da música norte-americana, nem sempre de boa qualidade, lembramos de nossa boa música. Música da nossa gente.

Neste vasto território brasileiro, três elementos étnicos — o índio, o branco e o negro — lançaram as sementes da nossa música popular.

Surgiram, lindas e variadas músicas, para agradar a todos os gostos.

A música popular brasileira é cantada pelas ruas, nas festas, bares e pelos campos. Ela se espalha na voz do povo, fala de seus sonhos, dos seus sofrimentos, da sua malandragem e dos prazeres.



Comove os corações sertanejos com o choro da viola amiga, que fala do luar do sertão.

Se estende por todo o país, com as rancheiras dos bravos gaúchos, com o baião dos cantadores e das marias-bonitas do Nordeste.

Por tudo isso, a nossa música popular tem um colorido verdadeiramente atraente, porque é fruto da roça, do morro, da cidade, do campo; surge ao mesmo tempo daqueles que nunca cursaram escola e dos grandes doutores.

Música popular brasileira: uma criação coletiva

daqueles que, amando a nossa terra, sentiram necessidade de contar a história e a vida do brasileiro.

Há oito anos, no mês de agosto, morreu Lupicínio Rodrigues, grande compositor da música brasileira (nasceu em Porto Alegre em 16/06 de 1914 e morreu em 27/08/1974).

Eis a letra de uma de suas composições mais populares, cantada pelas crianças, jovens e velhos. Vamos cantar.

### Felicidade

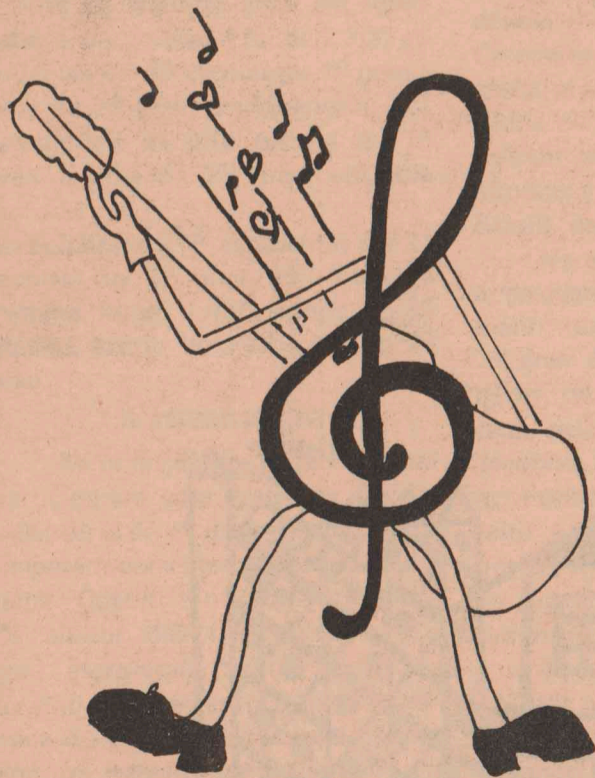
Felicidade foi-se embora  
E a saudade no meu peito  
Ainda mora

E é por isso que eu gosto lá de fora  
Por que sei que a falsidade  
Não vigora

A minha casa fica lá atrás do mundo  
Onde eu vou num segundo  
Quando começo a cantar  
O pensamento parece uma coisa à toa  
Mas como é que a gente voa  
Quando começa a pensar

“Quem canta seus males espanta!”

— Você sabia que a voz humana é o mais perfeito instrumento musical?





# O ar puro é um direito para todos

O estudo do ar foi uma proposta sugerida pelos alunos da 3a. série da Escola Francisco de Assis, quando na oportunidade estavam estudando as aves.

Inicialmente fizeram experiências sobre: — ar peso; — ar necessidade para a vida; — ar ocupação do espaço; e — ar como pressão.

As experiências enriqueceram os conhecimentos integrando o ar à realidade da vida.

Um dia saindo para pesquisar o ar na cidade os alunos perceberam várias situações que retratavam as impurezas do ar, a fumaça dos carros, dos trens, das fábricas, o mau cheiro vindo dos esgotos, das indústrias, etc.

Voltando para a escola foi criado um ambiente para discutir os elementos causadores dessas impurezas. E chegaram à conclusão de que alguma coisa necessita ser realizada para evitar a destruição da natureza.

A partir disso os alunos escreveram e ilustraram relato sobre experiência vivenciada.

## O Ar

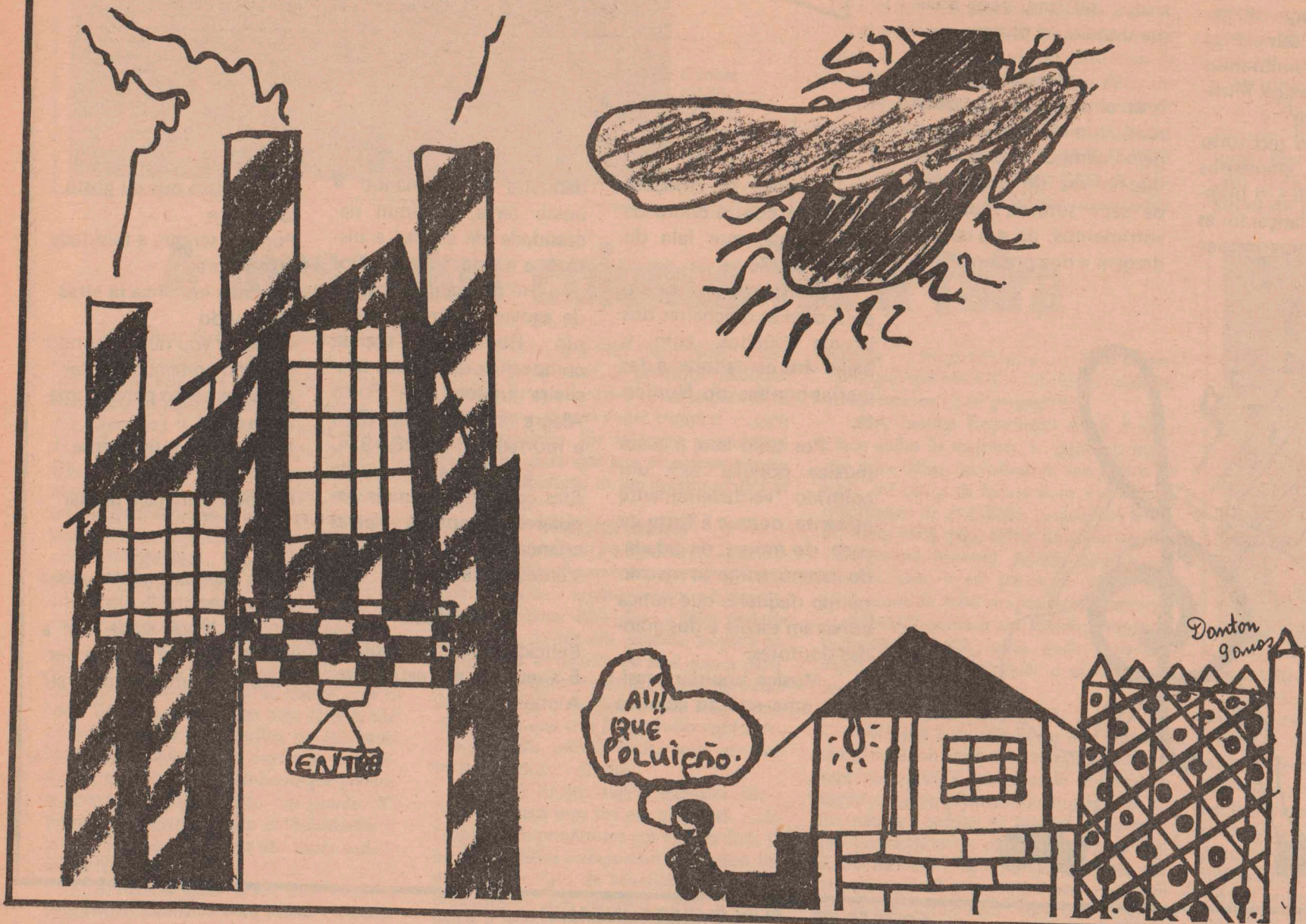
Há muitos anos atrás havia um tipo de ar muito bom para a saúde das pessoas e era puro, saudável e fazia muito bem para as pessoas.

Mas o tempo foi passando e o ar puro se acalando. Porque as pessoas não tomam consciência de que o ar puro é bom para a saúde de si próprios, mas parecem que as pessoas não querem se sentir bem, e por isso elas derrubam árvores, falem aviões, carros, indústrias, trens, navios etc... Não podemos entender como os homens não pensam na saúde e na vida e vão construindo máquinas venenosas, indústrias, falem aviões, carros derrubando os árvores, poluindo os rios.

Hoje a gente respira este ar poluído.

Tudo isso para ganhar dinheiro, e eles não percebem que estão matando a natureza e a si próprios.

Anderson Bittencourt. Yaciana Lucchese.  
Patricia Bagan dos Santos. Professora Lidia Anacorrêa.





# Bonequinha de lã palha ou corda

**Material:** Um novelo de lã, ou restos de cores diversas. Esta bonequinha gasta bastante lã, e por medida de economia, também pode ser feita em palha, ou corda desfiada.

**Execução:**

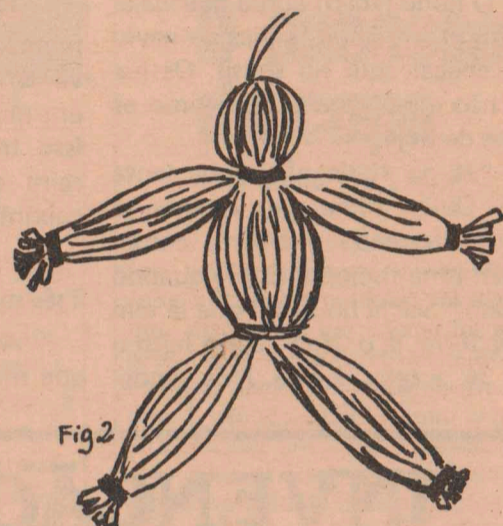
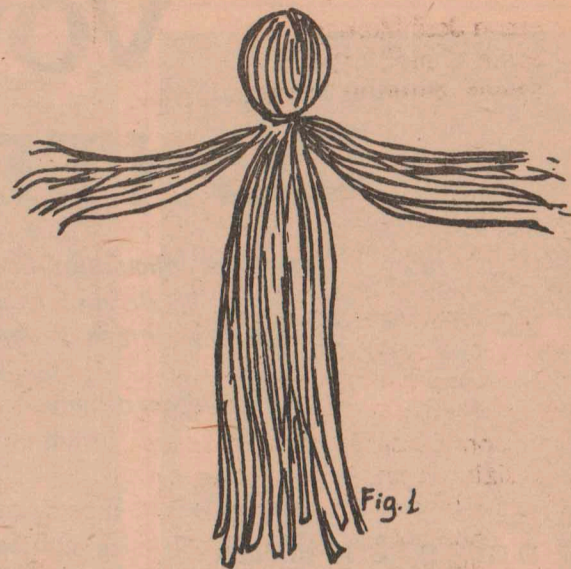
1 — Enrolar a lã num livro ou papelão grosso, de 10 a 15 cm. Quanto maior a boneca que se deseja fazer, tanto mais lã leva esta meada. Amarrar firmemente de um lado, e cortar os fios do outro. Teremos uma espessa meada de fios de lã.

2 — Amarra-se a cabeça, mais ou menos na altura da quinta parte da meada. Separam-se dois montinhos de fios logo abaixo do pescoço; são os braços (fig. 1). Amarra-se a cintura, separando o restante dos fios em duas partes; são as pernas (fig. 2).

3 — Amarrar pés e mãos. Os fios dos braços devem ser aparados com tesoura, para não ficarem compridos demais. Um pingo de cola transparente garante fixação perfeita. Quem quer caprichar, dobra as extremidades dos fios antes de enrolá-los, para obter pés e mãos mais rechonchudos.

**Remates:** Bordar olhos e boca. Os olhos também podem ser feitos com contas, e a boca com miçangas. Para os cabelos, enfiar fios de lã de cor diferente com agulha. Fios curtos resultam num penteado à escovinha; os mais longos podem ser trançados. Também um minúsculo laço de fita produz bom efeito.

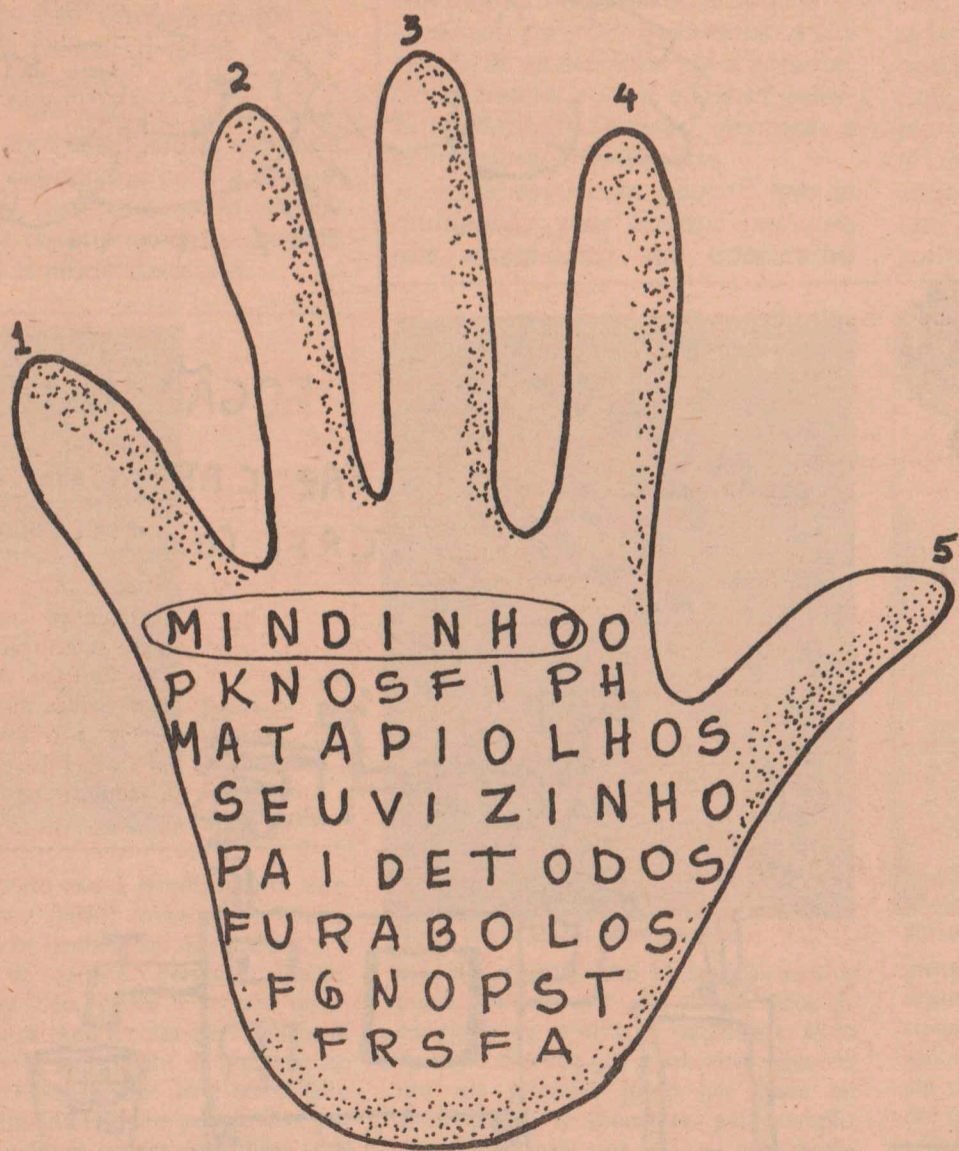
Vestir com saiotê franzido, ou calção. Fitas cruzadas cobrem o busto, imitando blusinha ou camisa.



## Os cinco dedos

*Ei! você sabe os apelidos dos dedos de sua mão? Nós damos a dica. O primeiro já foi marcado. Procure e marque no diagrama os nomes que faltam. Escreva-os nos dedos.*

*Confira, agora, a resposta ali abaixo.*



**RESPOSTA:**  
 OS CINCO DEDOS  
 5 — mata-piolhos  
 4 — fura-bolos  
 3 — pai-de-todos  
 2 — seu-vizinho  
 1 — mindinho

Tira de humor



Agora, invente uma, você! .....



# VOVÔ E VOVÓ, ME CONTEM UMA HISTÓRIA

Queridos amiguinhos. Este ano é dedicado à velhice. Muitos de vocês podem contar com a alegre presença do vovô e da vovó. Que felicidade! Quanta coisa eles sabem e podem nos falar. Que tal pedirmos para o vovô ou a vovó contar uns "causos" ou histórias? Ouçam com atenção e depois escrevam para o Cotrisol o que eles falaram. Não esqueçam de agradecer a eles com um beijo carinhoso e um forte abraço. Eles merecem nosso carinho. Leiam esta história do nosso nono (vovô) (da Série Caminhos - FIDENE).

## O QUE O NONO CONTA

O nono (vovô) conta que viajaram muitos e muitos dias de navio para chegar aqui no Brasil. Os navios não eram tão rápidos como os navios de hoje.

"Já na Itália não tinha tanta terra. Quem tinha uma rocinha já era um terreno e poucos conseguiram uma rocinha. Então quando falaram: "vai lá no Brasil que lá tem muita terra, lá o 'vino', corre feito o rio, lá a terra é boa. Nós vende-

mos a pouca terra que tínhamos para conseguir o dinheiro da passagem".

"Viemos prevenidos, assim mesmo, pois não conhecíamos a nova terra - Só ouvíamos falar que era muito boa e dava de tudo. Por isso trouxemos uns galhos de parreira que a nona enterrou numa caixinha cheia de terra".

"Que viagem! Quanta água! Três meses viajando sem parar".

Aqui encontraram mato. E que mato! Mato puro que foi pre-

ciso aprender com os caboclos a derrubá-lo para plantar milho. Aprenderam também a plantar e a colher em terras novas, com a caboclada. Nos primeiros anos tudo era plantado e colhido normalmente.

O nono plantou as parreiras na encosta dos cerros lembrando as parreiras lá na Itália. Dentro de poucos anos tanta uva! O nono fazia 'vino' tinto e branco. Vinho puro de uva. Que vinho bom! Agora, o nono está muito sentido porque seus netos começaram a derrubar as parreiras para plantar soja. Ago-

ra não se faz mais o vinho. Os poucos pés de parreira que ainda restam, dão uva somente para comer. E as pipas, dantes cheias, agora estão abandonadas.

Na zona onde o nono morava fazia-se muitas "surpresas". Ele contou que se reuniam várias famílias para cantar, tomar vinho e "parlar". Aos poucos, como aconteceu com o vinho, estas foram acabando. O nono, quando fala desses momentos alegres que não voltam mais, correm-lhe as lágrimas dos olhos.

## INVENÇÃO

Vamos inventar algo?

Manoel e Marcos Vinícius fizeram estas invenções.

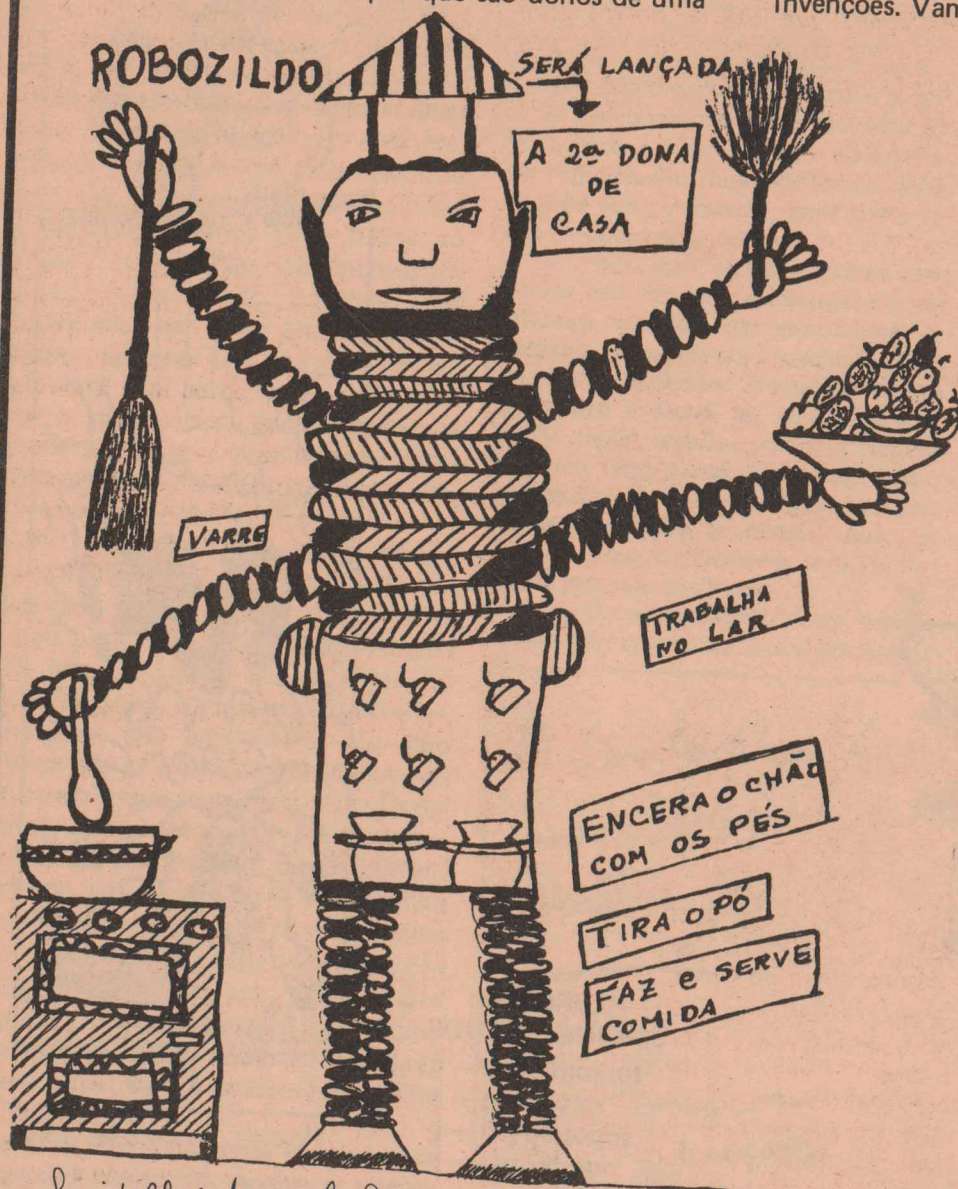
Convido-os a desenharem algo de sua própria imaginação ou reformular o que já existe.

Vocês devem supor que são donos de uma

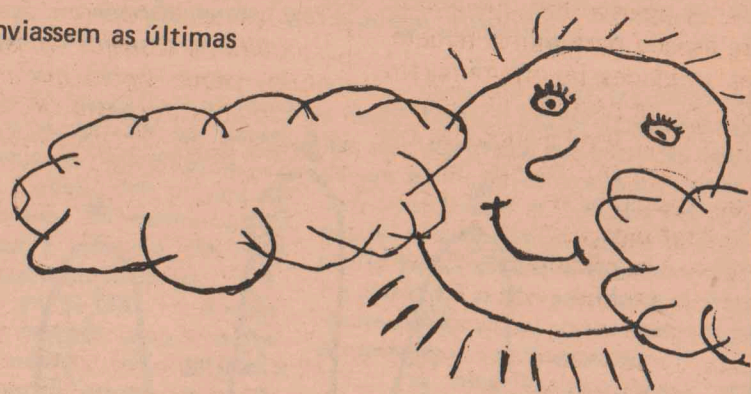
tecnologia super-avançada e por isso não há impedimentos para sua criação. Ao término do desenho devem fazer uma pequena propaganda e dar o nome à invenção.

Que tal sugerir à professora para realizar este trabalho em sala de aula?

Gostaríamos que nos enviassem as últimas invenções. Vamos aguardar!

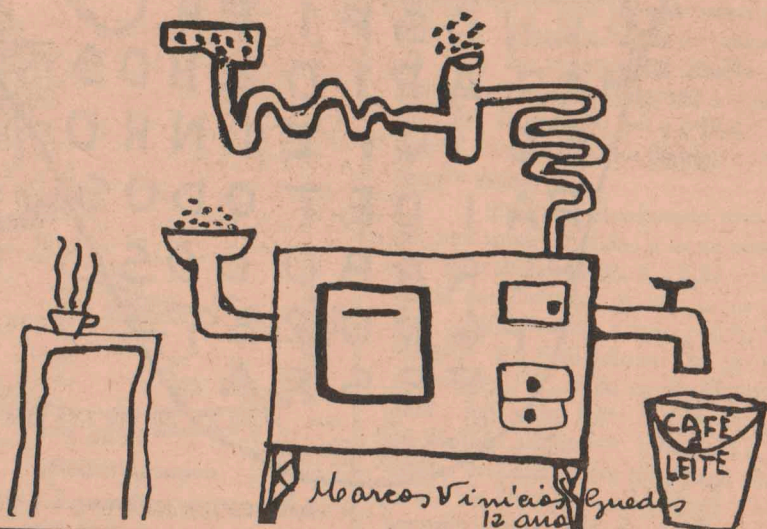


Indolfo Manoel Gressler - 13 anos



NOVIDADE!

FOGÃO QUE FAZ CAFÉ, OU CAFÉ COM LEITE



Marcos Vinícius Guedes 12 anos



# EDUCAÇÃO

COMUNIDADE – FAMÍLIA – ESCOLA  
Elaborado pelo Centro de Educação/Fidene

## 15.000 ESTUDANTES NO CONCURSO DA COTRIJUÍ

Um concurso de desenhos e redações foi a forma de participação direta de todos os estudantes dos municípios da área da Cotrijuí nas festividades que marcaram os 25 anos da Cooperativa. Este concurso teve suas normas de classificação elaboradas em conjunto com as secretarias municipais de educação, que inclusive selecionaram os melhores trabalhos de cada localidade.

A participação foi bastante expressiva, envolvendo quase 15.000 estudantes de toda Região Pioneira e mais de Dom Pedrito. Em Ijuí participaram 78 alunos de 67 escolas de primeiro grau; em Santo Augusto foram 2.900 estudantes, de 20 escolas do 1º grau e uma do 2º grau; em Tenente Portela participaram 2.359 alunos, de 99 escolas do 1º grau e uma do 2º grau; em Dom Pedrito foram 20 alunos de oito escolas do 1º grau; em Coronel Bicaco (compreendendo ainda Redentora e Braga) foram envolvidos 3.589 alunos, de 55 escolas de 1º grau e duas do segundo grau; em Ajuricaba a participação foi de 2.700 estudantes de 49 escolas do 1º grau e uma do 2º grau; em Chiapetta, 837 estudantes, de oito escolas do 1º grau e uma do 2º grau; em Jóia

participaram 918 estudantes de 21 escolas do 1º grau; em Augusto Pestana foram 1.450 alunos, de 39 escolas, sendo uma também do 2º grau.

### A PREMIAÇÃO

As crianças de 1a. a 3a. série participaram com desenhos. Da 4a. a 8a. série do 1º grau os alunos participaram com uma redação sobre o tema "Cotrijuí e o Cooperativismo". Os alunos das três séries do 2º grau escreveram sobre "Cooperativismo no Contexto Sócio-Econômico do país". Cada escola selecionou um trabalho por série e em cada município foram escolhidos os melhores trabalhos de cada série.

Todos estes classificados receberam prêmios. Os alunos do primeiro grau ganharam uma camiseta dos 25 anos da Cotrijuí e mais um livro de poesias sobre a cooperativa, escrito por Pedro Darci de Oliveira. Os classificados do segundo grau receberam também a camiseta e ainda um livro do professor Telmo Frantz, onde ele analisa o desenvolvimento da agricultura regional e o crescimento da Cotrijuí. Todos os classificados também participaram de uma viagem até a praia de Cassino, em Rio Grande, onde a Cotrijuí mantém uma colônia de férias.

### BOLSAS DE ESTUDO

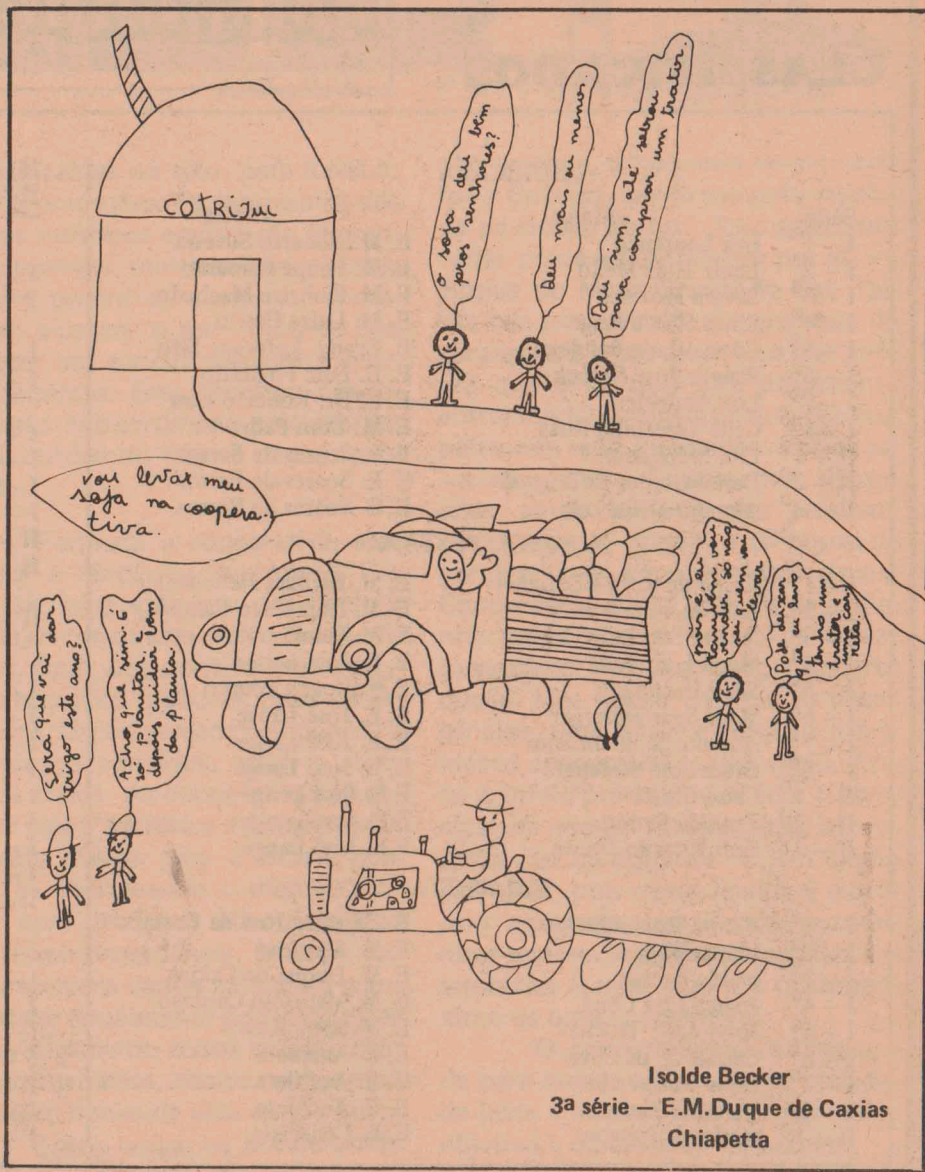
Entre os classificados das unidades ainda foi feito um sorteio de duas bolsas de estudo. No primeiro grau a sorteada foi Celeste Terezinha da Silva, aluna da 6a. série do primeiro grau da Escola Anchieta, de Chiapetta. Sua professora é Sônia Valandro. Celeste, que é filha de agricultores residentes em Colônia Glória – município de Independência – mora com um irmão em Chiapetta. A sua bolsa de estudos assegura a continuidade dos seus estudos no 2º grau, num curso equivalente aos do Imerab (Instituto Municipal de Educação Rural Assis Brasil), de Ijuí.

No segundo grau foi sorteada a estudante Anne Margaret Trautmann, que cursa o segundo ano do 2º grau da Escola Feliciano J. Alberto, de Redentora. Ela foi orientada pela professora Anilva Maria Jacobbo. Anne, que é filha do agente do Funrural do município, tem direito a uma bolsa de estudos para um curso superior, equivalente aos de Administração Rural ou Cooperativismo, da Fidene.

Todo este caderno foi dedicado para a divulgação dos resultados do concurso. Também estamos publicando alguns dos 90 trabalhos classificados. Confira nas páginas seguintes.



As bolsas de estudo, foram sorteadas pela secretária de Educação de Ijuí, Sônia Drews, e pelo diretor do CeCa/Fidene, Davi Basso



Isolde Becker  
3a série – E.M. Duque de Caxias  
Chiapetta



# UMA AMOSTRA DOS TRABALHOS

**Celeste Terezinha da Silva**  
Série: 6ª - I Grau  
Escola Estadual Anchieta - Chiapetta

O cooperativismo foi criado pela necessidade dos homens. O cooperativismo se originou na Inglaterra em 1844. A Cotrijuí foi fundada no dia 20 de julho de 1957 para levar adiante este esquema.

Cooperativa é um órgão muito importante, em que os agricultores sobreviverão fazendo valer seus direitos. Para sermos dignos deste ideal vamos lutar, levar adiante, seguir em frente essa obra, pois só você poderá levar adiante essa causa maravilhosa que está em nossa frente, pois ela é digna de teu esforço.

A cooperativa é uma fonte de sobrevivência para nós. Você já pensou se não houvesse a cooperativa? O que faríamos com nossos produtos como a soja, o trigo e muito mais? Onde iríamos comercializar tudo isso? A cooperativa necessita de nós, pois se a mesma não tivesse produtos para transformar em matéria-prima, ela não teria utilidade alguma. Então devemos pensar que a cooperativa é digna do agricultor e nós dela. Você pode chegar à conclusão que um necessita do outro para viver e que devemos nos ajudar para ir em frente.

Cooperativa é instrumento de eficácia incontestável, e nós, agricultores, temos o melhor cooperativismo do país.

**Anne Margaret Trautmann**  
Série: 2º ano do II Grau  
Escola Feliciano J. Alberto - Redentora

Para se conseguir falar sobre o cooperativismo no padrão sócio-econômico, precisa-se primeiramente o padrão sócio-econômico solitariamente.

Este, para uma comparação, pode-se dizer que ele é precário, pois o alto nível de mortalidade infantil, o analfabetismo e o conceito visual da vida do povo brasileiro, podem nos indicar nitidamente a situação em que nos encontramos.

Já avaliando o cooperativis-

mo, devemos antes saber o que significa o mesmo, pois jamais podemos falar sobre algo que não possuímos visões alguma, nem tampouco conseguimos definir de modo nítido e esclarecido, não somente para nós, mas também para aquele que vamos tentar transferir a mensagem que foi destinada.

As cooperativas são associações de caráter social e econômico, que não visa lucro e que destina a organizar os setores de produção, de consumo e de crédito. Já o cooperativismo consiste no ato das cooperativas que visam sobretudo cooperar com os seus associados, já que sabe-

mos que é impossível ser uma associação comercial composta por um único membro. O cooperativismo visa a realização de um programa comum, anti-capitalista e de combate ao monopólio.

No contexto sócio-econômico do Brasil, as cooperativas possuem um lugar complexo e de bastante estabilidade, já que os seus números não são poucos, nem tão pouco o número de seus associados. Ele foi criado para facilitar principalmente o pequeno produtor rural, já que este encontra dificuldades de grandes deslocamentos, como também dificuldades financeiras. O papel principal do

cooperativismo é o auxílio mútuo do associado versus cooperativas.

O Estado, atualmente, está dando um grande estímulo e incentivo ao sistema do cooperativismo pois, com esse, desde o seu prolongamento e expansão, a situação financeira pode se estabilizar ao menos um pouco, já que hoje é de extrema importância a situação de um país para o desenvolvimento comercial, vivencial e padronizador de empregos e criações de maiores fontes de rendas.

No desenvolvimento do cooperativismo, houve em certa época um grande decaimento, ao qual muitas não conseguiram se sobressair, enquanto que outras se sobressaíram e conseguiram a estabilidade definida. Com a ajuda do cooperativismo, os seus associados, a cooperativa, cada vez que estabilize mais, pode oferecer serviços e préstimos aos seus cooperados. A sua maior conquista que pretende o cooperativismo, é a estabilidade do padrão sócio-econômico: fornecer aos associados informações que lhe ajudem no seu cotidiano, bem estar social e comunicação de todos os seus integrantes. O cooperativismo trouxe aos associados grandes vantagens, tais como: armazenamento de seus produtos; amparo aos associados; neutralização do capitalismo; oferecer objetivos comuns e concretos, etc.

O sistema cooperativista deverá ser conservado em nosso meio, para que haja assim a estabilidade complexa do padrão sócio-econômico nacional e para conseguirmos sobressair do alto nível de inflação.

**Ivone Oronha Correia**  
Série: 6ª do I Grau  
Escola: Grupo Escolar Cel. Urbano das Chagas - Dom Pedrito.

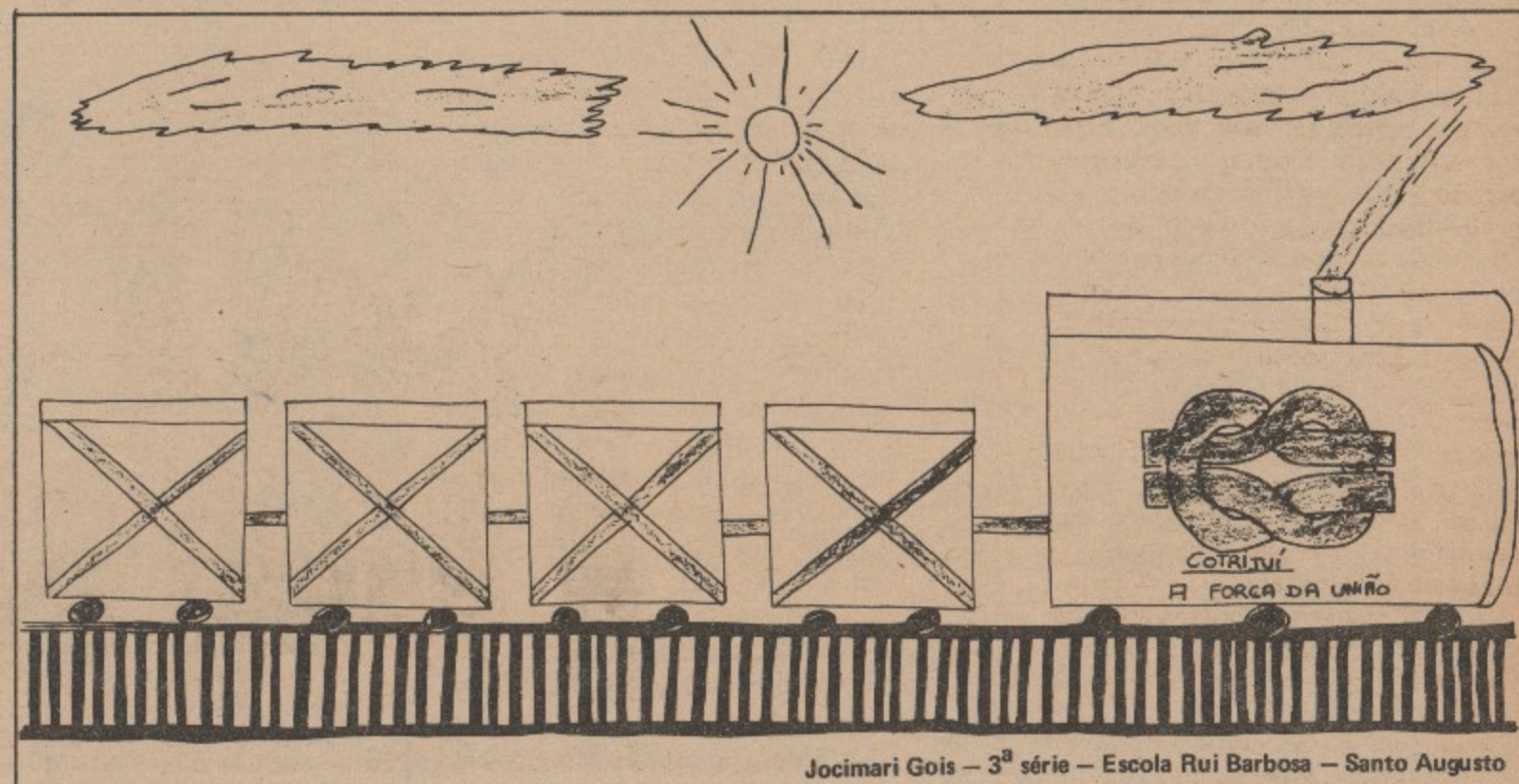
Cotrijuí quer dizer Cooperativa Regional Triticola Serrana Limitada, surgiu esta em Ijuí, fundada por doze membros, onde todos tinham a mesma idéia de cooperativismo. Ela foi se expandindo por todo o nosso Rio Grande do Sul, onde nos dias atuais a Cotrijuí já se alastrou do Sul ao Norte do País. Cotri-

jú para nossa cidade significa muito, trouxe para a nossa população um grande número de empregos, no meio rural deu ao homem do campo a assistência social com o auxílio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Dom Pedrito. Mas não ficou só aí, também cursos de capacitação, enfim muitos outros cursos, que se formos citar serão muitos.

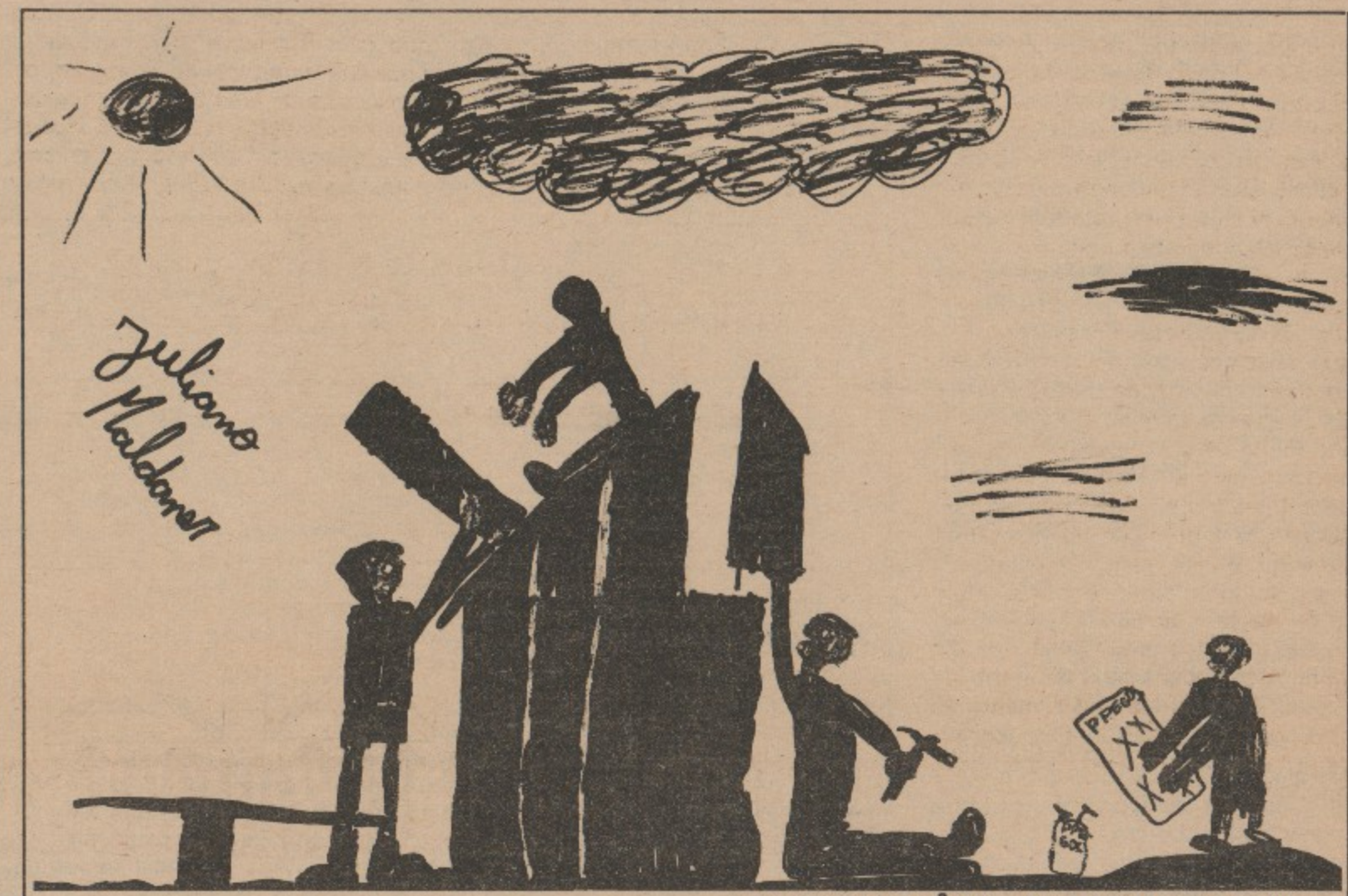
A Cotrijuí trouxe para os agricultores de Dom Pedrito os técnicos nas lavouras de soja, arroz e trigo, homens dinâmicos e que merecem todo o nosso apoio. Para os pe-

cuaristas vieram veterinários, que dão tudo de si para servir os pecuaristas associados da Cotrijuí.

O cooperativismo é isto, onde todos são um só, porque o que um não consegue muitos conseguirão. Quando os associados têm certos problemas, recorrem à cooperativa e lá ela, com seu núcleo de associados, estará voltada para aquele elemento. A Cotrijuí também coopera para garantir a auto-expressão, espírito crítico e a auto-realização. Cotrijuí e cooperativismo são sinônimos de eficiência e produtividade.



Jocimari Gois - 3ª série - Escola Rui Barbosa - Santo Augusto



Juliano Maldanes - 2ª série - Escola São Francisco - Ijuí

## CLASSIFICADOS

Série	Aluno	Escola
I - 1ª	Eva Lourenço	E. M. Roberto Silveira
I - 2ª	Lenir T. de Mello	E. M. Felipe Camarão
I - 3ª	Silvani Moresco	E. M. Pinheiro Machado
I - 4ª	Silvia Flávia Brigo	E. M. Luiz Couto
I - 5ª	Cilonei Luiz Bandeira	E. Evang. Luterana São
I - 6ª	Walmir José Scheck	E. E. Luiz Fogliatto
I - 7ª	Lori Mulbeier	E. E. Dr. Roberto Löw
I - 8ª	Célia Terezinha Rosa	E. M. Dom Pedro I
II - 1º	Elói Stephanini	E. E. Soares de Barros
II - 2º	Derlei Gomes Rodrigues	E. E. Soares de Barros
II - 3º	Almanir Dallabrida	E. E. Soares de Barros
<b>AUGUSTO PESTANA</b>		
I - 1ª	Vânia da Rosa Rodrigues	E. M. Bárbara Heliodora
I - 2ª	Lairton Vilmar Selli	E. M. Humberto Campos
I - 3ª	Adelar Soares Rodrigues	E. M. Othelo Rosa
I - 4ª	Maria I Athayde	E. E. José Lange
I - 5ª	Sueli Hartmann	E. M. Rocha Pombo
I - 6ª	Marli Sparenberger	E. E. José Lange
I - 7ª	Adriane Schunemann	E. E. José Lange
I - 8ª	Grace Ane Stefanelo	E. E. José Lange
II - 1º	Celso Ciotti	E. E. José Lange
II - 2º	Zenaide Simon	E. E. José Lange
II - 3º	Sadi Ricardo Drews	E. E. José Lange
<b>CHIAPETTA</b>		
I - 1ª	Venise Rochinheski	E. Hipólito José da Costa
I - 2ª	Flávio Wagi	E. M. São José
I - 3ª	Isolde Becker	E. M. Duque de Caxias
I - 4ª	Joares José Cima	E. M. Maurício Cardoso
I - 5ª	Jorge Luiz Trocha	E. M. Sady Kurtz
I - 6ª	Celeste T. da Silva	E. E. Anchieta
I - 7ª	Irene Rospierski	E. E. Anchieta
I - 8ª	Valdecir Blass	E. E. Anchieta
II - 1º	Marisa S. Johann	E. E. Cenecista

II - 2º	Marlize Rozin	E. E. Cenecista
II - 3º	Vera Lúcia da Rocha	E. E. Cenecista
<b>CORONEL BICACO</b>		
I - 1ª	Cleide Gonzatto	E. São Pio X - Redentora
I - 2ª	Raquel Inerich	E. José do Patrocínio Redentora
I - 3ª	Iracema M. de Medeiros	E. Princesa Isabel
I - 4ª	Marli B. Huppés	E. E. Feliciano J. Alberto - Redentora
I - 5ª	Leodoni Prates	E. Cristovão Colombo
I - 6ª	Vera S. Vieira	E. Cecília Meirelles
I - 7ª	Adriana Pasqualini	E. E. Santo Pazini - Braga
I - 8ª	Marivani Ribeiro	E. E. Cecília Meirelles
II - 1º	Erico Guedes Gonçalves	E. E. Cecília Meirelles
II - 2º	Anne Margaret Trautmann	E. E. Feliciano J. Alberto - Redentora
II - 3º	Joel Erzi Koch Tasso	E. E. Santo Pazini - Braga
<b>IJUÍ</b>		
I - 1ª	Denise Luisa Dreffs	E. M. Pedro Álvares Cabral
I - 2ª	Juliano Maldanes	E. Francisco de Assis
I - 3ª	Estela Maris Jakoboski	E. M. Pedro Álvares Cabral
I - 4ª	Rosane Rodrigues dos Santos	E. M. Estado Amazonas
I - 5ª	não houve classificação	
I - 6ª	Marisa Eliane Wermuth	E. E. N. Sra. Conceição
I - 7ª	Tania Maturana Felden	E. Pedro Maciel
I - 8ª	Roseli Boneta de Moraes	E. Francisco de Assis
II grau	não houve participação	
<b>JÓIA</b>		
I - 1ª	Gelson L. da Silva	E. E. Pedro Brum
I - 2ª	Tania Regina O. Lima	E. E. Pedro Brum
I - 3ª	Tania Regina S. Oliveira	E. E. Pedro Brum
I - 4ª	Elton José Mench	E. Antônio Mastella
I - 5ª	Pedro Cesar Moraes	E. Geovani B. Patias
I - 6ª	Paulo Cesar Fontana	E. Antônio Mastella
I - 7ª	Dalva Eunice Dambros	E. Antônio Mastella

I - 8ª	Eliane Kerber Santos	E. Antônio Mastella
II grau	não houve participação	
<b>SANTO AUGUSTO</b>		
I - 1ª	Elisate Levistisk	E. São Valério
I - 2ª	Darli Viani Alves	E. M. Antonio Liberato
I - 3ª	Jocimari Gois	E. M. Rui Barbosa
I - 4ª	Flávio Cazzaroli	G. E. Santo Augusto
I - 5ª	Rosélia Fátima Gestum	E. M. Fernando Ferrari
I - 6ª	Lúcio André Lick	E. São Valério
I - 7ª	Celso Luiz Justen	G. E. São Martinho
I - 8ª	Milene Biazzi	G. E. Santo Augusto
II - 1º	Pedro Felisberto da Silva	CNEC Padre Anchieta
II - 2º	José Valdez Gonzatto	CNEC Padre Anchieta
II - 3º	Leandro Gonçalves	CNEC Padre Anchieta
<b>TENENTE PORTELA</b>		
I - 1ª	Rodrigo R. Vieira	E. E. Cléia S. Dalberto
I - 2ª	Roselaine A. Oliveira	E. E. Juscelino Kubitschek
I - 3ª	Rosimeri L. Tamiozzo	E. E. Barão do Rio Branco
I - 4ª	Dolores Elsembach	E. E. Getúlio Vargas
I - 5ª	Eduardo Kirsch	E. E. Tenente Portela
I - 6ª	Noemi Caron	E. E. Francisco Ballestrin
I - 7ª	Rosenei J. Menegazzi	E. E. Cléia S. Dalberto
I - 8ª	Marcia de Mattos	E. E. Érico Veríssimo
II - 1º	Maristela Souza	E. Cenecista Tenente Portela
II - 2º	Carla Regina Wingert	E. Cenecista Tenente Portela
II - 3º	Zirce A. G. dos Santos	E. Cenecista Tenente Portela
<b>DOM PEDRITO</b>		
I - 1ª	não houve classificação	
I - 2ª	Adriana Inga F. Kulmann	E. Prof. Bernadino Tatu
I - 3ª	Maria de Fátima S. Oliveira	E. M. Vila Aprué
I - 4ª	Rosane Terezinha da Silva	E. E. Senador Pasqualini
I - 5ª	Ana Maria Oliveira Bicca	E. E. Cel. Urbano de Chagas
I - 6ª	Ivone Oronha Correia	E. E. Cel. Urbano de Chagas
I - 7ª	Jocelaine Camargo	E. E. Cel. Urbano de Chagas
I - 8ª	João Batista A. Cavalheiro	E. E. Cel. Urbano de Chagas
II grau	não houve classificação	

**Elói Stephanini**  
Série: 1º ano - II Grau  
Escola Estadual Comendador Soares de Barros - Ajuricaba

O Cooperativismo nasceu dentro de um país extremamente capitalista (Inglaterra). É um órgão que se classifica entre o capitalismo e o socialismo. Surgiu para amenizar os graves problemas que existem no sistema capitalista.

O surgimento do cooperativismo dentro do Brasil se deu devido à expansão do cultivo do trigo, principalmente na região sul. Com a excessiva produção desse cereal houve a necessidade de criar um lugar para armazenar e posteriormente comercializar esta produção. Surgiu então uma associação de pessoas (colonos), que se reuniram e se organizaram para resolver estes dois problemas, a princípio. Esta associação de pessoas deu-se o nome de Cooperativa Agrícola.

Mas é de suma importância salientar que antes da expansão da cultura do trigo, os solos eram fracos e ácidos. Houve então um grande incentivo por parte dos fabricantes de adubos e insumos para que se aplicas-

se fertilizantes no solo, para torná-lo fértil e produtivo. Os fabricantes dos adubos químicos eram e são as grandes empresas multinacionais. Estas grandes potências, portanto, conseguiram alcançar o seu objetivo, isto é, impor aos agricultores seus produtos químicos. Esse processo ocasionou uma extraordinária produtividade do cultivo do trigo e demais produtos.

Formada a cooperativa, esta só teve a tendência de crescer. Dia após dia, ano após ano, foi tendo a adesão de novos associados e simpatizantes. Com uma política amplamente democrática e aberta, onde os associados são os verdadeiros donos, a cooperativa conseguiu atrair a atenção de todos. As cooperativas alcançaram pleno sucesso e também estão trazendo divisas para o Brasil, pois além de abastecerem o mercado interno com produtos industrializados e de ótima procedência, também exportaram para vários países em grande escala. Atualmente podemos dizer que praticamente todos os agricultores são membros, sócios, ou porque não dizer, donos de uma cooperativa.

Entre todas as cooperativas

que existem, a que mais se destacou foi a Cotrijuí, tendo sua sede instalada na cidade de Ijuí, RS e possuindo várias unidades espalhadas por aí, inclusive no Mato Grosso do Sul. Talvez seja por causa de sua grandeza de abrangência e seu majestoso patrimônio que a Cotrijuí está atualmente enfrentando problemas que diz respeito aos seus associados. Vários associados desta Cooperativa alegam estar sendo prejudicados pela sua Cooperativa e chegam a tal ponto de até desviarem a sua produção de sua Cooperativa. Resta então uma incógnita: saber qual o motivo pelo qual o agricultor está desviando a sua produção. Mas apesar de algumas divergências, uma coisa é certa: o movimento cooperativista deu certo. Desde o início preocupou-se com o bem-estar de todos, aproximando o produtor do consumidor. É um órgão exemplar, pois quem manda é o próprio associado, que decide os caminhos a serem seguidos através das Assembleias Gerais, que é o órgão máximo de uma cooperativa.

O cooperativismo é uma saída para que se construa uma sociedade justa e fraterna, em que seu maior objetivo é o bem-estar do homem.



Elson José Mensch  
Série: 4ª do 1º Grau  
Escola Antonio Mastella – Jóia

Cooperar é trabalhar juntos para resolver os problemas que são de todos. Cooperativismo é a união de pessoas querendo uma vida melhor. Cooperar é a própria essência do comportamento democrático; é conversar, discutir, planejar.

Cooperativamente resolvemos problemas simples do dia-a-dia junto com nossas famílias, nas escolas e vizinhanças. A Assembléia Geral reúne todos os associados em iguais condições e cada um tem o mesmo direito de participar das decisões a respeito da cooperativa.

Princípios que regem a organização cooperativista são adesão livre, controle democrático, neutralidade política e religiosa, desenvolvimento do ensino, vendas seguindo o preço.

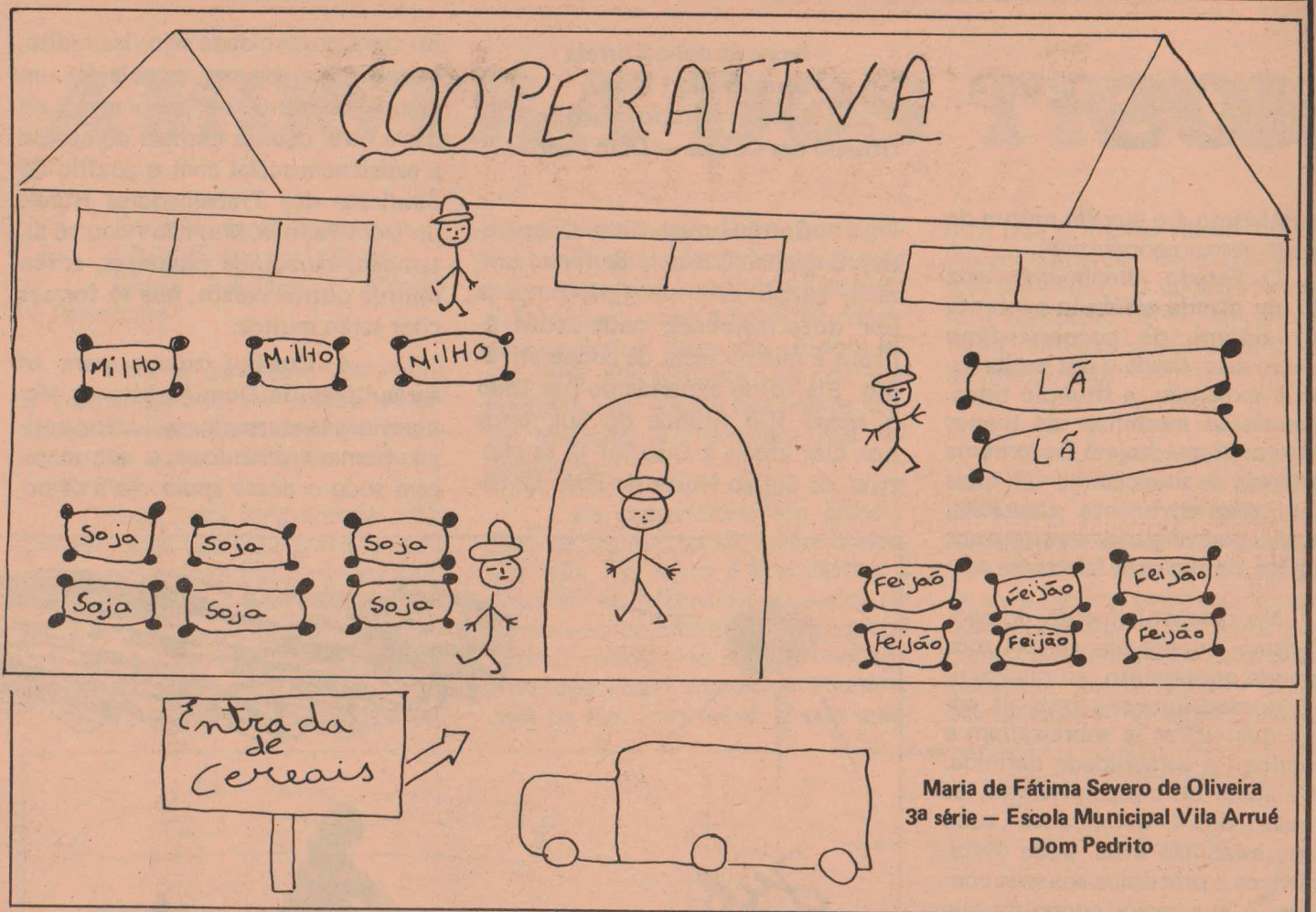
Em julho completará 25 anos a Cotrijuí, no dia 20. Antigamente não existia cooperativa. Então os produtos eram vendidos em casas de negócios, aos comerciantes. O trigo era vendido nos moinhos, mas hoje graças a união temos as cooperativas. A Cooperativa Tritícola de Ijuí trouxe grandes benefícios a todos os colonos dessa região.

Flávio Cazarolli  
Série: 4ª do 1º grau  
Grupo Escolar da Sede – Santo Augusto

O cooperativismo é a união de algumas pessoas que têm o mesmo tipo de serviço e que querem trabalhar unidas para obter o bem de todos. Numa associação cooperativista os associados lutam sempre para dar melhores condições de vida e desenvolvimento para todos ao mesmo tempo. Nas cooperativas todos os sócios são tratados com igualdade, sem levar em conta a riqueza de cada um. As pessoas desunidas são mais fracas, não têm tanta força para lutar contra os mais poderosos. Unidas em cooperativas, têm mais força, não se deixam enganar tão facilmente.

Nas cooperativas os sócios ganham mais pelos produtos que vendem e compram mercadorias mais baratas. Aqui em Santo Augusto tem a Cotrijuí que funciona há muitos anos, oferecendo muitos benefícios aos agricultores. Se não fosse ela o preço dos produtos nas outras firmas seria mais alto. Os lucros são empregados em construções de prédios que ficam pertencendo aos sócios. Esta cooperativa tem pessoas que ensinam os sócios a plantarem e produzirem mais. Ela também tem aqui um Hospital. Em outros lugares tem fábrica de óleo de soja, até lugar de praias, onde já estivemos, que é no Cassino em Rio Grande.

Por todas essas coisas é bom ser sócio desta ou de outras cooperativas.



Maria de Fátima Severo de Oliveira  
3ª série – Escola Municipal Vila Arrué  
Dom Pedrito

Nome: Maristela Souza  
Série: 1º Magistério  
Escola Cenecista de 2º Grau – Tenente Portela.

Desde o início da humanidade é sabido que “ninguém vive sozinho”. Cooperar é uma necessidade; é uma exigência para a própria sobrevivência humana. Para uma pessoa viver, sempre depende da outra. Por assim ser, se reconhece que a cooperação e o cooperativismo nascem com a própria humanidade. Porém a sua força como a máquina impulsionadora do progresso e soluções das dificuldades humanas é fenômeno de certo modo recente, de pouco mais de um século. Mais recente ainda é o seu avanço e concretização como ideal na busca de uma sociedade mais justa e fraterna, onde todos vivem em cooperação mútua.

Nos mais sérios e difíceis momentos que vive hoje a humanidade, verificamos um despertar entusiástico da iniciativa cooperativista nas soluções mais acertadas e definidas. Mesmo no campo econômico e social, os serviços prestados já foram testados como excelentes. E, como força e esperança, surge como caminho para uma sociedade melhor, diante de sistemas econômicos que têm sido incapazes de encontrar soluções humanas para seus problemas.

O cooperativismo como sistema de atuação econômica é a solidariedade

moral e a cooperação material entre os indivíduos componentes dos grupos sociais que o praticam, com vistas a realização de um fim de interesses comum e no final a cooperativa, como pessoa jurídica distinta dos sócios, auxiliando a sua economia individual e promovendo o seu bem-estar no plano dos valores culturais.

O cooperativismo como instituição nasceu com a Revolução Industrial, por causa das conseqüências desumanas em que a vontade desesperada de lucro transformou os assalariados em dependentes, fracassados e desprotegidos. Como o homem é eterno pela própria natureza, pois se sofre, no mesmo instante é forte, reage e sobrevive, eles optaram pela organização de sua força.

Foi no ano de 1844, em Rochdale, que nasceu a experiência no cooperativismo e que se estendeu pela Inglaterra e depois pelo mundo inteiro, numa demonstração do poder imenso da ajuda mútua. Foi um movimento que tentou uma saída inteligente e forte, própria para honrar a pessoa humana e defender seus direitos, buscando soluções dos outros seus conhecimentos. Hoje o movimento cooperativista está espalhado e em plena expansão pelo mundo. Os números mais recentes indicam que existem mais de 580.000 cooperativas. E não apenas cooperativas de produção, quase todas as

categorias de trabalhadores estão organizadas.

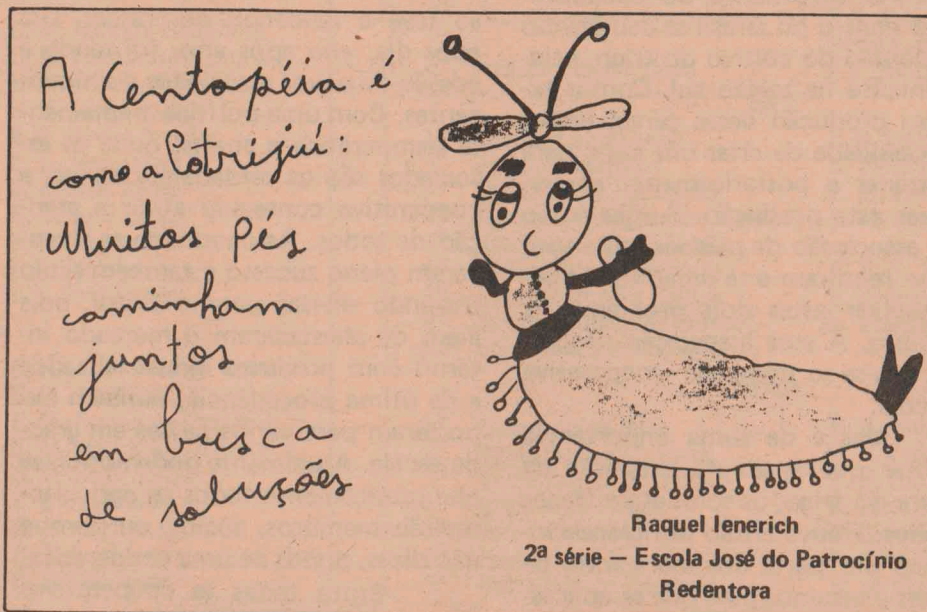
A constituição de uma cooperativa começa com a constatação de um problema que é comum a um certo grupo de pessoas. A cooperativa é uma associação de pessoas em igualdade de direitos e deveres, para o desempenho de determinada atividade. O objetivo é satisfazer suas necessidades, mas sem que seu funcionamento esteja sujeito ao domínio do capital ou do lucro.

Constituir uma cooperativa não é difícil. O difícil é fazer com que ela realize seus objetivos e que sobreviva dentro de um país com economia capitalista e com altos índices de inflação. Em tal situação as cooperativas servem principalmente para viabilizar o sistema do país. No início do século passado os desequilíbrios econômicos e sociais causados pelo capitalismo eram flagrantes.

O cooperativismo marca, sem dúvida, uma presença atuante na vida de todos nós. Tem por finalidade amparar os seus associados na sociedade em que vivem, agindo assim, de forma contrária ao capitalismo. A cooperativa é uma sociedade de pessoas que juntas trabalham com um objetivo comum, defendendo os interesses do grupo, com a finalidade de proporcionar a cada um dos seus associados o melhor resultado de suas atividades.

A Cotrijuí nasceu junto ao momento que a idéia cooperativista era difundida na região. Surgiu relacionada a crise da comercialização do trigo. Após 25 anos de experiências vividas na sua prática, a Cotrijuí se destaca e irradia para o Rio Grande do Sul e o Brasil seus laços de cooperativismo, demonstrando sua força e união.

Estamos atualmente presenciando mais uma experiência dessa cooperativa: “educação educativa”, com a finalidade de conscientizar os associados da prática cooperativista, dando condições necessárias para solucionar os problemas que surgem. Só assim os associados terão uma cooperativa forte e ativa, intervindo no campo, projetando o homem e a produção, estancando o êxodo rural e melhorando os sistemas econômicos e sociais, assumindo mudanças na própria estrutura do país.



Raquel Ienerich  
2ª série – Escola José do Patrocínio Redentora